



# Na Lista Negra

Série Alien Huntress 2.2

Gena Showalter

*Caçar aliens pode acabar em morte. Mas também pode acabar em um encontro. A estudante de instituto Camille Robins e sua melhor amiga estão decididas a chamar a atenção de seus apaixonados antes da graduação do mês próximo. Armadas com vestimenta super quente e cabelo chamativo, invadem o clube mais sexy da cidade, o qual atende os desejos dos ricos e famosos, tanto humanos quanto aliens. Terminam seguindo Erik (humano) e ao Silver (não humano) através de uma porta protegida e logo estarão separadas e sob ataque...*

*E não do tipo bom.*

*O menino mau Erik salva a vida de Camille, mas logo se verão perseguidos por agentes armados do AIR. Camille está mais confusa que nunca, porque Erik finalmente mostra um interesse real nela, embora os agentes o acusam de fornecer Onadyn (uma droga que arruína a vida dos humanos). Da noite para o dia, ainda com o calor de seu beijo presente nos lábios, Camille deve decidir de que lado está... e se estiver disposta a arriscar sua vida para salvar a do Erik.*

*Disp em Esp: Kalosis*

*Envio do arquivo: Gisa*

*Revisão Inicial e Formatação: Lucilene*

*Revisão Final: Danielle Aguiar*

*Capa: Elica Leal*

*TWKliek*



**Comentário da revisora Lucilene:** Para quem curtiu o livro anterior, vai gostar muito desse. Eu amei o Erik, ele é um menino mau muito fofo, rrsrs. A Camille é super insegura, mas no relacionamento com o Erik, encontra seu lugar no mundo. Muito bom, recomendo.

**Comentário da revisora Danielle:** Eu sou suspeita para falar, pois adoro os livros da GS, assim o que posso dizer é: leiam....rssi

## PRÓLOGO

ERIK Trinity tinha uma tática para comprar drogas.

Sempre durante o dia. Quando poucos agentes do A.I.R rondavam pelas ruas.

Sempre ao ar livre. Onde havia menos possibilidades de ser pego.

E sempre rodeado de gente. Inclusive o A.I.R. evitava disparar quando havia inocentes ao redor.

Sabia porque ele era um agente. Erik se estremeceu, odiando-se. Como lamentava que as drogas não fosse parte de uma missão secreta! Mas não o era. O que fazia era ilegal.

Se alguém descobrisse suas atividades extracurriculares, passaria o resto de sua vida na prisão. Mas se negava a parar. Não podia parar.

Muitas pessoas dependiam dele.

Geralmente, cada transação levava menos de dois segundos. Ele caminhava para uma direção e o vendedor para a outra. Quando se cruzavam, faziam a troca. Dinheiro em efetivo pelo Onadyn. Nenhum reduzia a marcha, nenhum dizia uma palavra. Só... boom. Feito.

Hoje não tinha sido diferente. Ele já levava vários frascos no bolso de sua jaqueta. Embora sua parte ainda não tivesse terminado. Agora era o momento de passá-los a seus novos donos.

Depois de jogar uma olhada para trás e não encontrar nada suspeito na risonha multidão que passeava e comprava pela abarrotada praça municipal de New Chicago, tomou um ônibus que se dirigia ao Distrito Sul, o lado pobre da cidade. Os edifícios de vidro cromado logo deram espaço aos edifícios desmoronados e carbonizados de tijolo vermelho que não haviam visto muitas reparações desde a Guerra Humanos-aliens, faz aproximadamente setenta anos.

As ruas se viam menos lotadas, e as pessoas que as ocupavam menos... limpa. Tanto humanos quanto aliens residiam aqui, mas Erik viu principalmente a Outros-mundos derrubados contra as paredes –tanto Arcadians de cabelo branco, Delenseans de seis braços, como Terans parecidos com gatos- todos muito doentes ou fracos para mover-se. A julgar por suas expressões



congeladas, alguns provavelmente estavam até mortos. As mãos de Erik se apertaram aos flancos. Grandes mortes mais insensatas. Evitáveis e desnecessariamente cruéis. Eles poderiam ter sido salvos facilmente.

Franzindo o cenho, desceu em sua parada. A cálida luz do sol o banhou imediatamente, recaindo sobre a jaqueta, a camiseta e os jeans negros que usava. A discreta e pouco memorável roupa não atraiu a atenção dos que estavam ao seu redor.

Realizou outra verificação ao perímetro. Ainda nada suspeito. Tão perto de terminar com tudo, pensou, seu alívio era tão forte que escurecia sua repugnância. Ele sempre sentia os nervos a flor da pele até que se desfazia do último dos frascos.

Mãos à obra. Erik caminhou com as mãos nos bolsos e ligeiramente cabisbaixo ao longo da calçada com aroma de ferrugem. Deu a volta à esquina e escutou um gemido cheio de dor. *Não pare. Não olhe.* Mesmo assim, seu olhar se concentrou em uma menina que se retorcia de dor.

*Continue se movendo,* dizia uma parte dele. Tinha visto centenas de aliens morrendo dessa maneira e, provavelmente, veria centenas mais.

*Ajude-a,* gritava outra parte.

Tinha aproximadamente uma hora para conseguir deixar o Onadyn a seus novos donos e retornar para casa. De outra forma, sua namorada despertaria sozinha e se perguntaria onde estava. E se Cara suspeitava, Cara faria perguntas. Ela também era uma agente, por isso saberia conseguir cada pequeno pedaço de informação de sua parte... informação que o destruiria.

Não, ele não tinha tempo para isto. Mas de todos os modos, agachou-se.

—Onde estão seus pais? —perguntou com suavidade à menina.

—Mortos — conseguiu grasnar ela, seu pequeno corpo convulsionando-se, os músculos sacudindo-se de forma irregular. Fechava as pálpebras com força, ocultando seus frágeis olhos violetas. Ela rodou até fazer uma bola.

A imundície a cobria da cabeça aos pés, e ele podia ver os piolhos subir por seu cabelo branco como a neve. Era uma Arcadian, de uns aproximadamente oito anos de idade. A agonia irradiava dela. Mais do que a maioria dos adultos poderia suportar. Mais do que ele poderia suportar.

—E não há ninguém mais que cuide de você? —perguntou, conhecendo já a resposta.

Sua boca se abriu e fechou, mas não saiu nenhum som. Ela lutava por respirar, incapaz de conseguir que entrasse uma só molécula de ar em seus pulmões. Seu estômago deu um nó quando a pele começou a tingir-se de azul.

Ele não tinha nenhum pingão do Onadyn para dar de presente, mas não podia abandoná-la assim. Sem a droga, que permitia a esta espécie alienígena tolerar a atmosfera da Terra, morreria igual como seus parentes tinham morrido. E se isso acontecia, seu rostinho de anjo o atormentaria pelo resto de sua vida.

Condenado isto e condenado ele! Erik olhou à esquerda, logo à direita. Ninguém parecia lhes dar nem a mais mínima atenção, por isso retirou um transparente frasco do bolso. Segurou-o



sobre seus lábios e verteu pelo menos o salário de uma semana por sua garganta.

Teria que comprar mais. O que significava mentir a Cara (outra vez) e gastar mais dinheiro de que tinha (outra vez).

Valia a pena?

Quase imediatamente, a cor da menina começou a voltar, o pálido creme afugentando o pálido azul. Seus traços se suavizaram e seu corpo se relaxou. Um feliz sorriso, lentamente frisou o canto de seus lábios.

Erik suspirou. Sim, valia a pena. Sabendo que viveria —ao menos durante um pouco mais — levantou-se e se afastou. Não olhou para trás. Por uma vez parecia o agente que, supunha-se, era, em vez do desprezível agente no que se converteu.

## CAPÍTULO 1

Uns meses mais tarde...

ALGUMA VEZ tropeçou com um segredo que pediria a Deus não ter conhecido jamais? Um segredo escuro e perigoso? Um segredo pelo que as pessoas matariam por proteger?

Eu sim.

E, sim, quase morri por isso.

Meu nome é Camille Robins. Tenho dezoito anos e é meu último mês no Instituto de New Chicago, Distrito Oito.

Tudo começou em uma agradável sexta-feira pela tarde quando minha amiga Shanel Stacy pegou emprestado o carro de seus pais e me pegou.

—Não posso acreditar que façamos isto — disse, já sem fôlego pela antecipação e os nervos, enquanto me deslizava no assento de passageiros.

—Acredite nisso, querida. —disse Shanel enquanto se metia no lado do condutor.

Com uns toquezinhos no teclado, programou a direção do Ship's no computador do carro e saímos pelo caminho de entrada até a estrada.

Como os sensores impediam que o carro batesse em algo ou a alguém, e como o computador conduzia, não tínhamos nem que prestar atenção ao caminho. Podíamos conversar tranquilamente e considerar todas as coisas que podiam sair errado no famoso clube noturno.

Como a possibilidade de que nossos pais soubessem de nossa mentira. Tínhamos lhe contado que iríamos passar a noite na casa de outra amiga. Uma amiga que nós tínhamos inventado. Ou a possibilidade de que nos expulsassem. Não somos ricas nem famosas como os clientes habituais. Ou que fizessemos o ridículo... a possibilidade maior de todas.

Nenhuma das duas tinha estilo.

Shanel me estudou, seu fixo olhar me percorrendo desde meu cabelo negro até minhas



botas. Debaixo delas, as unhas de meus pés estavam pintadas de azul, combinando com meus olhos.

—Por que parece que está a ponto de vomitar sobre o tapete do carro?

—Não me sinto cômoda com as atividades clandestinas. Já sabe.

—Isto não é clandestino. É divertido.

—Divertido? —Não é a palavra que eu teria escolhido.

—Oh, sim. —Shanel sorriu devagar—. Divertido. —Passou um segundo em silêncio e perdeu seu sorriso. Sua expressão se tornou pensativa— Lamento não ser um Outro.

Outro. Aliás, aliem. Meu rosto se franziu com confusão.

—Por que?

—Pensa nisso. Alguns podem controlar as pessoas com a mente. Eu poderia fazer que os meninos se apaixonassem por nós; ou forçar às pessoas a que nos notasse, nos convertendo nas garotas mais populares da escola. Não, do mundo, com apenas um pensamento.

Em teoria parecia maravilhoso, mas... não tinha nada contra os Outros, só que não queria ser um deles, fossem quais fossem seus poderes. Viviam e caminhavam entre nós, mas algumas pessoas ainda os odiavam e os tratavam como se fossem menos que... bom, humanos. Tinha visto como os humilhavam e debochavam deles sem piedade. Tinha visto como os empurravam e os golpeavam.

Queria me destacar, mas queria que fosse por algo bom.

Além disso, os Outros não se pareciam conosco. Alguns deles tinham chifres. Chifres! E não só na cabeça. Outros tinham a pele azul e múltiplos braços (asqueroso), outros gotejavam um pegajoso lodo verde (vomitivo) e outros trocavam de cor segundo suas emoções (bom, isso não era tão mau).

—E se esse poder de controlar a mente que tanto quer viesse com um preço? Como escamas verdes e hálito de pescado? —perguntei. Sim, alguns deles também tinham disso— Ainda quereria ser um Outro?

Shanel se estremeceu.

Tomaria isso como um não. Shanel e eu fomos invisíveis, sem ser vistas ou notadas pela elite de nossa escola, mas inclusive nossa socialmente inexistente vida era melhor que a daqueles Outros.

—Hmm... Acha que ele estará lá?

Não tinha que explicar quem era ele. Erik Troy. O magnífico, delicioso e apetitoso Erik Troy. Um garoto que poucas vezes olhava em minha direção, apesar de que observá-lo fixamente se tornou minha afeição favorita.

—Já lhe disse —disse Shanel—, estava em frente ao meu armário quando escutei Silver lhe dizer que se encontrariam no clube.

Silver e Erik eram os melhores amigos e os garotos mais sexys de nossa escola. Enquanto que Erik era humano, Silver era um Outro. Um Morev, uma das raças mais bonitas com as que tinham



me encontrado. Admito-o: Não me importaria me parecer com um Morevv, com a pele cremosa e os traços faciais angelicais.

Em realidade, Silver era o único alien completamente aceito que eu conhecia.

Shanel o queria; eu queria ao Erik (obviamente). Uma coisa era segura: os melhores amigos davam-se bens com as melhores amigas. Se só os meninos cooperassem!

—Acreditas que Ivy estará lá? —perguntou Shanel com um tom amargo.

—Provavelmente não.

Silver tinha uma relação tipo agora sim, agora não, com a popular Ivy Lynn, uma humana e alguém a quem sempre quis me parecer. Os dois estavam atualmente livres.

Erik, também, era um homem livre. Mas gostava das mulheres mais velhas... ou isso tinha ouvido. Provavelmente porque parecia mais velho que um garoto do colégio. Ele era maior, mais forte, mais masculino.

—Estou bem? —perguntei, meu nervosismo aumentando.

Os olhos verdes de Shanel me percorreram de cima a baixo e sorriu amplamente.

—Parece uma sexy besta preparada para ser solta.

Não pude menos que lhe devolver o sorriso. Sempre teve uma veia para o teatro.

—Sim, mas pareço mais velha?

—Querida, virtualmente está quase geriátrica. Se não a conhecesse, juraria que se aproxima dos trinta!

Cabeceei com satisfação. Meu longo cabelo castanho estava preso em um apertado rabo de cavalo para destacar os dez quilogramas de maquiagem que eu tinha aplicado e vestia um sutiã negro de couro sintético com uma saia a conjunto. Era agradável vestir algo mais que meu conservador uniforme da escola e que ainda por cima fosse sexy.

—E quanto a mim? —perguntou Shanel, deslizando as mãos por suas curvas.

Joguei-lhe uma olhada. A luz da lua se infiltrava pelas janelas do carro e a rodeava com uma prateada luz. Sua pele era pálida e sardenta, os olhos só um pouquinho grandes. Vestia um ajustado vestido rosa que harmonizava completamente com sua massa de cachos vermelhos, mas que de algum modo o fazia parecer maior.

—Silver vai babar por você.

Com um gritinho, aplaudiu e me ofereceu o braço com o pulso para cima.

—Maravilha. Agora, me cheire.

Cheirei e meu nariz se enrugou.

—Uh, sinto te dizer isto, mas cheira a terra.

—Não o sinta. É uma notícia maravilhosa! Fiz uma pequena investigação e descobri que os Morevvs adoram os aromas terrosos. Esfreguei lama por todos meus pontos pulsantes justo antes de pegá-la.

—Diabólico. —E sorri amplamente.

Os edifícios de fora se tornavam mais altos e mais próximos, por isso sabia que logo



alcançaríamos o clube. Outra onda de nervosismo me golpeou.

—E se não pudermos entrar?

—Ohhh, deixará de preocupar-se? — Shanel passou a língua pelos lábios— Conhece o Ell Rollis que meu pai contratou para trabalhar em nossa casa? Bem, ordenei-lhe que se encontrasse conosco no clube. Ele nos colocará.

Meus olhos se arregalaram. Os Ell Rollis eram uma raça de feias... coisas que cheiravam a lixo. Eram grandes, antinaturalmente fortes e uma vez que lhes dava uma ordem, só pensavam em obedecê-la. Só quando a cumpriam se relaxavam. Se Shanel lhe tinha ordenado que nos colocasse dentro do Ship's, conseguiria nos colocar por qualquer método necessário.

Talvez Erik me pedisse para dançar.

O carro se deteve e uma automatizada voz feminina disse:

—Destino alcançado.

Shanel soltou outro gritinho de prazer e teclou o código para estacionar. Uns segundos mais tarde, o carro estacionou.

—Esta vai ser a melhor noite de nossas vidas!

Ao menos, uma garota podia ter esperanças. Saímos e ficamos de pé fora, observando o clube enquanto uma cálida brisa nos envolvia. Construído de prateado cromo polido, o Ship's tinha forma de círculo, seus múltiplos níveis iluminados por centenas de luzes que rodeavam cada andar.

Inclusive dessa distância podíamos escutar o boom, boom da envolvente música, um demolidor som que induzia a mover-se. Uma longa fila se estendia ao redor do edifício e que conduzia à entrada. Procurei entre a multidão o Erik, mas não vi sinais de seu (sexy) corpo ou sua (atraente) cabeça loira. Estaria já dentro?

—Preparada? —perguntou-me Shanel.

Respirando profundamente o aroma de suor e gases de combustão ecológicos, agarrei a mão de Shanel.

—Não se afaste de meu lado, certo?

—Não me insulte. Como se eu fosse abandoná-la. —Shanel jogou uma olhada para a multidão e ofegou de felicidade— Veja. Aí está o Ell Rollis. Vamos.

Ela saltou para frente... deixando-me para trás.

Com um suspiro, corri atrás dela, meus saltos altos batendo contra o pavimento.

Quanto mais nos aproximávamos do clube, mais forte se tornava a música e as vozes e mais real se fazia o jogo. Deus, podia me colocar em muitos problemas por isso! Por norma geral, obedecia a meus pais e seguia suas regras ao pé da letra. Só a ideia de passar um pouco de tempo com o Erik tinha sido capaz de me atrair ao lado sombrio.

Shanel parou abruptamente frente ao macho Ell Rollis, que estava esperando de pé. Quando o Outro a viu, cabeceou em sinal de saudação. Tinha a pele seca e amarela, nenhum nariz (que eu pudesse ver), e dentes afiados parecidos com os de um lagarto. Tentei não olhá-lo fixamente.



—Esperei aqui justo como você me disse. — disse a Shanel, a voz profundamente acentuada.

—Obrigada, John. Agora, isto é o que quero que faça. Crie uma distração para que Camille e eu possamos entrar no edifício. — Indicou as duas portas vai e vem— Logo, fogue e se esconde, certo?

John, o que era um nome estranho para alguém tão desumano, assentiu de novo com a cabeça e caminhou com fortes passos para a direção que Shanel lhe tinha mostrado, abrindo caminho com empurrões através das pessoas. O seguimos. Algumas pessoas ofegaram, outras grunhiram com cólera, mas quase todos riram nervosamente e se separaram de seu caminho, como se seu maior desejo fosse fazer um favor a essa besta grande e pesada.

À frente da fila, John se deteve. Dois corpulentos guardas estavam parados frente a uma brilhante e azulada faixa-laser, que se estirava ao longo das portas, impedindo de alguém passar. Ao mesmo tempo, os homens cruzaram os braços sobre seus amplos peitos.

—Agora os distrairei — lhes disse John.

Os dois homens olharam um para o outro e riram.

—É feio e fede —disse um— Vá embora.

Sem outra palavra, John estendeu a mão e o agarrou pela garganta, levantando-o do chão. Murmúrios e ofegos percorreram a multidão. Assustada, dei um passo para trás. Inclusive podia ter retornado correndo ao carro, mas Shanel me empurrou até uma esquina escura.

—Deixa-o ir, sujo alienígena. —O guarda que ainda estava de pé, retirou uma pyre-arma de sua cintura e apontou ao peito de John.

Antes que pudesse disparar, John a sacudiu contra a parede e se quebrou. Todo o tempo, sacudiu ao tipo o mantendo no ar, as pernas do homem quase tocando a faixa-laser. Se chegasse a tocá-la, sua roupa e sua pele se queimariam horrivelmente.

—Desligue o laser, Turk. — ordenou a seu amigo, seu rosto pálido... não, azul. E tornando-se mais e mais azul— Desliga. O. Laser.

Engoli ar.

—Laser!

Com mão instável, Turk teclou o código. Imediatamente o laser desapareceu como se nunca tivesse existido.

John sorriu amplamente e deixou cair ao agora ofegante guarda.

—Bons meninos.

Shanel me empurrou por diante do distraído par, e por diante das portas vai e vem, e penetramos no edifício. Assim fácil. Estávamos dentro. Joguei uma olhada sobre meu ombro e vi como a multidão se lançava também para dentro. John se dirigia em direção contrária, correndo longe tal e como lhe tinham ordenado.

Talvez meus pais tivessem que contratar a um Ell Rollis. Mas eles eram caros de manter, seus apetites legendários, e cada vez mais deles eram detidos e presos pelo letal e temido A.I.R., porque muita gente lhes ordenava que fizessem coisas más.



A quem importava isso agora? Nós estávamos dentro. Dentro!  
Shanel se deteve, girou para mim e me abraçou.  
—Não posso acreditar nisso. — gritou feliz.  
Sorri amplamente, expulsando todas minhas preocupações. A noite, parecia, acabava de começar.

## CAPÍTULO 2

SHANEL e eu paramos ao final do corredor e observamos uma cena que só tínhamos sido capazes de sonhar. Até agora. A fumaça ondeava por todas as direções e a música rock saía por uns alto-falantes escondidos. Luzes amarelas, rosas e azuis formavam redemoinhos na pista de dança central, iluminando à dançarina multidão.

As paredes reproduziam imagens holográficas de casais beijando-se e tive que pressionar meus lábios para me impedir de olhar boquiaberta com horror. E ciúmes.

—Onde deveríamos ir? —perguntei a Shanel, gritando para que me escutasse sobre a música.

—Quer provar no segundo nível? —assinalou para cima— Podemos olhar para baixo e ver se estão dançando.

Assenti com a cabeça. Manobramos através das pessoas e da fumaça e subimos as escadas. Quase gritei quando os degraus começaram a oscilar, balançando-se lentamente de um lado para outro. Meus dedos se crispavam ao redor do corrimão, mantendo-me estável.

O movimento da escada não era algo inteligente de ter em um estabelecimento onde se servia álcool. E se alguém caísse? Sério, quero dizer, era um processo criminal. Meu pai era advogado e este era o tipo de coisas pelas que vivia.

Quando alcançamos o segundo nível, a música baixou até um som embotado e compreendi que era porque havia painéis de vidro rodeando todo o recinto, não só bloqueando o ruído, mas também impedia que alguém caísse a uma morte segura.

—Ouvi falar sobre escadas como esta — me disse Shanel com um amplo sorriso— Quando uma pessoa bebe muito, supõe-se que as ajuda a manter o equilíbrio. Isto é assim de fan-estranho-tástico! — rindo, moveu-se tranquilamente para a barra.

Segui-a e apoiei os cotovelos sobre o irisado balcão.

—O que quer tomar, senhorita? — perguntou-me imediatamente o garçom. Um Delensean. Tinha a pele azul, todos os de sua espécie a tinham, e seis braços, o que lhe permitia servir a várias pessoas com rapidez.

—Um, uh...

Ele tamborilou impacientemente com os dedos.

—Água, por favor — disse por fim.

Deu uma palmada com suas seis mãos sobre o irisado mármore cor esmeralda que nos



separava.

—Isto é um bar, humana. Não os banhos públicos. Peça uma bebida ou vá embora.

—Certo. Tomarei um MEC Louco, então. — Era o que minha mãe sempre pedia quando saíamos para jantar.

Quando minha bebida chegou, um líquido vermelho em um copo gelado, peguei-o e girei para Shanel, que bebia a goles de uma espécie de mistura laranja.

—Mmm —disse soltando um suspiro. — Isto está bom.

Fingi beber do meu, deixando o líquido vermelho roçar meus intumescidos lábios. Não queria me embebedar e me pôr em ridículo diante de Erik.

—Oh, meu Deus! —disse de repente Shanel, soltando um gritinho abafado e assinalando. — Silver está aqui. Realmente está aqui!

—Onde?

Com o coração pulsando ao galope, girei para olhar na direção que assinalava. Peguei um vislumbre de largos ombros e cabelo azul antes que Silver desaparecesse escada acima.

—Vamos segui-los antes que o percamos. — disse, correndo para frente.

Eu permaneci perto de seus calcanhares.

—Viu alguma sinal do Erik?

—Não, sinto muito. —respondeu sobre o ombro, os vermelhos cachos balançando-se — Mas tem que estar em algum lugar. Eles nunca andam separados.

Os oscilantes degraus não me pareceram tão estranhos desta vez e consegui subi-los com facilidade. Embora, ao me mover tão depressa, minha bebida salpicou fora do copo, gotejando sobre minha mão. Argh, que nojo! Estava pegajoso!

Shanel se deteve no alto e bateu o pé de frustração.

—Não o vejo. E você?

Explorei a área. Não havia muitas pessoas aqui em cima, por isso minha busca foi fácil. Não estavam aqui.

—Subamos outro nível. —disse, decepcionada.

—Sim, depressa.

Subimos o resto da escada e chegamos ao nível mais alto. Estando tão acima, a música mal era um zumbido. Havia muitas pessoas dispersadas pelo lugar, conversando e rindo, outras sentadas ao redor das mesas e outras vadiando sobre umas aveludadas poltronas negras.

—Já o vejo — sussurrou Shanel com ferocidade, me agarrando pelo braço— Se dirige para o Erik.

A boca me secou por completo.

—Onde? —sussurrei com a mesma ferocidade, meus olhos explorando de novo a sala.

—Sobre a poltrona mais afastada. Sentado... Oh, meu Deus!, estão olhando para cá —deu a volta, me confrontando— Aja com naturalidade. Diga algo engraçado.

—Uh-uh... —De repente meus olhos se conectaram com os do Erik e fiquei sem respiração. O



que deveria fazer? Que diabos deveria fazer?

Em meus sonhos, Erik sempre sorria imediatamente ao me ver. Sempre estava de pé e se aproximava de mim, desejando desesperadamente estar ao meu lado. Tocar-me... beijar-me. Mas na realidade, seus olhos negros se entrecerraram sobre mim; seus lábios se franziram. Em desagrado? Meu coração se afundou. Por que em desagrado? Eu parecia tão mal?

Como sempre, estava maravilhoso. Tinha o claro cabelo despenteado e caía sobre sua testa; as raízes mais escuras brilhando na penumbra. Acredito que seu cabelo era naturalmente marrom, mas parecia bem loiro. Tinha um aro na sobrancelha, um nariz ligeiramente torcido que provavelmente tinha quebrado uma ou duas vezes fazia tempo e umas maçãs do rosto afiadas como o cristal.

Fora de sua uniforme de escola, a mesma camisa branca e calças negras que eu tinha que usar, ele estava delicioso. Agora mesmo vestia uma camiseta negra e uns descoloridos jeans. Ambas as peças de roupa o abraçavam deliciosamente.

Shanel forçou uma risadinha.

—Oh, isso é muito engraçado, Camille. Absolutamente engraçado.

—O que? —perguntei, parecendo estar presa em algum tipo de transe. Possivelmente me equivocava. Possivelmente seus lábios não se franziam de desagrado, mas sim de admiração.

Ela riu outra vez, o som mais forçado.

—Isso é ainda mais engraçado.

Finalmente Erik afastou seus olhos de mim e compreendi que não tinha feito nada mais que olhá-lo. Bela forma sofisticada e adulta de agir, Robins! Aposto que é tudo o que ele mais anseia, idiota!

—Há uma mesa vazia — disse, tentando ocultar a vergonha em meu tom— Vamos nos sentar.

—Boa ideia.

Os batimentos de meu coração se negavam a reduzir a marcha, golpeando contra minhas costelas com excessiva força. Graças a Deus não tropecei... nem chorei ou vomitei. Tomei o assento de costas ao Erik. Sabia que ficaria o olhando como uma idiota se tinha uma vista direta dele.

Coloquei minha taça sobre a mesa enquanto Shanel se sentava a meu lado.

—Algun deles nos olha, agora? —perguntei.

—Não. — respondeu, suspirando decepcionada.

Oh. Meus ombros caíram.

—E bem, o que fazem?

—Falam com um homem de cabelos escuros que usa um lenço negro sobre a metade inferior de sua cara. E três fêmeas Morevv — soprou.

Ouvi o ciúme em sua voz e experimentei uma onda própria. Enquanto que os machos Morevv eram magníficos, as fêmeas Morevv eram deliciosas. Impressionantes. Seus traços eram a



perfeição total: narizes pequenos e retos, olhos amendoados, maçãs do rosto simétricas, pele impecável...

—Talvez devêssemos nos aproximar. — sugeri.

—Não! —gritei, e logo senti minhas bochechas arderem. — Não — disse mais baixo— Esperemos até que estejam sozinhos.

Queria falar com o Erik, sim, mas queria fazê-lo sem um grupo de gente que observasse cada um de meus movimentos, ouvisse cada uma de minhas palavras e fossem testemunhas de meus enganos.

Shanel mordeu o lábio inferior.

—E se eles se forem?

—É um risco que estou disposta a correr. — Melhor isso que humilhar a mim mesma.

Um manto de vulnerabilidade caiu sobre seus traços.

—Acredita... bom... acha que essas muito-magníficas-para-ser-reais Morews são parentes do Silver? As garotas, quero dizer?

—Absolutamente. — disse, mas não soei convincente.

A maior parte dos caras que conhecia não iam com a família aos clubes. Provavelmente eram as namoradas. Ou namoradas potenciais. Quis me girar e observar sua linguagem corporal com o Erik. Não o fiz. Não me atrevia a fazê-lo.

—O que fazem agora?

—Continuam conversando.

—Erik dá atenção a alguma das mulheres?

—Não, mas elas o olham como se fosse um doce sem dono que qualquer um pode comer. É asqueroso, em realidade. São mais velhas.

Mais velhas. Genial. Justo como Erik gostava. Meu ciúme se intensificou. Tomei uns segundos para respirar, prestando atenção a um grupo de garotas humanas que saíam da escada e se aproximaram do balcão.

Estava disposta a apostar que eram só um pouco mais velhas que eu, mas pareciam imensamente mais duras, cada uma delas irradiando um aura evidente que dizia preferiria-chutar-seu-traseiro-antes-de-falar-com-você. Formavam um leque de cores, passando de morenas a loiras e inclusive ruivas. Uma das garotas até tinha um tridente azul tatuado na bochecha.

Shanel passou o olhar pelo grupo de rapazes ao grupo de garotas que eu acabava de notar.

—Erik empalideceu quando as viu. —disse, reclamando minha atenção de novo— Acha que as conhece? — Com apenas um fôlego, acrescentou— Veja! Há uma mesa vazia ao lado dos meninos. Se nos mudarmos, poderemos escutar sua conversação.

Sacudi a cabeça violentamente.

—Não podemos trocar de mesa. Seria muito óbvio.

—Bom, mas não podemos ficar aqui tampouco. Morro por saber o que dizem.

Bebeu o resto de sua taça de um gole e deixou o copo sobre a mesa.



—Dê-me um minuto para pensar, e... espera. Já sei o que podemos fazer. —Estendendo a mão, bateu em minha taça e, por acaso, derrubou-a.

O líquido se deslizou para mim e eu me pus de pé com um grito.

—Oh, merda —proclamou em voz alta— Sou tão desastrada, derramei sua taça.

Várias gotinhas salpicaram minhas botas e franzi o cenho a Shanel.

— Na próxima vez, agradecería enormemente uma advertência.

— Sinto muito. Tive a ideia e fui por ela. —Para nossa agora ávida audiência ela disse—: Suponho que teremos que trocar de mesa.

Quase gemi. Com não tão óbvio, não é?

A satisfação brilhou nos verdes olhos de Shanel enquanto se levantava.

Alguém se precipitou a limpar a confusão para que não tivéssemos que nos mudar, mas nos apressamos a cruzar a estadia até a agora mesa vazia frente a Erik e os Morevvs. Sabia que eles nos olhavam, sentia o calor de seus olhos me perfurando, e soube que me ruborizava outra vez.

Odiava-o. Odiava quando me acontecia e não podia controlar o revelador sinal de vergonha.

Sentamo-nos e Shanel teclou um pedido na unidade de parede, solicitando outra taça. Esta chegou minutos mais tarde e logo ficamos a sós. Bom, tão sós como duas garotas dentro de um clube podiam ficar. Mantive-me de costas ao grupo. Chamem-me de covarde, mas ainda não podia confrontá-los. Ainda não.

Sempre ficava nervosa ao redor dos garotos. Os poucos com os que tinham saído foram escolhidos por minha mãe. Encontros às cegas que ela tinha organizado com os filhos de suas amigas. Cada uma delas tinha durado exatamente três horas. Uma hora para o jantar e dois para um filme, e todas tinham sido incômodas e completamente decepcionantes. Diferente de Erik, nenhum deles fazia que minha pele ficasse arrepiada e meu estômago se apertasse com... não se o quê.

—Oh não! —soltou Shanel com um gemido, interrompendo meus pensamentos— Levantam-se.

Endireitei-me.

—Aonde vão?

Inclusive enquanto falava, escutei a profunda voz do Erik dizer:

—Obrigado por estar de acordo em manter esta reunião em outro lugar. Aqui há muitos olhos e ouvidos curiosos.

Oh-Oh. Pegas, pensei, com as bochechas ardendo de novo.

Para meu horror, Shanel agitou a mão e os chamou.

—Olá, Silver.

Afundi-me em minha cadeira, mal sufocando o impulso de meu ardente rosto com as mãos.

—Olá! —devolveu ele, seu tom cauteloso. Confuso.

Passou um momento e Shanel franziu o cenho.



O que tinha acontecendo? Finalmente reuni a coragem para olhar. Girei em meu assento e joguei uma olhada ao grupo. Silver tinha dado as costas a Shanel, cortando com eficácia toda esperança de conversação. A atenção do Erik estava centrada no homem de cabelos escuros e meio mascarado. Seus ombros estavam rígidos e tinha as costas completamente eretas.

—Vamos —disse o Meio mascarado— Tinha razão. O ar aqui se tornou um pouco... rançoso agora mesmo.

Erik assentiu com a cabeça, seu olhar deslizando-se para as garotas do balcão. Aquelas mesmas garotas o olharam, todos os olhos entrecerrando-se sobre ele como se fosse um objetivo em uma prática de armas. Uma delas, uma alta e bonita asiática, até levantou o copo para ele.

Um músculo palpitou na mandíbula de Erik.

Olhei a troca com um crescente temor. Conheciam-se? Era o tipo de garota que Erik achava atrativa? Provavelmente.

No próximo instante, meu olhar conectou com a da bela asiática. Ela tinha deixado de observar Erik e agora me olhava. A mim? Por que? Tentei não me estremecer ante o intenso escrutínio, mesmo que os amendoados e escuros olhos pareciam catalogar cada um de meus defeitos.

Se fosse valente, mostrar-lhe-ia o dedo do meio. Mas não o era, assim que fiquei sentada em minha cadeira e não fiz nada. A sempre covarde Camille nunca fazia nada.

Meus olhos se abriram como pratos quando alguém se inclinou para mim, invadindo todo meu espaço pessoal. Joguei-me pouco a pouco para trás... até que compreendi que era Erik.

A surpresa me manteve imóvel enquanto seu calor e aroma de pinheiro me envolvia. Oh, Deus! Oh, Deus! A determinação cintilava em seus escuros olhos.

—Tenho algo para você. — disse com voz rouca.

Um tremor percorreu minha coluna. Não só estava perto de mim, mas também falava comigo!

—Certo —me encontrei dizendo.

Pareceu-lhe tão ofegante como me pareceu? Quero dizer, sério, isto era... isto era... inesperado, maravilhoso e tudo com o que tinha sonhado, e não tinha nem ideia de como reagir.

Colocou algo em minha mão e meus dedos se fecharam imediatamente ao redor dele. Era suave e um pouco amassado. Um guardanapo? Oh, meu Deus. Tinha escrito seu número de telefone nele?

—Há...

Erik colocou um dedo sobre meus lábios, me fazendo calar.

—Falaremos na segunda-feira na escola. — Com o qual, separou-se.

Nós falaríamos? Mais do que já fizemos? Observei-o afastar-se, tão atordoada que quase caí da cadeira. Sério, estava sonhando?

Meio Mascarado e outros estavam de pé frente a uma custodiada porta detrás da estadia, esperando e franzindo o cenho. Erik lhes disse algo, mas não pude me inteirar o que. Um deles



teclou um código no painel de segurança e desapareceram no quarto.

—Doce Jesus, querida, o que te deu? —disse Shanel entrecortadamente.

—Não sei. —Com meu coração revoando, abri a mão. Era um guardanapo, como tinha suposto. Sorrindo amplamente, desdobrei as bordas. A parte de cima estava em branco assim que lhe dei a volta, mas quando vi que o outro lado também estava em branco, meu sorriso se apagou.

—Não o entendo.

—Deixe-me ver. —Shanel me arrebatou, analisou-o, e franziu o cenho— Acha que é algum tipo de brincadeira?

No momento que o disse, compreendi tudo e as lágrimas queimaram em meus olhos. Uma brincadeira. Só tinha sido uma brincadeira. Ele provavelmente sabia que estava louca por ele e o tinha feito para me recordar que estava fora de seu grupo.

—Não podemos deixá-lo escapar sem uma explicação. —Franzindo o cenho, lançou-me o guardanapo de volta— E uma desculpa!

Coloquei a estúpida coisa em meu bolso, imaginando que a tirava de repente e a atirava à cara de Erik. Como se atrevia! Não necessitava que me recordassem isso. Já sabia. Apesar de tudo, sempre tinha tido esperanças. Até agora.

—E bem? Vai fazer algo?

Deixar de ser uma covarde por uma vez. Podia ser uma invisível, mas ainda merecia um respeito.

Olhei atentamente ao guarda fixado na porta. Era uma grande e corpulenta besta humana que provavelmente comia pregos para tomar o café da manhã e criancinhas para a sobremesa.

—O que posso fazer?

—Vi o código, e acredito que conheço o modo de passar o Hulk.

Enquanto perfilava sua estratégia, empalideci.

—Não sei —disse com reticência— Parece perigoso.

—Foi o bastante valente para vir aqui —indicou Shanel— Agora seja o suficientemente valente para lutar pelo que você merece.

O fazia parecer tão fácil!

—Certo. —suspirei— O farei.

—Sim! Sabia que podia.

Pusemo-nos de pé, sem saber que estávamos a ponto de encadear uns acontecimentos que jamais poderiam ser desfeitos e mudaria nossas vidas para sempre.

### CAPÍTULO 3

—SENHOR —disse Shanel ao guarda humano— Posso falar com você um momento?

—Volte para sua mesa. —grunhiu ele.



—Mas tenho que lhe perguntar algo.

Franzindo o cenho, ele cruzou de braços e reforçou seus pés separados.

—Não deveria estar nesta área.

—Por que não? Isso é o que queria lhe perguntar. O que há detrás...? —Daí foi quando ela tropeçou e caiu contra ele com todas suas forças, golpeando-o e empurrando a ambos contra a parede. Também verteu boa parte de sua taça em suas calças.

Ele uivou de fúria e ela começou a gritar com força, embora não soasse muito convincente.

As garotas do balcão se apressaram para eles, distraindo ao guarda, e rapidamente teclei o código de nove dígitos que Shanel havia me dito. A porta se abriu e eu me deslizei dentro.

Clink.

Joguei uma olhada para trás e me dei conta que a porta se fechou automaticamente e que eu estava presa dentro.

Tinha-o conseguido! Realmente o tinha conseguido. *Respira, Robins, respira.*

Tentando controlar meu tremor, examinei meu entorno. Vi um vazio e estreito corredor, com vários quartos bifurcando-se aos lados. Uns brilhantes focos penduravam em fileira do alto teto, iluminando os ladrilhos do chão. Não havia sinais do Erik.

Onde estaria?

E onde estava Shanel? Segundo o plano, ela deveria ter entrado uns segundos detrás de mim. Tinha-lhe acontecido algo? Deveria voltar? Esperaria só uns minutos mais.

Nervosa, joguei uma olhada ao meu redor, desta vez procurando um lugar onde me esconder.

De repente, quatro enormes Ell Rollis saíram de um quarto, cada um segurando uma Lancer, compreendi com o medo quase me debilitando. As Lancer eram armas que jogavam umas diminutas e serradas estrelas que cortavam a pele e o osso como se fossem manteiga. Outra coisa que tinha aprendido de meu pai e seus casos nos tribunais.

Shanel deve ter me dado o código incorreto. E se lhes tinham ordenado que ferissem qualquer um que entrasse nesta área sem autorização, o machucaria, sem deter-se para falar do assunto.

Isto era o que conseguia por ser valente.

O que deveria fazer? Que diabos deveria fazer? Não podia brigar com eles; destruiriam-me em segundos.

—Inocente —ofeguei— Sou inocente.

Seus pequenos e brilhantes olhos se entrecerraram sobre mim e um deles me apontou com seu Lancer ao peito. O sangue se acumulou em minha cabeça, deixando só pânico e medo. *Corre, Robins, corre!* Mas não havia nenhum lugar aonde ir.

Um deles disparou. Uma multidão de brilhantes e prateadas estrelas saíram voando para mim, aproximando-se... aproximando-se. Pareciam vir em câmara lenta, me permitindo visualizar cada centímetro de seu avanço.



Com um grito, lancei-me ao chão.

Enquanto caía, uma das estrelas me golpeou, enviando uma corrente de fogo através de meu braço. Outro grito saiu de minha garganta quando aterrissei em um montão desossado. Uma aguda e atormentadora dor se bifurcou de meu braço ao resto de meu corpo.

Os Outros me alcançaram momentos mais tarde, me rodeando. Olhei meu braço, tentando não chorar quando vi o sangue, o rasgado tecido de minha camisa e a profunda ferida.

Este muito bem podia ser o final de minha vida.

Não vi toda minha existência cintilando ante meus olhos, mas sim as coisas que não tinha feito. Não tinha viajado por todo mundo. Não tinha ido à universidade, nem tinha me convertido em uma artista como sempre tinha querido. Nem sequer tinha provado o sexo.

E agora jamais teria a oportunidade de fazer nenhuma dessas coisas.

Ecos de pegadas ressoaram em meus ouvidos como o retumbar de uns tambores. Minha pele se sentia fria até o osso, embora o suor umedecesse meu corpo e um violento estremecimento me percorreu. Clink, clink. Oh Deus. Apertei bem forte os olhos, sabendo que uma nova ronda de estrelas tinha sido carregada nos canhões das Lancer. Em qualquer momento...

*Mamãe, Papai, amo vocês. Sinto muitíssimo, jamais pensei que isto pudesse acontecer.*

—Alto —ordenou uma culta voz aos Outros— O que ocorre?

Obedecendo imediatamente, os Ell Rollis ficaram imóveis.

—A encontramos —disse um deles— A matamos, como ordenou.

—Estúpidos incompetentes! Supõe-se que não têm que matar até que eu não tenha interrogado à pessoa. É que não podem pensar, embora só seja por um segundo? Simplesmente... saiam de meu caminho. — ordenou a voz.

Um arrastar de pés, logo silêncio.

Não me relaxei. Não podia. Tinham-me dado um indulto, nada mais. “supõe-se que não têm que matar até que eu não tenha interrogado à pessoa”, havia dito ele. Então, interrogaria-me e logo me daria um tiro?

—Bom, bom, bom. — disse aquela culta voz, mais perto desta vez— Onde está sua amiguinha ruiva?

E levei a vista, vendo o homem meio mascarado. Surpreendia-me que ele se lembrasse de quem era e com quem estava.

—Não está aqui. —consegui dizer através de minha apertada garganta.

—Assegure-se disso. — ordenou a alguém.

Troquei de posição e a dor explodiu em minha ferida, mais intensa que antes. Um gemido se elevou em meu interior, mas consegui reprimi-lo. Se choramingasse, choraria, e não tinha tempo de chorar. Tinha que sair daqui. Tinha que encontrar e advertir Shanel.

*Levante-se!* Tentei-o, realmente o tentei, mas simplesmente estava muito fraca.

Observei como um Ell Rollis saltava por cima de mim e saía pela porta por onde tinha



entrado. Erik e Silver se aproximaram do Meio mascarado e logo os três se abateram sobre mim, me olhando fixamente, tomando a medida.

—Não façam mal a minha amiga —disse— Por favor. Ela não fez nada errado.

Ninguém respondeu.

Prestei minha atenção ao Erik, mas seu familiar rosto não me ofereceu consolo. Ele franzia o cenho e podia ver faíscas de cólera em seus olhos negros. Deixaria que fizessem mal a Shanel? Podia ser. Realmente, o que sabia eu dele? O menino que sempre imaginava me beijando não teria zombado de mim com um guardanapo em branco.

—Por favor. — me encontrei lhe rogando de todos os modos.

—Como passou ao guarda? —perguntou-me Meio mascarado e seus metálicos olhos cor âmbar pareceram iluminar-se, me hipnotizando.

—Caminhando? — disse, a palavra mais uma pergunta que uma afirmação. Agora mesmo, não estava segura de nada. Senti um enjoo e gemi. A cada segundo que passava, sentia mais frio embora, pelo contrário, meu braço ardia mais e mais.

Queria me enrodilhar; queria chorar.

Queria a minha mamãe.

—Não tolero a insolência, menina —Levantando a mão, Meio mascarado tirou o negro material que lhe cobria a parte inferior da cara.

Quando seu aspecto se gravou em minha mente, encolhi-me, incapaz de deter a automática reação. Sua pele estava enrugada e colorida em uma variação de vermelho e negro. Não tinha boca, só um profundo buraco, como se alguém tivesse pegado uma faca e a tivesse talhado.

—Quer que esta cara seja a última que veja? — Aqueles lábios artificiais não se moveram, e era assombroso que suas palavras fossem tão claras, tão limpa, totalmente compreensíveis — As meninas más que se metem em lugares que não são convidadas merecem todo tipo de castigos.

—Não — disse Erik, soando muito zangado enquanto me olhava— Não há necessidade disto. Ela está comigo.

Todos, me incluindo, o olhamos com surpresa.

—Disse-nos que lhe pediu que partisse, que as de seu tipo não são bem-vindas. — disse Silver, falando pela primeira vez.

A boca de Erik se estirou em um forçado sorriso, sem refletir nenhuma diversão em sua expressão.

—Eu disse que partisse porque não queria que soubesse que me visse com ela.

—De maneira nenhuma. — Silver de novo. Ele negou com a cabeça, seu cabelo azul balançando-se sobre sua testa e têmporas. Então me jogou uma olhada, me estudando com firme intensidade— Por que sairia com ela?

Erik encolheu rigidamente os ombros.

—Por que sai um cara com uma garota em particular? —Seu tom era seco e zombador ao mesmo tempo.



Por segunda (ou terceira?) vez neste dia, as lágrimas queimaram em meus olhos. Deixei minha cabeça cair no espaço de meu braço ileso. Ele os estava fazendo acreditar que saía (não, que transava) comigo. Para me salvar? Se fosse assim, genial.

Entretanto, sua atitude cortava tão profundamente como a Lancer. Ele falava como se eu não fosse o suficientemente boa para estar na mesma sala que ele. Como se eu não merecesse respirar o mesmo ar. Como se ele me usasse.

—Só lamento que o sexo não tivesse sido melhor. —resmunguei, a dor me dando coragem.

Erik piscou para mim. Silver perdeu sua expressão sobressaltada e sorriu amplamente.

—Eu não gosto disso. —grunhiu Meio mascarado— Sabe que é melhor não trazer a sua namorada a nossas reuniões de negócio, Erik.

—Sinto muito, senhor. —Erik não soou como o moço que frequentemente escutava pelos corredores da escola. Soava a um homem culto, respeitoso, mas de maneira nenhuma submisso— Deveria ter compreendido que ela me seguiria.

—Deveria matar a ambos. —resmungou o homem.

—Sou seu melhor empregado —respondeu Erik sem emoção— Mas, mais importante que isso, seu desaparecimento atrairia a atenção não desejada dos meios de comunicação.

Meio mascarado suspirou e voltou a colocar o tecido sobre sua cara.

—Tem razão. Simplesmente... tirem-na daqui. Leva-a pela porta de trás; não quero que ninguém veja sua ferida. Se ela falar...

—Não o fará. —Erik se inclinou, passou seu braço ao redor de minha cintura, com cuidado de não tocar minha ferida e me levantou— Assegurarei-me disso.

Incapaz de conter um gemido desta vez, balancei-me contra ele. O sangue gotejava de meu braço e meu corpo se debilitava a cada segundo que passava. Uma lágrima, finalmente, deslizou-se por minha bochecha.

—Vamos. — disse ele, me conduzindo para diante.

—Espera. —Inclusive embora estivesse impaciente por escapar, arrastei meus pés como se fossem ferros pesados— E quanto a Shanel?

Um músculo palpitou sob o olho de Erik e jogou uma olhada para o Silver.

—Se assegurará de que seu amiga chegue em casa?

—São e salva. —acrescentei, não é que ninguém me desse nem a mais mínima atenção.

—Não será essa ruiva que sempre me olha fixamente? —soltou Silver com um gemido— Qualquer uma menos ela.

—É essa —disse Erik— Por favor.

Com um suspiro exagerado, Silver acrescentou.

—Sim. Certo. Com certeza. O que disser. Só me avise a próxima vez que começar a sair com uma das Invisíveis.

—São e salva. — insisti.

—Sim —respondeu Silver, fazendo rodar os olhos— São e salva.



Erik começou a caminhar de novo. Sem protestar mais, deixei cair a maior parte de meu peso contra ele. Uma estranha névoa abria caminho em minha mente, deixando atrás dela uma espessa e negra teia.

—Erik — o chamou Meio mascarado.

Paramos. A abrupta ação me sacudiu e gemi.

—Sinto muito —murmurou Erik, logo em alto disse—: Sim?

—Sentir-me-ia muito decepcionado se me convertesse no objeto de investigação do A.I.R. E você já sabe o que acontece quando estou decepcionado.

—Não tem do que preocupar-se, senhor. Tenho tudo sob controle.

—Eu sou uma tumba —disse fracamente— Seus segredos estão a salvo comigo.

Fechei os olhos e apoiei a cabeça no ombro de Erik. Pareceu-me muito que passava uma eternidade antes que saíssemos do lotado edifício de noite. O quente e limpo ar roçou a nua pele de meu braço e quis gritar pela aguda dor que me provocou.

—Qual é o seu? —perguntou-me Erik.

Apertei os dentes para cortar um gemido.

—Não é meu. É de Shanel. —Não sei por que senti a necessidade de adverti-lo. Como se lhe importasse de quem era o carro— O sedan negro.

—Tem ideia de quantos sedans negros há? —grunhiu Erik baixinho, exasperado, irritado e claramente aborrecido. — Abre os olhos e ao menos me assinale a direção correta.

Fiz ambas as coisas e logo fechei meus olhos outra vez. Como podia uma ferida tão pequena ser tão dolorosa? Como podia uma noite tão prometedora acabar em tal pesadelo?

Ele me conduziu ao carro e segurou meu braço para a identificação digital. Sentia o braço tão instável que não pude fazê-lo eu sozinha.

—Agora diga abrir. — ordenou ele.

—Abrir. — disse.

Nada.

Erik pronunciou outro daqueles grunhidos ameaçadores.

—Está programado para aceitar sua voz?

—Sim.

—Então fala tão forte como pode, para ver se o carro a reconhece. Forçá-lo aqui, em um espaço aberto, é perigoso.

Inspirei um bocado de ar e disse:

—Abrir!

A porta do carro se abriu de repente e Erik me colocou no assento de passageiro.

—Agora ordene à porta do condutor.

—Abrir —disse, ainda mais fraco que antes. Aquela porta, ao menos, obedeceu e logo Erik se colocou a meu lado — Aceita a nova voz —ordenei antes que ele me pedisse isso. Eu não era uma completa estúpida. Na maioria dos dias, ao menos.



—Arranca. — disse Erik, e o motor rugiu à vida imediatamente. Ele programou uma direção e nos pusemos em movimento.

Enquanto o carro rodava ao longo da estrada, um pesado silêncio nos rodeou. Por fim estava a sós com o Erik Troy, justo como tinha sonhado. Embora jamais eu tivesse imaginado isso nestas circunstâncias: Eu, ferida e coberta de sangue. Ele, tanto meu atormentador como meu salvador.

—Foi cruel. — disse.

—O que?

—O guardanapo.

Ele não respondeu.

Seu silêncio doeu. O teria matado uma explicação? Pedir perdão?

Mantive os olhos fechados e a cabeça contra o assento. Um pouco mais tarde, o rasgar de tecido cortou meus pensamentos, e logo senti algo fresco apertado contra meu braço.

Minhas pálpebras se abriram de repente e ofeguei. Erik se inclinava sobre mim, fazendo algo a minha ferida.

—Para —ordenei que— Seja o que for que está fazendo, para.

—Tenho que fazê-lo —disse ele categoricamente — Ainda sangra.

Tirou a camisa — e estava nu de cintura para cima — aplicando pressão à ferida. Lamentei não ter o sangue-frio para desfrutar da vista de sua pele bronzeada, seus músculos firmes e seu negro gato tatuado sobre seu musculoso estômago. Mas tal e como iam as coisas, estaria melhor deitada em uma maca com uma intravenosa injetada em minhas veias.

—Vamos ao hospital? — perguntei com esperança.

—Infernos, não! —Ele me franziu o cenho— Tem ideia do que fez? Tem alguma ideia do que poderia ter arruinado?

Seu rosto estava vermelho de ira, seus olhos brilhantes de fúria. Eu não tinha nem ideia do que podia ter arruinado, mas o que sabia era que eu não gostava de ser o alvo daquele fixo olhar.

—Sinto muito. Não pensei...

—Sentir muito não repara o dano que causou. Estava tão perto. Estava tão perto do êxito, e em menos de dois minutos conseguiu destruir todo meu trabalho, jogando no lixo todos estes meses.

Mais que me acovardar ante o conflito, minha habitual reserva desapareceu e explodi.

—Estou morrendo, e você grita? Disse que sinto muito, certo? De todos os modos, você é o único culpado. Se não tivesse me dado o guardanapo, eu não o teria seguido.

Passou um segundo em silêncio enquanto ele apertava a mandíbula. Logo, perfurou-me com seu feroz olhar.

—Primeiro, você não está morrendo. Viverá. Segundo, de novo, seus “sinto muito” não significam uma merda. Mas não é completamente culpa sua o que aconteceu esta noite — concedeu ele— Meu passado finalmente me alcançou e as coisas teriam saído mal com ou sem sua interferência.



Isso me acalmou, mas só ligeiramente.

—Dito isto, entretanto —acrescentou ele, com um fio resistente em suas palavras—, direi a você o terceiro ponto. Inclusive embora tivesse lhe dado uma bolsa cheia de caca de cão, deveria ter ficado em sua mesa. Quase fez revelar meu disfarce com... — Ele se deteve e franziu o cenho— Não importa.

Pisquei com surpresa.

—Seu disfarce? Estava disfarçado? É policial?

Ele passou a mão pelo cabelo e resmungou.

—Você sonha.

—O que é então?

—Simplesmente deixe estar, Camille.

Era a primeira vez que dizia meu nome e tremi ante o som em seus lábios.

—É do A.I.R.? —Era a única outra agência em que podia pensar, e já que eles se especializavam nos Outros e um Morev tinha estado ali...

Erik soprou.

—Sou o pior pesadelo do A.I.R. querida... e agora sou o seu.

## CAPÍTULO 4

TOMEI uns segundos para digerir suas palavras.

—P-pesadelo? —balbuciei. Havia um brilho ímpio nos olhos de Erik que obscurecia sua marrom íris a um espantoso e sinistro negro. Nesse momento, não se parecia com um inocente garoto. Não se parecia com o garoto pelo qual havia me tornado louca estes últimos meses. Não, parecia duro e ruim, e capaz de fazer todo tipo de coisas más.

Um tremor me percorreu e este não foi tão agradável como o anterior.

—Não-não entendo. — consegui dizer.

—Não tem que entender nada — disse ele misteriosamente — Tudo o que tem que saber é que fiz coisas más, e as continuarei fazendo até obter meu objetivo.

Espirais de surpresa se mesclaram com meu medo e uma frieza varreu através de mim. Estava me ameaçando?

—Não entendo —repeti bobamente. Certamente escutei mau, pensei, quando o carro freou de repente, me jogando para diante. Agarrei meu braço, tentando protegê-lo dos agudos efeitos secundários.

—Como lhe disse, eu não me preocuparia com entendê-lo. Preocupar-me-ia com sobreviver. — Então ele se girou, olhando pela janela.

—Só tenta me assustar.

—Ali havia agentes do A.I.R., Camille. Recorda ao grupo de garotas duras que nos



observavam? —Ele não esperou minha resposta— Elas estão atrás de mim.

—Por que?

—Estão decididas a me pegar —continuou como se eu não tivesse falado—, e me viram te dar aquele guardanapo. Perguntaram-se o que havia nele. Um código? Informação? E a não ser que todas sejam cegas, a viram me seguir depois. Provavelmente pensam que planejamos a reunião e assumirão que está envolvida comigo. Agora o A.I.R. também irá detrás de você.

Agentes do A.I.R. Os meios de comunicação não se cansavam de repetir que eram as pessoas mais temidas do planeta e que matavam aos aliens predadores sem pensar. Sem se afetar. Sem remorsos. E sem um julgamento.

Recordei às garotas, os duros brilhos em seus vigilantes olhos, o modo como tinham se destacado, indiferentes a tudo a seu redor. A forma em que tinha me observado a magnífica asiática. Sim, facilmente podia imaginá-las como umas assassinas.

*Não se preocupe. Você não fez nada errado.*

—Sou inocente — disse ao Erik com voz tremente— E nenhum de nós é um aliem. O A.I.R. não se preocupará com o que fizemos.

—Eles não caçam somente aos aliens. Também caçam as pessoas que ajudam aos aliens a cometer crimes.

—Mas eu não ajudei a ninguém a cometer um crime, alien ou não.

Erik só me lançou outra daquelas duras olhadas e eu pisquei com surpresa

—Você ajudou a um alien a cometem um crime?

—Sim.

—E logo elas me viram te seguir com aquele estúpido guardanapo —disse fracamente, tendo problemas para tomar fôlego— Assim pensarão... assumirão... —como diria Shanel: Oh, querida, doce Jesus.

—Sim —disse ele de novo— Elas pensarão e o assumirão.

—Como pôde me fazer isto? —disse entrecortadamente.

Ele deu de ombros.

—Queria que elas fossem detrás de você em vez de mim.

Minha surpresa aumentou.

—O que?

—Elas a teriam pego, a teriam interrogado, teriam encontrado a nota em branco, veriam que é tão inocente como parece e a teriam deixado ir. Conhecendo-me como me conhecem, teriam compreendido que as tinha enganado. Mas nãããooo. Teve que me seguir como se o tivéssemos planejado, nos fazendo parecer tão culpados como o inferno.

—Você... você.... bastardo! —O que ele descrevia-me o fazia parecer culpado de algo.

—Faço o que tenho que fazer. —Erik me olhou fixamente, me sustentando cativa com sua intensidade— Sempre.

Elevei o queixo com determinação.



—Bem, irei e lhes explicarei o que aconteceu.

—Como se fossem acreditar em você agora.

—Farão.

—Não importará o que lhes diga. Quero dizer, com certeza que já sabe como agem.

Meu estômago se apertou com as náuseas.

—Mesmo assim irei falar com elas. Não fiz nada errado.

—Se for ao escritório central do A.I.R. será presa e golpeada para conseguir informação, igual a mim.

—Suponho que só há um modo de averiguá-lo.

Minhas náuseas se intensificaram e ele suspirou.

—E se eles não conseguiram seu nome? E se estiver a salvo? Ainda acha que é sábio entregar-se?

Experimentei um raio de esperança.

—Não.

—Eu tampouco acredito. E sabe o que? Por causa disto, até poderia convencer a sua mãe e a seu pai de tirar férias e se ocultar, para o caso.

Minha boca se secou. Meus pais. Não podia lhes contar o que tinha feito, o que tinha passado. Simplesmente não podia. Teria que confessar que tinha mentido e se sentiriam decepcionados.

E eu não poderia suportar sua decepção.

Era sua única filha, seu “precioso bebê”. Não queria que isso mudasse. Sério, um olhar lacrimoso por parte de minha mãe e eu quereria me arrancar o coração. Ou um “pensei que a tinha educado melhor” de meu pai e soluçaria.

—E se o A.I.R. sabe quem sou? —perguntei suavemente.

—Eles A perseguirão, assim esteja preparada. Interrogarão você, fazendo-lhe perguntas fáceis ao princípio. Seu nome, sua idade. Logo se tornarão mais difíceis. O que fazia no clube? O que coloquei no guardanapo? Por que me seguiu? Alguma vez tomou Onadyn e se for assim, de quem o conseguiu? Não lhes dê as respostas que eles querem e — ele deu de ombros—, sofrerá.

—Onadyn?

Parecia que caía mais e mais profundo em um pesadelo e sacudi a cabeça. Como vampiros que necessitavam sangue para sobreviver, alguns aliens necessitavam Onadyn. Sem ele... graças a meu pai, havia visto algumas fotos de um Outro que tinha morrido por falta do Onadyn. Seu corpo estava retorcido e seu corpo tão cheio de dor que me doía agora somente em pensar nisso.

Legalmente, supunha-se que os humanos não consumiam essa substância, mas eles o faziam para drogar-se e frequentemente morriam de uma overdose, por isso estava estritamente regulado. Vender Onadyn era castigado com a prisão perpétua.

—Jamais, em toda minha vida, consumi. Se nem sequer estive perto dele!

Erik me ignorou e continuou falando:



—O A.I.R não está preso às leis comuns, por isso até poderiam te matar se quisessem.

—Mas por que? —A histeria começou a crescer em meu interior e me endireitei. Caçada, interrogada e talvez assassinada. Certamente ele mentia. Ou exagerava, ao menos. Eu era inocente, maldição!

—Agora está vinculada a mim, Camille, e eu sou um suspeito distribuidor do Onadyn.

Quis bloquear as palavras em minha mente, mas não podia. Eram muito sinistras.

—Mas não fiz nada errado. — insisti. Quantas vezes tinha que dizê-lo? — Não posso estar vinculada com isto.

—Conhecia o código que abria a porta do Ship'S. E o A.I.R. sabe que só a usam os distribuidores.

—Não. Não, não e não. Eles não podem me achar culpada. —Sacudi a cabeça de novo, mesmo que tivesse minhas dúvidas dentro de minha cabeça— Quando lhes mostrar o guardanapo, eles acreditarão em mim.

—Ou pensarão que destruí o original e o substituí por um em branco. Teve tempo para fazê-lo.

Condenação! Agarrei-me os joelhos e cravei as unhas na pele.

—Não te pedi que me seguisse, Camille.

—Não, você só me escolheu. —disse com amargura.

Ele me olhou com os olhos entrecerrados.

—Se isto tivesse acontecido de outra forma... mas, francamente, esperava que abandonasse o clube. Esperava que eles a prendessem, interrogassem e a liberassem depois.

Isso não desculpava suas ações.

—Por que está comprometido em algo assim? —perguntei— Por que?

—Não tenho que te dar explicações. —Suas mãos se apertaram em punhos— Ouço a condenação em sua voz, mas sabe o que, senhorita Inocência? Às vezes há boas razões para fazer coisas más.

—Meu pai é advogado e o escutei falar de algum de seus casos. Todos têm uma “boa”razão para fazer as coisas que fazem, mas ao final do dia, outras pessoas são as que sofrem devido a esses maus motivos.

—Não me dê sermão. Estou além da redenção.

—Depois do que me fez te darei sermões quando me der vontade. —O carro deu outro freio e meu braço palpitou ainda mais. As lágrimas voltaram a ardem em meus olhos e olhei fixamente a ferida. O sangue tinha transpassado a suave camiseta do Erik.

Deus. Poderia tornar-se esta noite ainda pior?

Erik suspirou, perdendo todo vestígio de cólera.

—Temos que cobri-la de novo.

—Não. Só quero ir para casa — disse fracamente — É aonde vamos, verdade? —Por favor, por favor, por favor.



Espera, pensei uma fração de segundo mais tarde. Se ele me levasse para casa, meus pais averiguariam que tinha mentido para eles. Não teriam nenhuma dúvida.

Podia pedir ao Erik que me levasse até Shanel.

Não. Isso tampouco funcionaria. Supunha-se que ela também ficou com uma amiga. Maldição, maldição, maldição! O que podia fazer?

Um músculo palpitou na mandíbula de Erik.

—Traficante de drogas ou não, sou sua única corda salva-vidas neste momento. Se te levar para casa agora, sua ferida se infectará. Duvido muito que seus pais saibam curar uma ferida do Lancer.

Então, não íamos para casa. Meu estômago se apertou com alívio... e temor.

—E se não me leva para casa... aonde me leva?

—À minha.

—Não. De maneira nenhuma. —Podia ter começado a noite querendo passar um tempo com ele, mas agora não podia esperar para me afastar de seu lado.

—Aonde mais quer ir, hã? E não me diga “ao hospital” outra vez. Seus pais seriam notificados e os médicos lhe fariam perguntas que não quero que responda.

Custasse o que custasse, eu não queria que avisassem a meus pais. Independentemente do que tivesse que fazer para mantê-los à margem, fá-lo-ia.

Mais mentiras? Quase gemi, mas se tinha que fazê-lo sim, mentiria muito mais. Pior seria que se sentissem decepcionados. Eles pensariam que a culpa era deles, perguntando-se o que é tinham feito de errado, no que tinham falhado, sentindo-se tristes por isso. Só de pensar nisso odiava a mim mesma.

Jamais deveria ter saído hoje de casa.

Às vezes há boas razões para fazer coisas más, havia dito Erik. Sua voz sussurrava em minha mente e me senti envergonhada. Mentir não era bom, mas eu tinha uma boa razão para fazê-lo... ou isso me dizia.

Embora, poderia confiar em que Erik não me fizesse mal?

Provavelmente, decidi pouco depois. Apesar de tudo o que ele tinha admitido fazer, tinha-me salvado dos Ell Rollis. Tinha mentido por mim... outra boa razão para uma coisa má. Tinha-me ajudado no carro e tirou a camiseta para me dar.

—Seus pais não se importarão? —perguntei.

Ele me lançou outro daqueles olhares está-de-gozação?

—Não vivo com meus pais. Vivo sozinho.

—Mas como se... mantém? —Terminei sem convicção. Podia adivinhar a resposta: vendendo drogas.

—Não como está pensando. — resmungou ele.

Então como? Algo pior que o Onadyn? Quis perguntar-lhe, mas não o fiz. Possivelmente fosse pela perda de sangue ou pelo fato de que quase tinham me matado, mas



independentemente da razão, uma onda de tristeza escureceu meu pânico, meu medo, e provavelmente meu bom senso. Como podia ter estado tão equivocada com o Erik?

Havia vários viciados no Onadyn em nossa escola... e Erik provavelmente a contrabandeava. Aqueles meninos constantemente estavam brigando, roubando. Alguns tinham sido expulsos por fazer sexo oral no banheiro. E não somente foram garotas.

—Nem todos tivemos sua vida mimada. — disse ele, irradiando amargura.

—Você não sabe nada de mim. — Muito fraca para seguir discutindo, girei-me para a janela e fiquei olhando para fora. Os prateados raios da lua caíam sobre os derrubados edifícios e alguma ou outra árvore ocasional. Havia talhos de cor por toda parte e as pessoas caminhavam ao longo das calçadas e através da noite. Pessoas aterradoras. As armas cintilavam em seus corpos e os dentes brilhavam em seus malvados sorrisos.

Esta não era uma vizinhança agradável. Vivia Erik nesta área? Tentei não me estremecer.

—Ainda não me disse. —disse ele de repente, cortando o silêncio— O que fez com o guardanapo? —Não o olhei.

—Tenho-o no bolso.

—Bem. —Ele cabeceou— Queime-o quando chegar em casa.

—Certamente — menti. Quantas vezes o fez hoje? Mas de maneira nenhuma ia queimar aquele guardanapo. Era a prova de minha inocência. Ou isso esperava.

—Não quero que eles o usem contra você. —continuou ele, como se lesse minha mente.

Arqueei ambas as sobrancelhas.

—Como poderiam?

—Estou seguro de que encontrariam a forma. Sempre o fazem.

—Não deveria tê-lo me dado. —grunhi— Na escola me ignorou durante todo o ano, e um dia que me dá atenção, virtualmente me prende um peso ao redor dos tornozelos e me lança em meio dos tubarões.

—Nem sempre a ignorei. —Sua voz foi suave, baixa.

—Mentiroso.

—Ontem usava um colar com um coração de prata. Nunca o tinha usado antes. Parece a você que isso é te ignorar?

Minha boca caiu aberta pela surpresa. Ele tinha razão. Meus pais me tinham presenteado o medalhão ontem pela manhã “somente porque a amamos”, haviam dito. Não o tinha tido posto esta noite porque tinha medo de perdê-lo. E ele tinha notado esse detalhe tão pequeno?

Isso era bom ou mau? Não sabia, e considerando quem e o que era ele, não deveria me sentir tão feliz por isso. Não, não deveria me sentir. Mas o fazia. Idiota.

—Por que foi ao Ship’s esta noite? —perguntou Erik, trocando de assunto— Jamais tinha estado ali antes.

Não fiz caso da pergunta, muito envergonhada pela resposta.

—Não sabe com segurança. Possivelmente estive mil vezes e você nunca me viu.



Ele sacudiu sua cabeça.

—Jamais estiveste ali antes. Saberias.

—Eu... bom... — não sabia o que dizer.

—Se não soubesse melhor, pensaria que foi enviada pelo A.I.R.

Sem acreditar no que estava dizendo, girei para olhá-lo. Ele manteve a vista à frente. De perfil, seu nariz era um pouco mais longo do que acreditava, e seu queixo se sobressaía teimosamente.

—Zomba de mim?

—Não. Aparece na mesma noite que, supõe-se, coisas grandes iriam acontecer. Aparece na mesma noite que o A.I.R. deixa-me saber que me observa. E finalmente, espia-me dissimuladamente e me segue.

Minhas bochechas arderam. Dito assim, realmente parecia culpada. De novo. Aparentemente não tinha feito nada direito no clube.

—E por que sabe que não é assim? —Não pude menos que perguntar.

Houve uma pausa, um encolhimento de ombros.

—Simplesmente não encaixa em seu protótipo habitual, isso é tudo.

—E qual é?

—Forte. Sanguinário. Valente.

Certo, suas palavras realmente doíam. Sim, eu era uma covarde. E sim, tendia a me esconder antes que me colocar no meio de uma briga. Odiava isso de mim. E mais, odiava que ele me visse dessa maneira.

—Tem razão. Não sou do A.I.R. —Soltei um suspiro— Shanel e eu... — Deus!, realmente ia contar, realmente ia admitir quão estúpida era? Por que não, pensei então. Sua opinião já não me importa. Nem sequer um pouco. A sério— Fomos ao clube para ver você e ao Silver. Só queríamos que vocês dois por fim nos notassem, isso é tudo.

Erik não respondeu — ele era muito bom nisso — e meu estômago se apertou. O que estaria pensando?

Olhei como as finas linhas ao redor de sua boca se tornavam mais profundas. Tinha uma sombra de barba sobre sua mandíbula. Vários garotos da escola a tinham, mas agora, sobre o Erik, o fazia parecer imensamente mais velho.

—Quantos anos tem? —perguntei.

—Muito velho para você —resmungou ele.

Ouch.

—E quantos anos é isso?

Outra pausa, logo:

—Vinte — admitiu a contra gosto.

Não muito mais velho que eu, em realidade, mas não o adverti. Isso cheiraria a desespero e ele já pensava muito mal de mim... não é que me importasse, recordei-me. Além disso, eu também



pensava mal dele!

—Com vinte é muito velho para estar ainda na escola. —comentei— Procura alguns cursos?  
Ele soprou.

—Nem pensar.

—Então por que... — as palavras morreram de repente— Não importa. —Merda! Estava ainda na escola porque não havia melhor lugar onde vender suas drogas.

O carro finalmente se deteve frente a uma pequena e desmantelada casa. As janelas estavam seladas e os cinzas tijolos descascados e sem pintar. A grama estava seca e amarelada, quebradiça.

—Bem-vinda a minha casa —disse Erik sem nenhum vestígio de orgulho e saiu do carro.

—Abrir — eu ordenei à porta. Foi uma ordem débil e os monitores não a recolheram. Está bem, em realidade não queria sair do carro. Aquela casa poderia cair a qualquer momento. Mas Erik estava a meu lado no próximo instante, abrindo a porta com a mão e enrolando um braço ao redor de minha cintura. Ele me pôs de pé.

O bom senso exigia que não tocasse a este rapaz que tinha me decepcionado tão sobremaneira, que tinha me insultado e se considerou melhor que eu, apesar de seu próprio escuro passado (e presente). Mas achei que meu corpo não estava de acordo com minha mente, e antes de me dar conta descansava a cabeça sobre seu nu ombro. Sua pele era cálida, suave, e cheirava muito bem, a calor e luz de lua.

Puf. Como podia ser tão estúpida ao pensar ainda nele assim? *Ele é mau, recorda? Mau, mau, mau.*

—O que fazia você no clube? —perguntei— Comprando Onadyn para vender aos garotos da escola? —Isso era. O recordar me afugentou o prazer que sentia ao estar entre seus braços.

—Às vezes sua descarada boca não é apreciada.

Eu? Descarada?

Ele deveu sentir minha surpresa, porque acrescentou:

—Recorda a pequena observação que fez sobre que era um mau amante?

Ah sim. Quase sorri abertamente. Bom para mim!

—Não é engraçado. —disse ele.

—Em certo modo o é.

Seus lábios se estiraram enquanto ele me introduzia pela porta principal. Como a vizinhança era tão pobre, esperava que usasse uma antiquada chave para abrir a porta. Em troca, tinha um caro exploratório de Identificação Pessoal e colocou sua mão no centro.

Imediatamente uma brilhante luz azul rodeou seus dedos e palma, escaneando as digitais.

—Bem-vindo, Erik. — disse uma voz mecânica enquanto a porta se deslizava aberta.

Uma vez que passamos a soleira, a porta se fechou automaticamente e as luzes da casa se acenderam. Meus joelhos fraquejaram e uma onda de vertigem me assaltou. Balancei-me. Ficar em pé tinha sido um engano. Caminhar tinha sido um engano ainda maior.



Senti as pálpebras pesadas como pedras e começaram a fecharem-se sozinhas. A escuridão nublou minha mente e tropecei para frente.

Estou caindo, quis dizer. Vou cair. Mas minha boca se negou a obedecer.

Erik me segurou mais forte, me mantendo reta.

—Só um pouco mais — disse, e me surpreendeu a suavidade de seu tom.

Um segundo mais tarde, os dedos de meus pés bateram na borda de algo. O sofá, compreendi, quando espiei por minhas pálpebras entrecerradas. Era grande, marrom, e suave, e me chamava para que me derrubasse.

Erik me fez girar devagar e me empurrou suavemente pelos ombros. Eu não pude me sentar com a elegância que ele queria e terminei me sentando de repente e desgraciosamente. As aveludadas almofadas se curvaram a meu redor.

—Fique aqui — disse ele.

Como se pudesse me mover.

Cômoda por fim, lutei contra o sono —Que bom seria ficar simplesmente adormecida, esquecendo, sonhando! — e explorei o quarto no que me encontrava, curiosa por saber como Erik vivia.

Nada sobre ele tinha sido como esperava, assim, por que deveria ser sua casa? Apesar do aspecto exterior, o interior era muito agradável. Tetos abobadados, chãos de concreto pintado, paredes de tijolo cinza, e móveis limpos e cômodos: um sofá (marrom), uma poltrona (marrom) e uma mesa de centro de vidro. Havia até uma televisão holográfica.

De todos os modos ele não devia vender muito Onadyn já que, de outra forma, viveria em um bairro melhor e teria chãos de madeira autêntica e tapetes persas, não?

—Já estou de volta — disse Erik, de novo a meu lado. Para minha decepção, vestia outra camisa que cobria todos aqueles músculos e suave pele. Em suas mãos tinha amontoado frascos e ataduras.

—Isto vai doer?

—Oh, sim.

Franzi o cenho e teria me afastado se tivesse tido forças.

—Por que me disse isso? Deveria ter mentido para mim. Agora saltarei cada vez que se aproxime.

Ele girou os olhos.

—Sente-se ereta.

Tentei-o, realmente o tentei. Mas não tinha forças para me mover de onde tinha caída, o que queria dizer que não tinha forças para me inclinar. Erik deslizou as mãos por detrás de meus ombros e me impulsionou para frente. Inclusive sentia a cabeça muito pesada para mantê-la ereta e deixei que pendurasse para frente.

—Dormindo sobre mim? — perguntou-me ele.

—Não — respondi, fechando os olhos. De todos os modos, por que lutava contra o sono?



Não havia razão para ficar acordada quando um negro abismo me esperava, me pedindo que caísse nele. Ali, podia fingir que esta noite nunca tinha acontecido.

—Tem certeza?

A palavra cortou através de meus pensamentos e afugentou o abismo, me deixando desperta e de volta à realidade. Nada de descanso para mim, nenhum indulto.

—Simplesmente me enfaixe já. —resmunguei.

Ele soltou uma gargalhada.

—Não se preocupe. O que estou a ponto de fazer a despertará.

Um estremelecimento me percorreu ao escutar a despreocupada e desinibida gargalhada. E mais, senti a cor drenar-se de minhas bochechas. Suponho que o sofrimento e eu tínhamos ficado bons amigos e ia experimentá-lo um pouco mais esta noite.

—Obrigada. Realmente precisava ouvir isso.

—Entendo que não se dá muito bem com a dor.

—Alguém se dá?

Enquanto ele desenrolava a camiseta de meu braço, encolhi-me e mordi o lábio para me impedir de gritar. O tecido, embora fosse suave, raspava contra a rasgada e cortada carne. Erik disse:

—Algumas pessoas suportam bem a dor.

Houve uma estranha inflexão em seu triste e vulnerável tom.

—Você tem sido muito machucado, verdade?

Seus olhos se encontraram com os meus durante uns segundos breves, mas ele ignorou minhas palavras. Franziu os lábios e começou a beliscar e a picar na ferida. Tentei me soltar de um puxão.

—O que faz? Isso dói ainda mais.

—Analiso o dano. Fique quieta.

Sim, certamente.

—Provavelmente me resultaria mais fácil agitar minha varinha mágica e fazer aparecer todo o elenco do Aliens Night.

—Realmente vê esse lixo? —disse Erik, continuando com a tortura.

—Não — respondi, me ruborizando. Bom, possivelmente tinha visto um episódio ou dois. Em minha defesa devo dizer que a telenovela outros-mundos tinha um argumento excelente. Carmine tinha tentado matar a Sasha, que queria voltar para seu planeta Jen Jen Bi para vingar-se de seu louco pai, Escar, que a tinha vendido ao terráqueo Rocky, que esperava gerar uma raça de híbridos alienígenas e humanos.

—Tem o tecido comprometido. —Erik se endireitou— Um vaso sanguíneo seccionado e o músculo rasgado. Se não o tivesse esquivado quando o fez...

Poderia ter perdido o braço, terminei por ele. Quase vomitei. Senti subir a bílis, mas consegui me conter.



—Isto ajudará. —Ele aplicou uma grossa pasta no centro do corte e um floral aroma chegou a meu nariz— Tem sorte. Só te acertou uma estrela e esta só roçou as camadas superiores, antes de cortar o osso.

—Parece que ainda a tenho encravada aí.

—É porque o está. Bom, partes dela. —Ele estendeu um (argh!) fedorento creme líquido sobre a pasta— O que a maioria das pessoas não sabe é que as pontas das estrelas são liberadas no momento do impacto e se alojam no primeiro que tocam. Por sorte para você, a massa entorpecerá tudo e o creme líquido dissolverá o metal e não a carne, assim como cauterizará a ferida. Estará como nova em uns dias.

Queria estar como nova agora.

—Nunca tinha ouvido falar deste tipo de massa ou creme líquido.

—Só porque não tenha ouvido falar dela não significa que não existam. Sente-se melhor? —acrescentou com apenas um fôlego.

Pisquei com assombro. Sim, sentia-me. Realmente não conhecia estes tipos de medicamentos que funcionavam tão rápido, mas estava enormemente agradecida por eles. A dor já diminuía.

Bom, a dor de meu braço diminuía, compreendi pouco depois. Agora que não estava absorta na ferida, comecei a notar que o resto de meu corpo estava em bastante mal estado. Machucado, como se tivesse tido um acidente de carro. Minhas costas palpitavam – devo tê-las batido quando me atirei ao chão — e os músculos da coxa estavam rígidos.

—Se sentirá fraca pela perda de sangue, assim tome-o com calma. —Erik aplicou uma camada final de gel. Graças a Deus, este pareceu neutralizar o aroma do creme líquido. Por último, enfaixou-me o braço com um pano branco.

—Tem algum analgésico? —perguntei— A massa funciona, sim, mas agora me dói o resto do corpo.

—Sim — foi tudo o que ele disse.

—Bem — incitei — Posso tomar um?

Ele negou com a cabeça e duas mechas de cabelo cor mel caíram sobre sua testa.

—Não. Sinto muito. Os analgésicos que tenho a colocariam para dormir e necessito que se mantenha acordada.

Ei, olá!

—Dormir bom. Permanecer acordada mau.

Seus lábios se moveram pouco a pouco em um pequeno sorriso que ele tentou com todas suas forças ocultar.

—De seu braço passará a seu corpo, prometo-lhe isso. Além disso, não quero ter que levá-la até seu quarto. Seu pai poderia não entender.

Meus ombros se afundaram. Sim, era verdade. Meus pais iriam às nuvens se viam um garoto entrar às escondidas em meu quarto. Não importava a razão ou o motivo, ficariam furiosos. Não



se importariam que Erik tivesse salvado minha vida.

Pensar nas coisas que tinha feito por mim me confundiu e me esquentou de repente. Realmente não podia entender como ele pôde me envolver tão friamente, como podia traficar com drogas, e mesmo assim, ao final, me tratar tão docemente.

As pessoas boas às vezes tinham que fazer coisas más. Deus! Quantas vezes penetraria isso em minha mente? O que ele quis dizer exatamente com isso?

Acho que fechei os olhos e fiquei adormecida (muito mau Camille) porque a seguinte coisa que soube foi que um molhado e frio tecido se pressionou contra minha bochecha. Erik limpava meu rosto com suaves batidinhas, apagando a maquiagem que eu tinha passado uma hora aplicando. Seus cuidados não doíam, tal e como ele havia dito. Era tão suave como uma pessoa podia ser.

Jamais poderia entendê-lo.

Com aquele pensamento, minha mente retornou à escuridão. Eu flutuava. Não, flutuava não. Estava aconchegada nos braços de Erik, que me levava ao carro. Seus braços eram fortes e consoladores enquanto o quente ar da noite me envolvia.

Ele suspirou, e seu igualmente quente fôlego acariciou minha bochecha.

—Venha, Bela Adormecida —disse ele— Vamos levá-la para casa.

## CAPÍTULO 5

NÃO chegamos muito longe.

O passeio começou bastante brandamente, e, como prometeu, o alívio do braço alcançou o meu corpo e deixou de palpitar por completo. Ainda estava fraca, mas ao menos já não sentia mais essa atormentadora dor. Não perdi o tempo dormindo, não podia. Não tinha pensado em outro lugar aonde ir, assim Erik me levava para casa. O medo me mantinha desperta enquanto imaginava a reação de meus pais quando me vissem.

Deus! O que ia lhes dizer? Já havia me perguntado isso antes, mas agora que estava realmente mais perto de vê-los...

—Pode me levar a um motel? —perguntei, o desespero finalmente me dando uma ideia.

—Decidiu que não quer que mamãe e papai saibam o que fez?

Não respondi.

—E você?

—Tem dinheiro?

—Não.

—Eu tampouco. Além disso, não me sentiria bem te deixando em um motel.



O que ele não se sentiria bem me deixando em um motel? Fiquei rígida, mas não lhe indiquei todas as coisas más pelas quais não deveria se sentir bem.

Vendo minha renovada tensão, ele perguntou:

—Está bem? —Seu olhar me percorreu como uma lenta carícia.

Estremeci... e isso me irritou. Maldição! Tinha que deixar de reagir assim. Os meninos maus com sua vida criminosa não eram para mim.

—Camille?

—Estou bem.

Ele suspirou.

—Não, não o está. Posso ouvir a fúria em sua voz. Simplesmente diga a seus pais que você caiu na casa de seu amiga, que decidiu voltar para casa, e que ela te trouxe. A simplicidade é o que melhor funciona quando a gente mente.

Conhecendo meu pai, poderia tentar processar a minha imaginária amiga para que pagasse os danos.

—Independentemente do que lhes disser —continuou Erik—, não mencione o clube. E não mencione o tiroteio.

—Não sou uma completa idiota.

—Bom...

—Não todo o tempo — grunhi.

Ele riu entre dentes.

—Fica linda quando se zanga.

Só há umas horas, esse comentário teria me enviado um golpe de euforia. Agora... enviava-me um golpe de euforia, compreendi. Não deveria ser assim, mas o era, e não pude...

Conter um sorriso.

O garoto mais quente da escola pensava que era linda.

É idiota.

—Como vai chegar em casa? —perguntei quando encontrei a voz, caindo nesse problema neste mesmo momento— Não pode ficar com o carro de Shanel.

—Sei. Não decidi fazer isso, já que sua amiga pode ter denunciado que o roubaram e estou impaciente por me desfazer dele.

Shanel estava com Silver. Provavelmente tinha esquecido de tudo, inclusive do carro. Ainda assim... melhor prevenir do que remediar. Não necessitava que a polícia me buscase, e não necessitava que outro suposto crime pendesse sobre minha cabeça.

—Vou ligar e avisá-la.

Sem uma palavra, Erik colocou a mão no bolso e tirou um pequeno e negro celular. Deu para mim. Digitei o número de Shanel, mas não respondeu. Tentei de novo. Nada. Não lhe deixei nenhuma mensagem na caixa de mensagem porque não queria que seus pais a ouvissem por acaso.



Devolvi o telefone ao Erik. Já ligaria para ela outra vez pela manhã, diria-lhe que estava com o carro, e logo ficaria em algum lugar para devolvê-lo. Embora, como o explicaria a meus pais, não sabia.

—Não respondeu minha pergunta — eu disse a Erik — Como chegará em casa?

—Caminhando — foi sua indiferente resposta.

—Uh, isso será uma autêntica excursão.

—Sei, mas o exercício me fará bem.

Ele não necessitava mais exercício. Já era todo músculo, e sua bronzeadada pele se apertava como o duro aço.

—Disse-me que tinha vinte anos. — disse, olhando-o atentamente através do escudo de meus espessos cílios.

—Sim. E?

Com a dor desaparecendo, meu cérebro se pôs em marcha.

—Como conseguiu retornar à escola? Estou bastante segura de saber o porquê, simplesmente não posso entender o como.

Ele encolheu rigidamente os ombros e a linha de sua mandíbula palpitou. De fúria? De irritação? De ambas?

—Quanto mais souber de mim, Camille, mais perigo correrá. Deixa de fazer perguntas.

Perigo. Justo a palavra que enviava a meu sistema nervoso a um frenesi. O acalorado sangue se precipitou por minhas veias e fez que meu pulso se lançasse ao galope.

—É esse tipo meio mascarado que virá atrás de mim?

Erik fez uma pausa o suficientemente longa para fazer que me retorcesse. Logo disse:

—Não. Assegurarei-me disso.

Ele parecia muito seguro.

Meus olhos se aumentaram com horror.

—Vai matá-lo? —Era o único modo de garantir cem por cento.

—Não, não vou matá-lo. Simplesmente se cale e confia em mim, certo?

Isso me acalmou um pouco, mas podia confiar em alguém que burlava a lei e vendia drogas? Alguém que de bom grau vendia de porta em porta a morte às pessoas? Bobamente, o fazia. Possivelmente porque necessitava tempo para reconciliar a realidade do que Erik era com a fantasia que tinha formado em minha mente.

Se não tivesse cuidado de mim tão bem esta noite, poderia tê-lo descartado completamente. Talvez.

—Não pode esperar seriamente que confie em você, Erik. —só lamentava não poder acreditar nessas palavras incondicionalmente. Como sabe que o homem não virá detrás de mim?

—Camille? —suspirou ele.

—Erik? Tenho que saber.

Ele beliscou a ponte do nariz.



—Sempre é tão curiosa?

—Quando está em jogo minha vida, sim.

—Como provavelmente suporá, trabalho para ele. Ele me necessita e sabe, assim não irá querer me irritar.

Olhei fixamente minhas botas. As gotinhas de sangue se secaram sobre as pontas.

—E me perseguir o irritaria?

Uma pausa, outro suspiro.

—Sim.

Por qualquer razão, isso me acalmou tanto como necessitava e fiquei calada. E, Deus me ajudasse!, eu gostei, realmente eu gostava que Erik estivesse disposto a brigar por mim. *Por sua vida, boba. Não por seus afetos. O mais seguro é que não queira sua morte sobre sua consciência... ou em seus antecedentes.*

Cruzamos a muito alta grade que rodeava minha vizinhança. As casas que ficavam à vista eram de tamanho médio, do médio padrão, mas bem mantidas. Feitas de polida pedra prateada e telhados de estanho, eram quase idênticas. Eu tinha vivido aqui toda minha vida, e sua familiaridade era tanto consoladora como aterradora.

—Uh, Camille —disse Erik de repente.

O duro tom em sua voz foi como uma perfuratriz em meu estômago, discorde, dolosa. Oh, não!

—O que?

—Seguem-nos?

—O que!?

—Olhe detrás de nós.

Girei em meu assento e olhei atentamente pelo para-brisa traseiro. Havia dois sedans negros alinhados a poucos centímetros de nosso para-choque. Nem sequer tentavam ocultar-se. Suas janelas eram tão escuras que não podia ver dentro.

—Quem são?

—O que você acha?

O A.I.R.? Engoli o duro nó que se formou em minha garganta.

—Despiste-os. — disse, o instinto de permanecer longe da situação falando por mim. Por favor, despiste-os. Não queria que me pegassem com o Erik.

Se ele havia dito a verdade antes, isso só me incriminaria ainda mais. Pior ainda, não queria que o A.I.R. me escoltasse para casa. Jamais seria capaz de mentir para sair disso.

—Por que não os despista? —Exigi quando Erik não programou uma nova direção no carro.

—Espera, me deixe que estale o dedos. Também posso fazer aparecer o elenco de Aliem Nights.

Apertei os dentes.

—Estão detrás de nós desde que abandonamos minha casa — acrescentou ele.



—Viram-me entrar no carro com você?

—Talvez. Provavelmente.

—Oh Deus. —Senti câibras no estômago. Não só me tinham visto no clube com o Erik, tinham-me visto em sua casa. E eu havia estado disposta. *Pensa, Robins, pensa.*

Bem. Talvez tentar despistá-los não era o melhor plano de ação. Isso só me faria parecer mais culpada. Possivelmente simplesmente deveria escapar, me aproximar deles, e explicar o que tinha acontecido. Possivelmente eles me deixariam ir sem ter que falar com meus pais. Possivelmente me preocupava com nada.

Segundo Erik, o A.I.R. lutava para proteger às pessoas inocentes. Eu era inocente. Mas também segundo Erik, o A.I.R. bateria primeiro e perguntaria depois. Bem, o que ia ser?

—T-tenho que falar com eles.

—Não posso deixar que faça isso —disse Erik— Não escutarão o que disser.

—Mas... mas...

Ordenou ao carro que parasse. Os pneus chiaram e me vi lançada contra o cinto de segurança.

—Erik!? Que...

—Merda —grunhiu.

Um sedan negro, saído de nenhuma parte, bloqueava nosso caminho. Não podíamos avançar nem retroceder. Tinham-nos apanhados.

—Simplesmente me solte — disse — Serão razoáveis sobre isto. Têm que ser.

—Não escutarão nenhuma maldita coisa do que disser.

Com movimentos recortados, Erik teclou uma série de botões no console. As luzes se apagaram e uma alavanca de mudanças (acredito que assim se chamava), elevou-se do espaço entre nós. Os painéis se abriram em um amplo círculo e apareceu um volante. Inclusive se elevaram uns pedais do piso de madeira

Vi isto na TV, mas jamais na vida real. O medo me apanhou.

—O que faz? —consegui soltar.

—Anular a condução automática e ativar a manual.

—Pode fazer isso? —Merda. Podia.

—Simplesmente segure-se ao assento. Isto vai ficar agitado. —Sem outra palavra, ele empurrou a alavanca para trás e o carro correu em marcha ré. Crrrunch.

Gritei. Soou metal contra metal quando nos chocamos contra um dos sedans. Então Erik empurrou a alavanca para frente e girou o volante, dando volta e voltas.

Batemos em outro carro.

Pisou de repente em um dos pedais. Todo meu corpo voou para o para-brisa quando conduzimos a toda velocidade e nos colocamos de cara em uma rua transversal. Graças a Deus, meu cinto de segurança me lançou para trás.

Os outros carros, é óbvio, seguiram-nos. Seus pneus chiaram, queimando a borracha e



levantando fumaça em todas as direções.

O medo me alagou, mais forte que nunca. Mais forte inclusive que quando tinha sido cercada pelos aliens, as Lancers apontando para meu peito. Agora não só eu estava em perigo, mas também gente inocente. Se alguém estivesse tendo um passeio noturno... segurei meu estômago para aliviar outra câibra.

—Erik. Tem que parar.

—Não posso.

—Por favor.

—O que faço é muito importante. Não posso ser preso.

—E o que faz? —perguntei, aproximando-me do histerismo— Ajudar a matar as pessoas não é importante.

Seus lábios se uniram em uma fina linha.

—E se nos equivocamos e esses condutores não são do A.I.R.? —perguntei bruscamente. Fechei os olhos quando atropelaram um balde de lixo de reciclagem e saltamos um meio-fio. Deus que está no céu!

—São do A.I.R.

Os pneus chiaram quando nosso carro deu um rápido giro à esquerda. Santificado seja seu nome! Ou era Sacrificado?

—Como. Pode. Estar. Tão. Seguro?

—Chame de pressentimento. — disse secamente.

Respira, Camille. Simplesmente respira. Dentro. Fora. Devagar. Devagar. Bem, podia dirigir isto. Não estava em meio de uma perseguição de carros. Estava na praia, onde uma fria brisa soprava para mim ao redor. Os raios do sol esquentavam minha pele e as ondas acariciavam os dedos de meus pés.

Os pneus chiaram de novo, arruinando a fantasia. Executamos um rápido giro para a direita e fui jogada contra a porta.

Outra mais, e vomitaria.

—Tem que haver outro caminho melhor, Erik.

—Estou aberto às sugestões.

Se só tivesse uma. Entre golpes e sacudidas, minhas náuseas se intensificaram. Possivelmente me adoecia o movimento. Ou provavelmente fora outra injeção de puro medo.

—Fecha os olhos — ordenou ele.

—Já os fechei!

Imediatamente, fui levantada de meu assento e minha cabeça golpeou o teto. Sabia o que aconteceu: tínhamos saltado no ar. Erik gritou com excitação. Ordenei à minha janela que se abrisse, inclinei-me para fora, e esvaziei o conteúdo de meu estômago, me sacudindo com a força da ação. Minhas costelas doíam e tinha as costas rígidas, inclusive depois de voltar para meu assento.



Minhas bochechas arderam de vergonha. OH. Deus. Meu. Acabava de vomitar diante de Erik Troy. Ao menos não o tinha feito sobre o carpete, assim não tínhamos que cheirá-lo. Ainda. Podia ser mais asquerosa? Não havia tempo para considerar isso agora. O carro aterrissou, e aterrissou com força. Boing. Plof. Minha garganta se fechou, cortando minhas vias respiratórias e uma onda de vertigem me alagou.

Esquerda, direita, esquerda, volta.

—Está bem? —perguntou Erik.

Cabeceei, incapaz de falar.

—Há uma garrafa de água na bolsa a seus pés. Pode ajudá-la a se acalmar.

Uma bolsa? Olhei para baixo e, efetivamente, havia uma bolsa de vinil negro. Dobrei-me e procurei dentro, encontrado uma muda de roupa, um par de óculos de sol de forma estranha e, sim, uma garrafa de água. Endireitando-me, engoli o conteúdo, agitando minha boca com cada gole.

—Acredito que está equivocado — disse, arrancando à força as palavras— Que dano pode fazer o me deixar falar com eles? Nossa situação não pode piorar.

Esprei e Erik grunhiu sob sua garganta.

Tomei como um não. Querido Deus! Inocente colegial um dia, alvejada e perseguida criminosa ao seguinte. *Não pense assim. Não é um criminoso. Sim, as coisas parecem más, mas depois de ele explicar a situação, tudo ficará bem.*

—Por favor, Erik.

—Não escutou nada do que disse? Eles disparam primeiro e perguntam depois.

Enjoada, enterrei a cabeça entre meus joelhos. Batemos em um balde de lixo e saltamos de novo.

—Possivelmente prefira que me acertem um tiro bater por aí.

—Tudo vai bem, Camille.

Notei o tom de incerteza e culpa em sua voz.

—Sei — ofereci, tentando reconfortá-lo. Garota estúpida.

—Acredito que vamos ter que abandonar o carro. Acha que tem forças para correr?

—Claro — respondi, sabendo que não teria que demonstrá-lo. Quando parasse, iria me entregar mesma.

—Bem, correr é a melhor opção que temos.

Uma risadinha sem humor me assaltou.

—Nunca tirei menos de um B na escola, quase nunca transgribo as regras e evito os conflitos como se fossem resíduos tóxicos. Cometi um engano, só um, e isto é o que consigo. Jamais tentarei impressionar a um garoto de novo.

—Tudo vai ficar bem. — repetiu com mais amabilidade desta vez.

—Se esqueça do A.I.R. Shanel jamais me perdoará por perder seu carro.

—Não o perderá. Simplesmente será confiscado.



Como se isso fosse melhor. Possivelmente teria que contar a meus pais a verdade depois de tudo. Se mentisse e fosse pega mais tarde, só incrementaria a lista de meus crescentes pecados.

—Isto colocará Shanel na confusão. O que, eventualmente, conduzirá a miiiiii... —a palavra saiu de minha garganta com um som agudo enquanto nos lançávamos para diante em uma abrupta parada.

Endireitei-me... e imediatamente vi que uma parede grande de tijolos bloqueava nosso caminho. Os três sedans negros nos rodearam em segundos, um à esquerda, outro à direita e o último atrás.

De novo, estávamos encurralados.

—Suponho que tinha razão —murmurou Erik, sem parecer alterado— Deveria ter encontrado um caminho melhor.

Só a escuridão e o tijolo nos receberam. E o desastre. Sim, desastre. Os carros dirigiram uns brilhantes raios de luz para nós, iluminando tudo o que tocavam.

Olhei para Erik. Podia ter parecido indiferente, mas tinha a expressão tensa, furiosa e seus negros olhos brilhavam. Podia ver o brilho das armas nos apontando e, de repente, não estive tão segura de querer me entregar.

—O que deveríamos fazer?

Suas mãos se apertaram sobre o lobe da orelha.

—Como antes, estou aberto a sugestões.

—Simplesmente... — O que?

—Tem uma arma? —perguntou-me.

Oh Deus. A arma era sangue e o sangue igual à dor.

—Não. E não quero uma. Um tiroteio não é o modo de terminar isto.

Erik passou a mão pelo rosto.

—Tem razão. Se estivesse sozinho, brigaria. Com você aqui...

Comigo aqui, corria o risco do que? De me ferir? Oh Deus, Oh Deus, Oh Deus.

—Saíam do carro —ressou de repente uma voz feminina a nosso redor— Os dois. Com as mãos para cima e à vista.

Erik não se moveu. Eu tampouco. Meu coração galopou em meu peito, tentando sair através de minhas costelas centímetro a centímetro.

—Erik — disse. Não sabia que mais dizer. Estava muito assustada.

—Não me olhe. — replicou.

—Por que? — Olhei para frente, mas pela extremidade do olho vi como movia seus braços atrás das costas e agarrava uma pyre-armada da cintura das calças. Cada gota de umidade em minha boca se secou, deixando só um sabor de algodão e bÍlis.

—Acreditei que não queria lutar — inquiri, aterrorizada, as palavras quase inaudíveis.

—Tampouco quero morrer.

Morrer. Engoli saliva. Se as coisas terminassem mau, podia morrer sendo virgem; podia



morrer como perdedora que supostamente se colocou no mundo do Onadyn.

—Erik — disse. — Isso é loucura. Equivoca-se em todos os níveis.

Ele afastou os olhos da arma, como se não estivesse o suficientemente seguro do que queria fazer com ela. Os amarelos raios de fogo saíam projetados da pyre, chamuscando tudo a seu caminho. Tanto humanos como não humanos. Não importaria. Outro pequeno aprimoramento que aprendi de meu pai e da televisão.

—Erik — repeti seu nome em um rouco rogo.

—Diabos! — grunhiu.

—Saíam do carro! — disse a voz feminina de novo — Agora! Estou farta de esperar.

Inspirei profundamente.

—Vou sair.

—Eu vou criar uma distração — disse Erik — Você vai correr.

Eu fiquei olhando. Podia ver as sombras dos longos cílios em suas bochechas. Sombras sombrias, aterradoras.

—Entendido?

—Não. Você disse. Correr é estúpido. Esqueça.

Um músculo palpitou sob seu olho esquerdo.

—Tudo terminará bem se correr e se esconder até que possa limpar seu nome de algum modo.

—Mas...

—Sem *mas*. É inocente e eu a arrastei a isto. Não deveria estar envolvida. —Fez uma pausa e logo, por fim, observou-me. Grunhiu sob a garganta.

—Prometa-me isso Camille. Prometa-me que fugirá e não olhará para trás.

—Isso só me fará parecer ainda mais culpada.

Nossos perseguidores perderam a paciência e nos enfocaram com as luzes.

—Saíam do fodido carro. Estou perto de voá-lo em pedaços. Ouvem-me?

—Machucarão você, Camille —disse Erik, sem mover-se ainda do veículo. Seus escuros olhos marrons me perfuraram profundamente— A pegarão e torturarão em busca de respostas que não tem. Não tente ser uma heroína esta noite.

Há! Não tinha tentado ser uma heroína em minha vida. Mas, por mais que parecesse culpado, fugir e abandoná-lo significava que lhe fariam perguntas sobre mim, compreendi de repente. Poderiam golpeá-lo, torturá-lo.

—Ficarei —disse, decidida— Talvez possamos convencê-los de que você...

—Você não explicará nada porque não ficará. —Erik alcançou atrás de suas costas uma segunda vez, levantando o braço e, de algum modo, ancorando a arma em sua nuca, assegurando-se que o respaldo do assento ocultasse suas ações aos agentes— Não se preocupe por mim. Estarei bem. Sempre estou.

Estava mentindo e ambos sabíamos, embora ele não me desse a oportunidade de



responder.

—Foi um prazer conhecê-la, Camille. Agora se prepare para correr —resmungou e logo abriu a porta do carro.

## CAPÍTULO 6

*POSSO fazer isto*, cantarolei mentalmente. Posso fazê-lo. Sou inteligente... às vezes, acrescentei. Vou fazer que me escutem. Só desejava que meus nervos se acalmassem. O sangue corria por minhas veias, mais quente que o fogo, ardendo, queimando, e um surdo assobio se repetia em meus ouvidos.

Erik saiu do carro com as mãos nas laterais do corpo e um arrogante sorriso tipo *venham-me-pegar* no rosto. Eu fiquei onde estava, assustada, tentando formar as palavras exatas em meu cérebro e sim, rezando para que isto fosse um pesadelo e despertasse a qualquer momento.

—As mãos em cima da cabeça —disse a voz e ele, devagar, obedeceu— Camille Robins, saia por seu lado do carro.

Ao ouvir meu nome, ofeguei com surpresa. Eles já sabiam quem eu era. Não haveria nenhum indulto para mim, não importava quão longe tivesse corrido ou onde me tivesse escondido.

Com voz instável, ordenei à porta do carro que se abrisse. No momento que saí, tive que piscar contra o resplendor dos halogênios. Meus olhos inclusive choramingaram.

—Somos inocentes — disse. Minhas pernas estavam tão fracas que mal podiam me sustentar e tive que me agarrar ao carro.

—Mãos para cima. — gritou a voz.

Levantei-as e quase caí outra vez. Tive que apoiar o ombro contra o carro para me manter em pé.

—Ela está ferida —disse Erik em voz alta e logo me sussurrou— Quase chegou o momento de correr.

—Ficarei. — sussurrei em resposta.

—Já o veremos.

—Quero lhes contar algo sobre esta noite — gritei, tentando dar os detalhes que ajudaria a ambos. Em realidade, tampouco queria que lhe fizessem mal— Jamais tinha falado com o Erik até esta noite, assim não pudemos planejar nada juntos. Nós...

Erik amaldiçoou, e compreendi que nossos captores corriam para nós. Erik agarrou a pyre-arma pendurada em sua nuca e começou a disparar. Raios amarelos e laranjas cortaram através das douradas luzes, através da escuridão, iluminando as formas de três mulheres. Cada uma delas mergulhou para cobrir-se e imediatamente começaram a disparar em resposta, seu fogo



golpeando nosso carro. Alguns foram apontados diretamente para mim.

Gritei e os esquivei.

—Estou desarmada!

Outra rajada golpeou justo onde tinha estado parada.

Erik devolveu o fogo e se colocou detrás da porta aberta do condutor, usando-a como escudo.

—Corre —gritou para mim.

Por instinto, dei três rápidos passos. Então me congelei. *O que faz? Não pode partir!*

—Corre, estúpida. — grunhiu Erik.

—Não.

Nesse momento, uma rajada de amarelo fogo cruzou por diante de minha orelha. Não me tocou, mas estava tão quente que imediatamente me saíram bolhas na pele. Meu estômago se retorceu de dor e me arrastei para trás da porta de passageiros.

—Merda, ela não está armada! —gritou Erik às mulheres.

—Deixa cair sua arma —gritou alguém em resposta. Uma garota diferente a primeira que tinha falado.

—O inferno. — respondeu ele, disparando de novo. Escutei a garota amaldiçoar baixinho.

Sim, conhecia a sensação. Queria amaldiçoar e gritar, e amaldiçoar ainda mais.

—Têm que acreditar em mim. Somos inocentes. Tudo o que aconteceu esta noite é um grande mal-entendido.

—O tiro que te roçou foi uma advertência, Camille —disse uma das garotas, a fúria gotejando em sua voz— A próxima vez apontarei a seu coração. Se quiser viver, caminha para mim com as mãos na cabeça. Iremos a algum lugar tranquilo e conversaremos.

Comecei a me endireitar, e um raio golpeou justo por cima de meu ombro. Gritando, agachei-me. Tentavam me matar?

—Pensei... pensei...

—Querem feri-la —explicou Erik— Dirão qualquer coisa para conseguir pôr as mãos em cima de você.

—Mas estou ferida! —Já não queria me entregar a essas garotas. Penso que, possivelmente, estava mais segura com o Erik.

—Não, estão encurralados —disse uma terceira voz feminina com um surdo ronrono— Por muito que eu gostaria de tirar seus olhos, Erik, temos ordens de levá-lo ileso. Se for possível. Mas não me importa quem diabos seja. Se abrirá a proibição de caça se você e sua pequena amiga continuarem disparando.

Suas palavras me confundiram. Quem era ele para elas?

Um segundo mais tarde, uma brilhante luz âmbar explodiu, consumindo a escuridão da noite, mais brilhante que os halogênios, brilhando e reluzindo sobre mim e Erik. Nenhuma sombra perdurou.



E nós estávamos no meio do foco.

—Deixem Camille ir e me entregarei —gritou Erik— Eu tampouco falhei em minha pontaria, senhoras. Se as quisesse mortas, estariam mortas.

Alguém riu. Outra soprou. Eu me cambaleei. Ele se entregaria por mim?

—O que você disser, Erik — disse a rouca e ronronante voz.

—A deixaremos ir, não há problema. — disse outra.

Acredito que ela era a chefe já que foi a primeira que nos falou e tinha um toque autoritário em seu tom que as demais não tinham. Mas até eu sabia que mentia... embora desejasse que não o fizesse. Ninguém disparava em você para logo deixá-lo ir sem mais.

—De verdade que somos inocentes —disse, tentando de novo me fazer entender enquanto apertava os olhos contra o resplendor daquelas estúpidas luzes. Bom, ao menos, eu realmente era inocente. Não podia ver as garotas, nem sequer um pouquinho delas. Só podia ver manchas laranjas e douradas e a escuridão que as rodeava, uma escuridão da qual queria ser parte. Meus olhos choramingaram de novo e tive que baixar a vista para minhas botas — O guardanapo que viram que ele me deu estava em branco e eu o segui porque estou apaixonada por ele. Queria lhe perguntar por que me deu isso. Isso é tudo.

—Soa a uma história interessante e eu gostaria de me inteirar de mais detalhe.

Lamentava não poder vê-las e ler suas expressões.

—Certamente pode vir e falar conosco. —Esta nova voz era apaziguadora, calmante.

Possivelmente esta era a policial boa e as outras duas as policiais más.

—Tentei e me dispararam.

—Nos dê outra oportunidade. Seremos amáveis.

—Não as escute, Camille. — grunhiu Erik.

Apoiei a testa contra a fresca porta do carro. Meu braço pendurava languidamente a meu lado, inútil. Meus joelhos tremiam. Não podia me mover nem que minha vida dependesse disso.

Possivelmente o fazia.

—Corra e se esconda até que tudo esteja arrumado —disse ele—, tal como lhe disse.

—Pela última vez, eu disse que não!

—Do que discutem os dois aí? —perguntou a líder.

De repente, uma mão caiu contra meu ombro e ofeguei. Girei a um lado, o fôlego preso em minha garganta. Quando vi quem estava agachado detrás de mim, quase me derreti em um atoleiro de alívio. Erik.

Sua expressão era dura, cautelosa.

—Deveria ter corrido. —Não me olhou enquanto falava, mas sim manteve sua atenção à frente.

—Não podia. Estaria em mais problemas.

Sua mão se deslizou mais abaixo por minhas costas.

—Continua me surpreendendo, Camille Robins.



Eu surpreendia a mim mesma.

—Canso-me de esperar —gritou a que ronronava— Não tive minha porção de assassinatos esta semana e realmente estão tentando a sua sorte.

—Explode o carro então —debochou Erik— Nosso tempo se esgota de todos os modos. Empalideci. Acabava de lhes dizer que explodisse nosso carro?

—Não me tente. Muita gente o quer morto, Erik. Só quero falar com você.

Se tivesse com forças, teria abafado a boca de Erik com a mão, de modo que ele não pudesse responder. Tal e como estávamos, não devia incitá-las mais.

—Me deem um minuto para pensar. — gritou ele.

—Não tem opção, ou morre ou se rende.

—Me deixe pensar, maldição!

Pausa.

—Um minuto —veio a resposta— E a contagem regressiva começa agora. Se não tomar uma decisão até então, fá-lo-ei por você. Já te dei mais margem do que já dei nunca a nenhum outro. O fato de que uma vez fomos amigos começa a significa cada vez menos.

—Por que o fez? —disse ele baixinho— Por que ficou realmente comigo?

Passou um momento antes que compreendesse que se dirigia mim.

—Temos um minuto e quer falar disso agora?

—Sim. Apresse-se.

—Conheciam meu nome —respondi, tratando de absorver sua fortaleza. Seu cabelo caía sobre a testa, cobrindo suas sobrancelhas e umas tensas linhas lhe rodeavam a boca. E mesmo assim, jamais me pareceu tão doce.

—Não soube até faz um minuto. Por que? —insistiu Erik.

Queria a verdade. Muito bem, não tinha nada que perder nesse assunto.

—Simplesmente não podia deixá-lo aqui para que morresse.

—Inclusive embora a ignorasse na escola?

—Inclusive assim.

—Inclusive embora pense que sou um traficante de droga?

Ante suas palavras, pisquei. Havia dito “pense”, não “sou”. Naquele momento, desejei que ele fosse só um garoto normal e que todo o resto fosse um mal entendido ou um rumor.

—Sim.

Sua expressão se tornou vulnerável. Suave. Tão esperançosa como eu me sentia.

—Inclusive assim.

—Tola — disse ele, mas havia uma leveza em seu tom que não tinha estado ali antes— Valente. — E logo deu a volta para mim e colocou um suave beijo sobre meus lábios, me sobressaltando.

O beijo não durou muito tempo, mas me sacudiu o coração.

O perigo nos rodeava e tinha um mental tic-tac na cabeça, mas não me importava. Erik Troy



acabava de me beijar. Não com língua, como tinha sonhado tantas noites, mas sim com carinho... como se estivéssemos a ponto de morrer e quisesse saborear seus últimos minutos na Terra.

E embora o beijo tivesse acabado, ele não se afastou imediatamente. Inspirei seu aroma, tão quente e fresco como a noite, desfrutando neste momento roubado. Desejei com força que seus braços me rodeassem, me segurando perto.

Mas não o fizeram, e entendi por que. Ele não podia deixar de apontar às garotas. Algo que dava o que pensar. E mesmo assim, este era ainda o momento mais feliz de minha vida.

Talvez porque compreendi que, pela primeira vez em minha vida, não me asseguravam um amanhã. Talvez porque estivesse louca por ele durante muitos meses. De uma forma ou outra, a ação me confortou e minha determinação de atravessar esta dura experiência (viva) intensificou-se.

—Não mereço que fique —disse ele— Nunca.

Faz uns minutos, poderia ter estado de acordo, mas com esse comentário de, “inclusive quando pense que sou um traficante de droga?”, já não estava tão segura.

—Deixe-me ser eu a julgar isso. —respondi.

Ele me estudou durante um segundo.

—Não sei o que fazer com você. É... —De repente, disparou em direção às garotas— Não se aproxime mais, Phoenix.

—Merda, Erik!

—Prometeu-me um minuto e ainda ficam alguns segundos.

Phoenix. Ouvi-lo dizer seu nome me recordou a familiaridade com a que tratava a estas garotas.

—Conhece-as?

—Sim. Infelizmente.

—Estou me cansando disto, Erik —grunhiu Phoenix, a líder— Não pode resistir toda a noite.

—Escuta, os dois sabemos que tenho a informação que quer. Não vai se precipitar e acabar comigo.

—Costumava a ser um de nós —proclamou uma nova voz.

Erik ficou rígido e um olhar de absoluta impotência pousou sobre sua expressão.

—Cara?

—Sim —disse Cara, seu tom duro, severo— Também estou aqui. Quase me mata com sua louca forma de conduzir.

Por que havia ficado rígido? Por que a impotência? E foi alguma vez agente do A.I.R.? Ele realmente parecia saber muito deles. E eu jamais havia visto ninguém dirigir uma arma tão habilmente.

—Talvez não queiramos matá-lo —disse Cara—, mas eu gostaria de partir sua cara.

A ex-namorada, decidi com uma pontada de ciúmes.

—Quanto tempo faz que vocês dois romperam? —perguntei antes que pudesse me deter.



Erik deu de ombros, me dando de novo sua atenção.

—Como sabe que estivemos saindo?

Dei um toque como a ponta do dedo sobre minha têmpora.

—Sou esperta.

—Uns meses. — disse ele com um pequeno sorriso.

—O que você fez para irritá-la tanto?

Seus lábios se apertaram, eliminando todo indício de sorriso.

—Não é um bom momento para falar disto.

—Como você sabe que não o mataremos —acrescentou Cara como se nunca se deteve a conversação—, nós sabemos que você não nos matará.

—Você não sabe nada de mim —grunhiu ele misteriosamente— Já não. Talvez nunca.

Pausa.

—Vou me aproximar, e se chamegar um só fio do cabelo da minha cabeça, matarei você da forma que quis fazer durante meses —disse Cara.

—Tem certeza que quer se arriscar, meu bem? —disse-lhe Erik— Eu também quis machucá-la. De fato, sonhei com isso.

Meu bem? Meu bem! Ainda sentia algo por ela? Não era da minha conta, não me importava, não deveria me importar, mas... obviamente eu ainda gostava dele e obviamente me importava. Depois de tudo, ele me beijou.

Plaf.

Franzi a testa. O que foi esse ruído?

—Deixei cair a arma —disse Cara, respondendo minha pergunta— Estou desarmada.

Erik soprou e jogou uma olhada pela janela do carro.

—Mas não indefesa.

Eu também joguei uma olhada pela janela e observei como a bonita mulher asiática dava um passo à luz. Tinha uma suave pele cor caramelo, os amendoados olhos castanhos e seu comprido e negro cabelo preso em um rabo de cavalo. Era ágil, de estatura média e seus suaves curvas estavam envolvidas em um ajustado traje negro de couro.

Inclinei a cabeça a um lado e franzi o cenho. Ela tinha estado no Ship'S. Havia estado com aquele grupo de garotas que tinham observado Erik tão atentamente. Embora não observou ao Erik todo o tempo, tinha-me observado.

Inclusive então suspeitava que eu trabalhava com o Erik? Deus querido! Possivelmente a noite estava condenada a sair mau, fizesse o que fizesse. Recordei às garotas que se aproximaram do balcão... uma delas tinha um tridente azul tatuado no rosto, outra tinha o cabelo loiro e traços bonitos. Outra o cabelo castanho e olhar penetrante. Não podia recordar às demais, só sabia que havia mais.

Estavam todas aqui? Provavelmente. Meu estômago se retorceu ante a ideia. Isso significava que não podíamos ver todas; algumas deviam estar escondidas. Possivelmente, inclusive



aproximando-se por detrás.

—Há mais, Erik. Há mais!

Ele entendeu o que dizia.

—Sei. Três já se postaram frente ao carro. O edifício as impede de ter um tiro claro, assim não se preocupe.

Que não me preocupe? Que não me preocupe!

Se Erik conhecia estas garotas tão bem, por que não abandonou o Ship's logo que as viu? Sabia que as tinha visto. Havia ficado tenso e transferido sua reunião com o Meio mascarado a outra sala.

Para salvar aos inocentes em caso de que explodisse um tiroteio?

—Maldição, Cara! —grunhiu ele de repente.

Cara continuou caminhando para nós, mantendo um passo lento e estável. Mechas de seu negro cabelo voavam ao redor de seu encantador rosto.

—Não é o que costumava me dizer. Costumava ficar alegre ao me ver.

Não era assombroso que Erik nunca me convidou a um encontro; ele esteve saindo com a perfeição.

—Disso faz muito tempo. — Lhe respondeu Erik.

—E muitas coisas trocaram após. Inclusive seu aspecto. Acreditava que não o reconheceríamos com uma cor de cabelo diferente? Acreditava que não averiguaríamos que operou os olhos, substituindo suas próprias córneas pelas de outro? E por certo, os olhos verdes ficavam melhor.

—Pare! —gritou ele com brutalidade— Não a quero mais perto.

Se ela nos alcançava... Senhor, não sabia o que aconteceria. O que faria ela? Nada bom, seguro. Havia fúria em seus bonitos olhos negros. E o que faria Erik? Ele obviamente não queria machuca-la ou já lhe teria disparado.

Pela primeira vez desde que esta horrível noite começou, Erik parecia profunda e sem lugar a dúvidas assustado... e isso me assustava ainda mais.

Quero dizer, se ele estava assustado, algo terrível estava a ponto de acontecer. Todas as advertências que me tinha dado sobre o A.I.R, passaram por minha mente. Até agora, ele teve razão em todo o resto.

Se ele não nos protegia, fá-lo-ia eu.

Engolindo saliva, procurei pela área algum tipo de arma. Vi terra, cascalho e frágeis fibras de grama. E umas pedras. Então me fixei no cabo de uma arma que se sobressaía da cintura das calças de Erik. Jamais disparei uma arma antes. Inclusive não estavam permitidas em minha casa porque meu pai se aborrecia com todo tipo de violência.

Antes que eu pudesse pensar nisso, agarrei a arma e aponte para Cara. Não disparei, mas sim gritei:

—Tenho uma arma e não me dá medo usá-la. —Bela mentira, Robins!



Erik se sobressaltou e estendeu a mão para mim, mas logo ele pensou melhor e ficou quieto. Também Cara se congelou no lugar.

—Ele poderá não disparar em você—disse—, mas eu o farei. —Talvez. Oh, Diabos! O que está fazendo?

—Inocente, não é? —Um olhar de repugnância passou pelos delicados traços de Cara. —Controla a sua namorada, Erik — grunhiu, dando um passo para frente.

Minha mão tremeu.

—Dispararei. Fá-lo-ei. Só quero que pare e escute o que tenho a dizer. Não mais ameaça. De acordo?

—Me dê a arma —disse Erik, tentando parecer tranquilo, mas sem fazer um bom trabalho— Simplesmente me entregue e tudo sairá bem.

—Não. —As lágrimas me arderam nos olhos— Não nos escutam! E tinha razão. Elas dispararam primeiro e perguntam depois.

—Camille — disse Erik.

—Não!

Cara deu outro passo, tão perto que podia ver os dourados reflexos em seu cabelo, combinando com as manchas douradas em seus olhos.

—Camille — repetiu Erik — Você não quer fazer isto.

Não, não queria.

Ele estendeu lentamente a mão e envolveu seus dedos ao redor de meus. Seu toque era apazível e pude sentir sua calosa e ligeiramente áspera palma.

—Jamais acreditarão que é inocente se começar a disparar.

—Mas...

—Não sabe do que são capazes. Não se converta em seu inimigo.

—Acredito que talvez já seja seu inimigo —sussurrei, desesperada.

—Não deixarei que lhe aconteça nada, certo? Confia em mim. Cuidarei de você. Cuidei que você até agora, não?

—Bom...

—Agora e sempre.

Cara alcançou a porta, seus sapatos tocando os meus. A arma pressionou seu peito.

—Não faça promessas que não possa manter.

—Vá ao inferno, Cara. Ela é inocente. Contarei tudo. —Erik fez uma pausa, sem deixar de me olhar— Camille. Dê-me a arma.

Uma lágrima escapou e escorregou por minha bochecha. Permiti que Erik me agarrasse a arma e meus ombros se derrubaram de alívio. De todos os modos, não queria lhe dar um tiro a ninguém e jamais me dei bem com as confrontações.

No segundo seguinte, Cara sacudiu seus braços e duas facas caíram a suas mãos. Antes que pudesse piscar, tinha as afiadas pontas na garganta do Erik.



Ofeguei com surpresa e horror.

—Disse que estava desarmada.

—Menti. —Ela não me olhou. Suponho que não me considerava uma grande ameaça— Ele está submetido —gritou— Não é assim, querido?

Erik permaneceu calado. Nossos olhares se encontraram, e ele sacudiu uma só vez a cabeça, acredito que me assegurando que tudo estava bem.

As outras garotas correram para nós e vi que tinha razão. Não havia três ou quatro. Havia seis. Uma, a da tatuagem do tridente azul, agarrou-me e me empurrou de cara ao chão. Minha boca se encheu de terra e tentei cuspi-la.

—Não a machuquem —ordenou Erik— Já disse. É inocente em tudo isto. Dei-lhe o guardanapo para distraí-las.

—Aposto que é tão inocente quanto você — debochou Cara.

Meus braços foram lançados atrás de minhas costas e gritei tão alto que o som se repetiu na noite. A ação tinha causado que o intumescimento de minha ferida se apagasse de repente e senti de novo cada pulsação de dor.

Erik agarrou os pulsos de Cara e os torceu com força. Ela caiu de joelhos com um uivo, suas facas afundando-se no chão. Ele mergulhou para mim em um esforço por me liberar mas alguém — um gato humano? — encontrou-o a meio caminho e caíram juntos sobre o cascalho.

—Deixa-a ir —grunhiu — A machucaram.

Erik e a garota, que tinha o cabelo multicolorido e as orelhas bicudas, lutavam e rodavam pelo chão. A garota silvava e repartia golpes a torto e direito com as unhas. Erik não a golpeou, como eu teria gostado que fizesse, mas sim esquivava seus golpes e lutava por submetê-la.

—Cuidado com ele, Kitten —resmungou Phoenix— O quero vivo.

—Sim, claro —respondeu com um ronrono— Também me quer viva? Ele briga ainda mais sujo que a última vez... —Ela grunhiu quando Erik a puxou sobre seu ombro.

Ela se agarrou a ele, atirando-o de uma vez. Seu cabelo laranja, vermelho e negro formou uma cortina a seu redor. Movendo-se com a graça e agilidade de um gato, deslizou-se sobre o corpo de Erik. Era uma Teran, compreendi.

Capturada como estava, não sabia o que fazer, como ajudá-lo, assim disse:

—Erik, estou bem. Estou bem.

Cara recuperou sua faca e saltou para o par de lutadores. Distraído, Erik não a viu e as facas logo se oprimiram contra sua garganta de novo. Várias gotinhas de sangue escorregaram por seu pescoço.

E mesmo assim, de todos os modos, ele seguiu brigando para chegar até mim.

—Estou bem —repeti, lutando contra a dor— Estou bem.

Desta vez, ele deixou de se mover. Ofegando, olhou-me para julgar a verdade de minhas palavras. Tive a sensação que começaria a lutar de novo se eu franzia sequer o cenho.

Ainda com Cara pressionando a faca em sua garganta e Kitten enrolando umas algemas-laser



ao redor de seus pulsos. Outras algemas-laser foram enroladas em meus pulsos também, sua luz vinculando-se a minha pele. Se eu tentasse tirá-las, levaria-me pedaços de pele e osso com elas.

—Agora que nos ocupamos disto —disse Phoenix, parando frente a nós e sacudindo as mãos. Era uma garota de cabelo loiro e olhos negros. Bonita, apesar da sua aparência frágil em contraste com a auréola de morte que cobria sua expressão—, levemos a estes dois ao calabouço do A.I.R. Tenho perguntas, e eles têm as respostas.

## CAPÍTULO 7

Empurraram a mim e ao ERIK em carros separados. Chegados a este ponto, tudo me parecia surrealista. Um minuto tinha estado em um clube com minha melhor amiga, observando a meu apaixonado, e ao seguinte estava ferida e presa de um grupo de pessoas que até agora só tinha demonstrado ser desumano.

O que podia fazer? Havia mencionado o guardanapo, tentado explicar o que aconteceu, mas ninguém quis me escutar. Nem sequer quando havia segurado aquela arma.

Começava a suspeitar, profundamente em meus ossos, que dissesse o que dissesse jamais acreditariam em mim. Em suas cabeças, eu era culpada e isso era tudo.

Tentando não entrar em pânico, caí sobre meu assento. Ninguém se incomodou em fechar a porta de passageiros, assim escutei as garotas como riam orgulhosas de sua captura e zombavam de Erik.

—Pensava que escaparia, verdade? —disse uma delas.

—Deveria ter sabido que o pegaríamos cedo ou tarde —proclamou outra— Sempre o fazemos.

—Nunca foi muito brilhante .— debochou outra mais.

Ele não respondeu, mas até desde esta distância podia ver a dor em seus escuros olhos que, aparentemente, uma vez tinham sido verdes. Tentei imaginá-lo com os olhos dessa cor, mas não pude. Como podiam ser tão cruéis com ele?

Fecharam as portas, bloqueando-o completamente a minha vista. Cada uma das garotas reivindicou um carro. Uma loira que não reconheci resultou ser minha condutora e Cara se instalou a seu lado.

Não me falou, mas me olhava com os olhos entrecerrados a cada poucos minutos. Uma divisória de vidro nos separava, por isso não podia me dirigir a ela. Isso era bom. Nestes momentos, odiava-a. E, lamento admiti-lo, assustava-me. Mentiu para mim, atacou-me. Tinha me vencido.

Pior, a ex-namorada de Erik muito bem podia segurar meu futuro em suas mãos.

*Se você pegou esse livro no blog "Romances Sobrenaturais", da Isis, saiba que ela prejudica propositalmente nosso grupo.*



*Estamos sendo ameaçados por editoras, cujos livros pedimos para não serem postados, e o blog citado, insiste em não acatar um dos pedidos que fazemos: “A não divulgação desses livros (séries compradas por editoras no Brasil) em blogs abertos”.*

*Gostou desse livro? Pegue direto na fonte e não de terceiros que somente prejudicam quem verdadeiramente faz o trabalho!*

Trinta minutos e um tortuoso passeio mais tarde, estacionamos em uma garagem subterrânea que conduzia a uma fortaleza de pedra e vidro. Muito alto, opressivo e misterioso, o edifício virtualmente gritava *Não-entre-ou-morre*. As pessoas iam e vinham, e todos eles vestiam negros trajes de couro e arma presa às suas cinturas.

Não vi o Erik enquanto a loira me empurrava fora do carro. Ela me flanqueou por um lado, Cara pelo outro, e me escoltaram ao interior do edifício. Tentei não me encolher ante a dor de meu braço. Tentei não chorar.

O que iam fazer comigo?

—Tudo isto é um grande mal-entendido — tentei explicar uma vez mais.

—Sim. Acredito em você —disse Cara com segura— Porque sou idiota.

—Se me escutasse...

Ela pressionou meu ombro com força, e ofeguei. Logo apertou mais forte e meus joelhos cederam. Nenhuma fez nada para deter minha consequente queda. Gritei, batendo primeiro o rosto e o ar escapou de meus pulmões.

Fiquei ali durante um momento, atordoada. Não me farão mal, havia dito a Erik mais vezes das que podia recordar. Que tola fui. Soltei uma gargalhada sem humor enquanto tentava vencer outra onda de medo.

—É ilegal me tratar deste modo. Não fui declarada culpada de nenhum crime.

—Não temos que achá-la culpada —disse Cara— Somente temos que suspeitar.

—Chamem a meu pai — me encontrei dizendo. Ele me protegeria. Sim, averiguaria tudo o que fiz, como tinha mentido para ele, mas já não me importava. De repente queria estar longe destas garotas, custasse o que custasse.

—O chamaremos. Mais tarde.

—Conheço meus direitos. —Meu pai se assegurou disso— Sou uma menor. Tem que chamá-lo se o solicitar.

—Se tratássemos com um crime humano, com certeza que sim. Com o Onadyn, todas as apostas estão jogadas. Além disso, já não é uma menor. Tem dezoito anos. Legalmente é adulta.

—Ele é meu advogado. —Tentei me levantar, mas Cara pôs o pé sobre minhas costas, me empurrando de novo ao chão. Estremeci.

—Não se levante ainda —disse— Eu gosto onde está.

—Isto é perseguição. E agressão. —soprei, a cólera vencendo o medo— Deixa. Que. Me. Levante.

—Acredita que é o bastante dura para ganhar? —Cara riu entre dentes e houve um bordo



ameaçador no som— Se for assim, logo se dará conta de seu engano. Assegurarei-me disso.

Tirou o pé e a loira me puxou até me levantar. Nas grandes portas vai e vem, assegurou-me contra uma parede para impedir que fugisse enquanto ela e Cara se sujeitavam a um exploratório digital e uma exploração de retina. A entrada se abriu e me empurraram dentro.

Havia pessoas – agentes, certamente - por toda parte. Detrás dos escritórios, andando pelo completamente prateado vestíbulo. Uns poucos me jogaram uma olhada. Havia telas holográficas, computadores e outros equipamentos que não reconheci.

—Isto não é... —apertei os lábios. “Qualquer coisa que disser poderá ser usado em seu contrário em um tribunal de justiça”. Senti o calor abandonar minha pele enquanto a voz de meu pai se repetia em minha mente.

—Saúde sua nova casa —me disse Cara— Seu peso, altura, e o calor de seu corpo já foram registrados no sistema. Ponha um pé neste vestíbulo ou em qualquer dos quartos circundantes sem permissão e estará morta.

Um estremelecimento me percorreu.

Depois de vários giros e voltas, por fim alcançamos uma porta de aço. Perdemos a loira em algum lugar ao longo do caminho e Cara teve que fazer uma pausa para outra exploração, esta de corpo inteiro. Luzes vermelhas pulsaram durante vários segundos antes que a porta se abrisse.

Este novo corredor tinha várias portas que conduziam diretamente a umas celas e esse conhecimento quase me desfez. Empurraram-me dentro da última cela à direita. O ar ali dentro cheirava a esterilidade e só tinha uma cadeira no centro.

Outro estremelecimento percorreu minha coluna vertebral. Minha nova casa, havia dito ela. Por quanto tempo?

—Ponha o rosto contra a parede —me ordenou Cara.

Por uma fração de segundo, pensei em desobedecer. Ao final, não o fiz. Covarde.

No momento que minhas bochechas se apertaram contra o frio metal, ela se colocou detrás de mim e me tirou as algemas-laser. Senti um puxão sobre os pulsos e logo, por fim, o calor desapareceu.

—Qual é seu nome completo? —perguntou ela, sua voz fria e impassível.

—Camille Diane Robins.

—Quantos anos tem, Camille Diane Robins?

Farão-lhe perguntas fáceis ao princípio, havia me advertido Erik. Logo se tornarão mais difíceis. Tive problemas para respirar, mas consegui dizer entrecortadamente,

—Já sabe. Dezoito.

Ela me olhou fixamente durante muito tempo, me estudando, e pareceu que uma batalha explodia em sua mente. Finalmente cabeceou, como se tivesse tomado uma decisão.

—Voltarei dentro de pouco. Por agora, pode se sentar e pensar em todos os modos nos quais posso feri-la se mentir para mim.

Oh, já imaginava, e muito bem. Agulhas cravadas sob as unhas. Martelos esmurrando meus



joelhos. Todo meu cabelo raspado. Mas não podia deixar que me afetasse. Hoje havia suportado a picada de uma Lacer. Tinha sobrevivido à perseguição em carro e a um tiroteio. Não me rachei quando esta garota me empurrou ao chão. Era hora de deixar de ser uma covarde.

—Onde está Erik? —perguntei, girando para olhá-la aos olhos. Um movimento valente, um que não teria tentado nenhum outro dia. Mas queria falar com ele. Ele me explicou o que me esperaria. Agora queria que me dissesse o que fazer, e como sair daqui.

Ela levantou uma escura sobrancelha.

—O que te importa? O que é ele para você?

—Um herói, suponho. Lutou para me proteger enquanto vocês atiravam em mim.

A fúria se refletiu em seu encantador rosto, vibrando claramente.

—Acredita que isso a faz especial? Bom, pois não o faz. Também salvou minha vida uma vez. Pisquei com surpresa.

—Como pode tratá-lo desta forma então?

Não respondeu. De fato, girou sobre seus calcanhares e saiu de um limiar do quarto, me deixando sozinha. Só com minhas perguntas.

Onde tinham levado Erik? O que lhe faziam?

Meus pais foram notificados como pedi?

De repente, as lágrimas arderam em meus olhos e me sentei contra a parede. Se sobrevivesse a isto, deveria me tornar advogada como meu pai e lutar contra as estúpidas leis que outorgavam aos estúpidos agentes do A.I.R o direito de deter gente inocente.

Nunca havia me sentido mais quebrantada. Mais necessitada. Ao menos, no final, agiu com valentia, disse a mim mesma. Embora fosse um consolo muito pequeno.

O que aconteceria comigo agora? Perguntei-me. Quão longe estes agentes do A.I.R. estavam dispostos a ir?

Com um suspiro tremente, fechei os olhos. Demonstrou ser um engano. Minhas pálpebras pareciam tão pesadas como rochas de mil quilogramas e uma vez fechados não houve forma de abri-los. Os músculos de meus ombros se encurvaram e meu queixo caiu gradualmente para diante. Pontinhos escuros brilharam através de minha mente como brilhos negros.

Não sei quanto tempo passou. Só sei que me balançava entre sonhos turbulentos e nebulosas vigílias... e ao cabo de um momento, foi difícil distinguir qual era qual. Vi brilhos de disparos. Cruéis rostos que riam e que não se importavam se vivia ou morria. Nuvens me abraçando. Paredes acolchoadas.

—Ela é certamente toda uma surpresa. —disse uma áspera voz feminina, me devolvendo a consciência.

Ainda sonhava?

—Sei. Saiu de nenhuma parte. —Phoenix. Como se alguma vez esquecesse seu tom de comando.

—Como se feriu? —Desconhecida.



—Não estamos seguras. Mas em algum lugar dentro do clube —Phoenix.

—Suponho que não importa. —Desconhecida.

Está acordada. Tem que estar. De outra forma poderia envolver em chamas a ambas as mulheres com um só pensamento. Mantive os olhos fechados, sem respirar sequer. Procurando não me mover nenhuma polegada... se é que pudesse ser capaz de fazê-lo. Ainda me sentia pesada como o chumbo.

—Não temos nem ideia de se trabalhar com o Erik. —Cara. E pareceu amargurada.

Muito bem. Havia ao menos três pessoas no quarto comigo. Genial.

Um frio fôlego soprou sobre minha bochecha quando uma das garotas se ajoelhou frente a mim.

—Não é seu tipo habitual. —Esta declaração veio da desconhecida.

Não franza o cenho, não franza o cenho, não franza o cenho.

—E que tipo é esse? —exigiu Cara.

—Você —respondeu a mulher.

E qual era? Bonita? Inteligente? Ambas? Tudo o que supostamente eu não era.

—Bom —disse Cara, claramente acalmada— Isso é verdade.

Apertei os dentes.

Pausa. Logo Cara soltou angustiosamente:

—Mia... realmente acha...

Mia a interrompeu.

—Não vá por aí. Deixa-o estar, Cara. Rompeu com ele e trabalha contra nós. Não se apaixone de novo. Olhe onde a levou a última vez.

Uma espessa tensão encheu o quarto.

Phoenix limpou a garganta.

—Eu, hã,... voltando para o assunto da Camille. É uma estudante modelo, jamais se meteu em problemas e não há nenhum indício de que seja uma viciada. Os pais não são ricos, mas ganham bastante para mantê-la com estilo. Assim, por que se aventuraria com o Onadyn?

—Pela emoção? —disse Mia. Ouvi um rangido de roupa, como se ela desse de ombros— Por amor?

Não me aventurei com o Onadyn, idiotas!

—Não por amor. Ao menos, não por parte do Erik. A maior parte, ignorou-a no Ship's —indicou Cara— Possivelmente não trabalham juntos. Possivelmente ela seja um pequeno cachorrinho doente de amor e o persegue.

—Você e eu sabemos que isso não é verdade —disse Phoenix— Ele soube o momento exato em que ela deu um passo no quarto andar. Viu sua reação para ela. Seus olhos se tornaram mais quentes; sua linguagem corporal mudou, inclinando-se para ela. Era consciente de cada um de seus movimentos e fez o possível para não mostrá-lo.

O que? Meu coração revoou.



- Mas ao final, mostrou-o. —Mia suspirou— Disse que lhe deu algo. O que?  
—Depois de que os acurralamos, ela nos disse que foi um guardanapo. —Phoenix.  
—Procurei-o e realmente encontrei um guardanapo, mas estava em branco. —Cara.  
—Um chamariz, provavelmente. —Mia.

Houve uma segunda pausa, esta tão asfixiante e afiada que teria me talhado em pedaços se tivesse me movido. Erik tinha notado minha presença? Seus olhos se tornaram quentes quando me viu? Apesar do perigo, a ideia era embriagadora.

—E não esqueçamos o modo em que a protegeu quando todas a apontamos com nossas armas.

—Entendido, Phoenix —disse Cara com veemência— Já ficou claro. Agora pode se calar.

Uns fortes dedos se abrigaram ao redor de meu dolorido braço e tive que lutar contra um estremecimento. Umhas tesouras cortaram a atadura e me balancei na cadeira, surpreendida de que não tivesse caída ainda.

Espera! Estava sentada? A última coisa que recordava era que estava estendida no chão.

Fiz inventário: pernas pendurando, traseiro firmemente plantado sobre um pedaço plano de metal, braços atados atrás de minhas costas. Elas tinham me movido à cadeira e me amarrado! O medo me alagou. Estava total e completamente presa.

Oh, merda. Podiam fazer o que quisessem comigo e não poderia detê-las. Não poderia lutar nem me defender.

Havia outro par de mãos colocadas sobre meus ombros, me segurando no lugar.

—O que acham que é o papel dela nisso tudo? —perguntou Mia, a ponta de seus dedos sondando em minha ferida.

Relaxe. Permanece relaxada.

—A namorada tola, o mais seguro. —Cara— E o que realmente me arde é que foi capaz de mantê-la em segredo durante tanto tempo.

—Sim, mas ela vende? —Phoenix estalou a língua— O que é o que sabe?

—E bem? —disse Mia.

Nenhuma das garotas respondeu.

—É só a namorada tola ou tem um papel crucial nisso? —acrescentou ela.

Minha apreensão e medo se triplicaram. Sabiam que estava acordada. Uma parte de mim esperou ser esbofeteada enquanto minhas pálpebras revoavam até abrir-se. Não fui. As três mulheres permaneceram quietas, me observando fixamente. Franzindo o cenho.

Ofeguei quando a misteriosa Mia entrou na visão. Suponho que não era como eu a esperava. Alguém com uma voz tão autoritária deveria ser alta e robusta, inclusive varonil. Não esta mulher. Era bela. Uma das mulheres mais lindas que nunca tinha visto.

Tinha o cabelo negro e eletrizantes olhos azuis emoldurados por longos cílios negros. Um corpo pequeno e delicado. Um rosto doce e angelical. E ainda inclinada sobre mim, estudando minha ferida, parecia completamente intangível, alheia às emoções e a todos a seu redor.



—E bem? —incitou.

—Não sou sua namorada — sussurrei — Nem vendedora. Nem fabricante. Nem tampouco tola —acrescentei mais forte.

—E o que é? —Mia me perfurou com seu feroz olhar.

—Inocente.

Cara soprou.

Mia deu de ombros, como se minha resposta não tivesse importância.

—Alguém a queria morta, menina. As Lancer costumam dar morte, não advertências. A um inocente não teriam dado um tiro como este. Fazia algo que supostamente não devia fazer, verdade?

Ao invés de responder, disse:

—Vejo as notícias. Às vezes disparam em inocentes.

O canto esquerdo de sua boca se estirou. Em um sorriso? Uma careta?

—Quem atirou em você?

—A fada dos dentes —respondi, não estando segura de onde consegui meu alarde desta vez.

Mia passou a língua pelos dentes e já não tive mais dúvida quanto a se sorria ou franzia o cenho. Franzia-me o cenho com uma potente fúria.

Cara deu um passo para mim, levantando o braço com toda a intenção de me esbofetear tal e como tinha temido. Phoenix a conteve.

—Direi o que quer saber quando meu pai estiver aqui.

—Ele é advogado —disse Mia, uma declaração, não uma pergunta.

—Sim.

—Não o permitirei se aproximar de você até que não me diga o que quero saber. O que diz a isso?

Minhas mãos se apertaram em punhos.

—Não pode mantê-lo afastado de mim.

—Posso fazer o que quiser.

—Onde está Erik? —perguntei, tentando uma tática diferente. Não chore. Permaneça forte. É valente, recorda?— Quero vê-lo.

—Talvez a fada dos dentes a escoltará a sua cela —respondeu Mia. Ela permaneceu onde estava, agachada a meu lado— A não ser que, é obvio, queira responder de outra forma a minha pergunta.

Bem, permanece forte, mas sem ser impertinente outra vez.

—Me deixe vê-lo. Por favor. —Se elas estavam sendo enérgicas comigo, o que estavam fazendo a ele?

Phoenix liberou Cara e ambas flanquearam Mia, cruzando os braços sobre o peito e me rodeando como uma parede de ferocidade feminina. Um tremor me percorreu. Uma por uma, davam medo. Juntas, eram o inferno sobre a terra.



A cabeça de Mia se inclinou a um lado enquanto examinava atentamente.

—Assegura que não é sua namorada, mas age como tal. Deveria acreditar nas suas palavras ou nas suas ações, hmmm?

—Palavras. —Mas tinha razão. Minhas ações eram mais que convincentes e tudo em mim tinha sido condenatório— Realmente esta noite foi a primeira vez que falei com ele.

—Oh, sério? —Estendendo a mão, Mia a apertou contra meu braço, provocando que a rasgada carne lentamente se estirasse. Estremeci de dor— Não quero machucá-la, Camille, mas o farei se tiver que fazê-lo. Far-lhe-ei isso lentamente e frequentemente. Segue-me?

Incapaz de falar, assenti com a cabeça. As lágrimas que tinham ardido em meus olhos até um momento, transbordaram-se.

—Bem. —Seu apertão se relaxou e fui capaz de respirar de novo— Erik esteve transportando Onadyn do Ship's ao público. Quero saber como o faz sem que o apanhem e acredito que você pode me esclarecer isso.

—Mas não posso. —Olhando-a nos olhos, supliquei-lhe que acreditasse em mim — Não sei nada. Juro.

—Tem medo de que ele a machuque se nos contar?

—Erik jamais faria mal a um garota — disse Cara, beligerante.

—Cara —grunhiu Mia sem afastar os olhos de mim— Saia.

—O que? —A boca da garota caiu aberta.

—Não faça que o repita.

Passou um segundo enquanto a surpresa se refletia no rosto de Cara. Então seus olhos se estreitaram sobre mim com um ódio absoluto, como se fosse culpa minha que se colocou em problemas. E o admito, realmente senti uma pequena pontada de satisfação.

Não fiz um trabalho muito bom ocultando-o porque seu ódio se transformou em raiva, esticando seus traços. Ter-me-ia atacado se Mia não tivesse intervindo, colocando-se frente a mim. Joguei-me para trás e pela extremidade do olho vi a ponta prateada de uma faca. Uma faca que Cara segurava. Tinha intenção de me cortar, compreendi surpreendida.

Que lugar tão violento este era.

—Cara! —rugiu Mia— Última oportunidade.

Cara saiu raivosamente do quarto, seu negro cabelo voando detrás dela.

Quando a porta se fechou, Mia disse:

—Bem, Camille. Estava a ponto de me contar algo.

Exalei um comprido e trememente suspiro.

—Não posso te contar nada porque não sei nada. Fui ao clube para ver e falar com o Erik, talvez inclusive dançar com ele. Não soube nada das drogas até... —Horrorizada, apertei os lábios. Maldição! Não deveria ter admitido isso. Agora ela me assaria à churrasqueira em busca de detalhes que eu não tinha.

—Até — me apressou Phoenix, dando um passo mais perto.



Olhei meus pés e notei que tinham tirado minhas botas. Não usava as meias e meus pés estavam nus. As pintadas unhas azuis brilharam sob a luz.

—Até que não transpassei aquela porta vigiada —admiti— Um grupo de Ell Rollis me atacou e Erik me salvou deles.

—Somente? —perguntou Mia. — Isso foi tudo o que aconteceu?

—Sim.

Mia estudou meu rosto durante muito tempo, seu profundo olhar me sondando.

—O que ele lhe deu? E não diga um guardanapo em branco.

—Se te disser outra coisa, mentirei.

—Já veremos, menina. Já veremos. Vou fazer alguns testes nesse guardanapo e interrogarei a algumas pessoas. Reze para que apoiem suas palavras. —Sem dizer nada mais, Mia saiu do quarto com passos largos, a porta fechando-se atrás dela automaticamente.

Phoenix olhou da porta a mim, e de mim à porta. Passou-se a língua pelos dentes em uma imitação perfeita de Mia e logo seguiu o mesmo caminho que a bela mulher tinha tomado.

A sós de novo.

O braço me doía. Queria ir para casa; queria que meus pais me mantivessem a salvo. Mas, mais que isso, queria salvar Erik da forma que tinha me salvado. Se realmente era um traficante de drogas, queria salvá-lo de si mesmo. Se não o era, queria salvá-lo destes agentes.

As pessoas boas, às vezes tem que fazer coisas más.

Ele era ou não era? E mais, importava-me?

Se vendia ou não, não o fazia por dinheiro. Sabia. Não quando sua casa caía a pedaços. E Erik não consumia, não era um drogado. Sua pele não estava escamosa nem tingida de azul, dois sinais reveladores.

Alguém que ele amava precisava do Onadyn?

A ideia me agarrou de improviso e pisquei. Talvez. Era definitivamente uma possibilidade e explicaria muitas coisas. Se um Outro o necessitava, mas não podia consegui-lo, um traficante o faria por eles. Mas então a pergunta era que pessoa sabia Erik que o necessitava. Um amigo? Silver, possivelmente?

Neguei com a cabeça. Os Morevvs toleravam o oxigênio e não necessitavam Onadyn para sobreviver em nosso planeta.

Quem não podia consegui-lo por si só? Os pobres? Espera. Neguei com a cabeça de novo. Acredito que o governo lhes dava fornecimentos grátis. Aliens predadores, então? Minha boca caiu aberta. Sim. Os aliens predadores que eram suspeitos ou condenados por um crime, eram privados do acesso, por isso tinham que deixar o planeta... se conseguiam sobreviver à caça do A.I.R.

Não era tarefa fácil, compreendi agora com um estremecimento.

Erik poderia ter todo tipo de amigos infratores da lei. Ou ao menos que se suspeitasse que infringiram a lei. Eu era a prova de que às vezes o A.I.R. cometia enganos. Grandes enganos. Eu era



a prova de que às vezes as ações eram mal interpretadas.

Uma tela holográfica se materializou na parede situada frente a mim, o ar fluuando como geleia transparente. A imagem do Erik apareceu sobre a tela. Ao vê-lo, o alívio e a surpresa me alagaram ao mesmo tempo. Ele tinha um olho arroxeadado, um corte no lábio e várias gotas de sangue seco no queixo. Tinha sido golpeado, e era óbvio que muito. Mas estava vivo, que era o mais importante.

Como eu, estava preso a uma cadeira.

Observei como Cara dava um passo no quarto do Erik, sua expressão decidida. Erik a descobriu e riu ironicamente.

—Bradley foi informado —disse ela— Está a caminho daqui e quer falar com você.

—Um detalhe encantador, o trazê-lo.

—Isso pensamos.

Quem era Bradley? Odiava não sabê-lo. Tinha que ser alguém importante pelo afiado e torturado olhar que passou pelos olhos de Erik, um olhar que rapidamente mascarou. Se não o tivesse estado estudando tão atentamente, teria passado por cima.

—Tentando me quebrantar, Cara?

—É óbvio, Erik. —Fez uma pausa e estudou suas unhas pintadas de vermelho sangue— Você merece ser quebrantando de corpo e alma.

—Bom, terão que fazer o melhor que isto. Deixou de me preocupar o que Bradley pensa de mim faz muito tempo. E o que você pensa também, em realidade. —Sorriu-lhe com satisfação— Não foi inteligente por parte do A.I.R enviar a ex para me interrogar. Realmente não dou nenhuma merda pelo que pense de mim, meu bem.

Cara apertou a mandíbula e deu a volta longe de Erik, a câmara ocultando sua expressão.

—Ainda me preocupo com você, Erik.

—Ainda? —Ele soprou— Jamais se preocupou comigo, ou teria me apoiado e permanecido a meu lado quando eles me jogaram a chutes da esquadilha.

Ela se girou, a raiva resplandecendo sobre sua face.

—Realmente quer ir por aí?

—Sim. Por que não? Tenho boas lembranças de você se movendo por minha cela e...

—Argh! —Levantou a mão como se pensasse esbofeteá-lo, mas se deteve a tempo e se afastou dele, respirando profundamente— É tão bom manipulador agora como então. “Sou inocente, Cara”, “tem que acreditar em mim, Cara”. —Ela esmurrou a parede— Deixei você me enganar uma vez, mas jamais o deixarei fazê-lo de novo.

—Enganá-la? Se isso for o que tem que se dizer para dormir pelas noites, meu bem...

Com passos cortados, ela caminhou ao redor de sua cadeira.

—Por que age desta forma?

—Porque posso — foi a resposta de Erik.

—Me machucar ainda mais? Ferir-me por dentro?



Uma parte de mim se sentiu culpada por ser parte desta conversa íntima. Outra parte escutava com impaciência, querendo absorver cada detalhe que pudesse.

—Em certa época, teria matado a qualquer um que a machucasse. —disse ele, passando a língua pelo corte do lábio— Inclusive eu mesmo. Agora, simplesmente não me importa. Sente-se ferida? Que diabos! Nada do que te faça igualará o que me fez todos aqueles meses.

De novo, ela se afastou dele.

—O que quer de mim?

—Não quero nada de você—disse ele sem emoção.

—Esperava que deixasse o A.I.R por você? Que advogasse por seu caso quando era óbvio que era culpado? —riu amargamente, como se quase desejasse que tivesse tido a coragem de fazê-lo— É estúpido.

—Sim, possivelmente seja tão estúpido como esperar que a garota que assegurava que me amava defendesse meu nome. —Ele não parecia impassível desta vez. Parecia quebrado por dentro— Esperar que a garota que assegurava me amar acreditasse que havia uma boa razão para que fosse pego com o Onadyn.

—Não existem as boas razões. — gritou ela.

Ele afastou os olhos dela, repugnado.

Passou um momento enquanto Cara se compunha. Ela endireitou os ombros, girou, e levantou o queixo. Um ar de determinação a envolveu; era todo negócios agora.

—Esquivou-se de nós durante muito tempo, Erik.

Devagar, ele sorriu amplamente, um pouco zombador

—E isso os surpreende? Iam atrás de meu sangue.

Ela agitou uma mão no ar.

—Não nos interessa você; estamos atrás do peixe gordo. Queremos saber onde se fabrica o Onadyn. Onde o armazenam. Queremos saber como o põem na rua sem ser detectados. Se nos der esses detalhes, poderá ir.

—E logo poderão destruí-lo?

—Sim.

Um músculo palpitou em sua mandíbula.

—Sinto muito. Jamais conseguirão ajuda de mim. E mais, não negociarei com essa informação. Nunca.

—O Onadyn mata as pessoas —disse ela, a raiva obscurecendo seus já por si olhos negros— Sabe.

—E você sabe que eu jamais o vendi a um humano.

—Sei? Cada uma de suas ações aclama sua culpabilidade.

—Salvo a aliens, Cara. Ao menos, sabe isso.

Tinha razão, pensei com surpresa, felicidade e alívio. Vendendo Onadyn, Erik tentava salvar aos aliens. E eles o tinham golpeado por isso? Salvar vistas não era um crime.



—Os aliens podem receber seu Onadyn de fornecedores apropriados como, supõe-se, fazem. Fabricá-lo, vendê-lo ou comprá-lo sem licença é ilegal e perigoso. Deve estar regulado.

Erik não disse uma palavra.

Cara se aproximou dele e arrastou a ponta de um dedo através da largura de seus ombros.

—Se não nos disser quem é seu fornecedor, o golpearemos para te tirar a verdade. E logo golpearemos a sua namorada.

—Ela não é minha namorada — disse ele com brutalidade, o fogo ardendo em seus olhos — Deixem-na em paz.

Estalando a língua, ela passou as mãos por seu cabelo.

—É um mentiroso. Camille significa algo para você. Oh sim, e muito. Ferve com a necessidade de proteger à pequena princesa.

—Por uma vez disse a verdade —disse ele através dos dentes apertados, evidentemente por ela— É inocente.

—O Erik que eu conhecia nunca teria comprometido a um civil.

—Este Erik o fez. Meti-a nisto quando não deveria tê-lo feito. Eu sou o mau, não ela.

—Uh-uh-uh. Tem sentimentos por ela. —O tom de Cara era leve, mas seus traços eram sombrios, como se uma nuvem tormentosa os cobrisse— Posso vê-lo sempre que a olha. E eu deveria sabê-lo. Você costumava me olhar assim. Além disso, por que não teria ocultado sua relação com ela?

Ele riu, e houve genuína diversão no som.

—O A.I.R realmente está se tornando descuidado se isso é o que pensa.

Franzindo o cenho, Cara o esbofeteou na cara. Ele seguiu rindo e ela o esbofeteou de novo. O sangue gotejou de sua boca e queixo. O acertou uma terceira vez.

—Pare — gritei à tela.

—Está com ciúmes de que esteja interessado em outra mulher — disse Erik, aparentemente insensível pela violência—, ou está com ciúmes porque ela é melhor pessoa do que você alguma vez será?

Alguém tão pouco atrativa como eu? Melhor?

Cara empalideceu.

Erik franziu os lábios e lançou um beijo.

—Diga a Mia que terá que me matar, porque não lhe direi nada sobre o Onadyn, sobre o Ship's ou sobre a Camille.

Oh, Erik. Não diga isso. Poderiam levar a sério. Meu corpo começou a tremer e se negou a parar.

—Conseguiremos as respostas —disse Cara, as palavras arrastadas, moderadas.

—Façam sua melhor tentativa.

Por que queriam que visse isto? Perguntei-me com ira. Pensavam que me voltaria contra Erik se o via comportar-se mau? Por favor! O que faziam era me voltar cada vez mais contra eles a cada



segundo que acontecia.

—Oh, vamos —disse Cara brandamente— Não o mataremos se não conseguir o que queremos. Mataremos a Camille, e você olhará.

## CAPÍTULO 8

“MATAREMOS a Camille.”

E o fariam, pensei, meus ouvidos apitando com força pelo pânico. Fariam-no sem vacilar. Sem remorso. Nada do que tinham feito até agora tinha mostrado que eram misericordiosos. E, para ser honestos: Cara já teria matado me se o tivessem permitido.

O mais provável é que nem verificassem minha história. *E por que o fariam, Robins?* Elas viram o que viram e isso não podia ser apagado.

A porta de minha cela se abriu e meu coração quase se deteve. Já vinham me matar?

Ouvi Cara dizer:

—Convença-o de que fale conosco... e que diga a verdade — Não parecia alterada ou culpado, parecia satisfeita— Ou podem aproveitar o tempo para se despedirem.

A verdade. Minhas mãos se apertaram em punhos, provocando que minhas algemas-laser queimassem meus pulsos.

—Eu já disse a verdade! —gritei, todas minhas emoções borbulhando na superfície.

De repente, empurraram Erik dentro de meu quarto. Silencioso, rapidamente parou e se estabilizou. Sorrindo amplamente, Cara entrou atrás dele. Segurando uma pyre-arma com uma mão, tirou-lhe as algemas-laser com a outra.

Seus olhos se fecharam sobre mim e não se moveu. Determinação e alívio irradiavam dele. E algo mais, algo que não podia identificar; só sabia que era intenso. Quente.

Tremi, o calor crescendo por toda parte. Estava vivo e estava comigo. Por fim! Uma coisa era vê-lo em uma tela e outra completamente diferente era vê-lo em pessoa. Sua presença muito me consolava quando deveria me fazer vomitar.

—Por que liberta minhas mãos? —perguntou Erik— Trama algo?

Silenciosa, Cara caminhou para trás para sair da cela, o canhão de sua arma sem deixar de apontar ao Erik. Mas seus traços eram ofegantes, necessitados. Ela podia tê-lo traído depois que foi pego com o Onadyn, mas ainda o queria. E não gostava de fazê-lo.

Como todos outros no mundo, ela estava necessitada contra suas próprias emoções.

Quando estive de pé no vestibulo, a porta se fechou frente a ela, deixando ao Erik e a mim sozinhos. Imediatamente ele fechou a distância entre nós e se agachou detrás de mim. Abri a boca para falar, mas ele sacudiu a cabeça. Inclusive elevou uma mão e a colocou sobre meus lábios.

—Há câmaras por toda parte — disse.



—Onde? —perguntei quando tirou a mão. Olhei a esquerda e direita, mas não vi nenhuma. Tinha sido filmada sem meu conhecimento. Isso me fez me sentir ainda mais violada.

—Por toda parte. acredite em mim. Está bem? —perguntou ele.

—Sim. Ainda respiro.

—Vou reprogramar de novo suas algemas. Pode...

—Ai!

—... picar um pouco — terminou ele — O sinto.

Havia sentido um puxão, uma queimação, mas agora era livre e não me sentia tão necessitada. Colocar os braços sobre meu colo requereu um esforço considerável. Estavam instáveis e fracas e a pele ao redor de meus pulsos, vermelha e inflamada.

Movendo-me com dor, girei-me no assento para confrontar Erik. Vendo seus cortes e contusões em pessoa, aqueles sinais de dor e sofrimento, era como ser despida e colocada frente a uma mangueira de água gelada.

O que fizeram com ele para que seus olhos se enegressem e seu lábio se inchasse assim? Ele era forte, sim, mas até o mais forte dos homens podia ser assassinado.

—Está bem?

Sorriu ironicamente, logo se estremeceu. Tocou o canto do lábio, limpando uma gota de sangue fresco.

—Melhor que nunca.

—Mentiroso — disse sem calor.

Ele riu entre dentes.

—Pegou-me.

—Erik... — disse ao mesmo tempo em que ele dizia:

—Camille...

Apesar das horríveis circunstâncias — ou talvez devido a elas — rimos, extraíndo o humor de onde podíamos, antes de ficarmos calados.

—Você primeiro — disse ele finalmente.

—Eles disseram a verdade, mas querem me matar. Temos que...

Ele colocou a mão sobre minha boca, cortando com eficácia minhas seguintes palavras. Olhei-o com curiosidade. Liberou minha boca, mas não se afastou. As pontas de seus dedos contornaram a curva de minha mandíbula e tremi. Pelos nervos, assegurei-me.

—Escutam tudo o que dizemos, que é a única razão pela qual me permitiram entrar na cela.

—Não tentou baixar o tom, mas sim falou forte— Costumava trabalhar com eles, aqui neste mesmo edifício, assim conheço seus truques. Querem que falemos, que revelemos nossos segredos.

Suponho que ele realmente tinha sido um agente. Era o suficientemente forte, não tinha me ferido e era bastante inteligente. Mas em minha mente, ainda era um estudante de instituto que se pavoneava pelos corredores, brincava com o Silver e paquerava com todas as (socialmente



visíveis) garotas.

—Entende o que te digo?

—Sim.

—Bom. —Sim, tinha-me liberado das algemas, mas com suas palavras, outra onda de impotência me bombardeou. A vigilância constante era o mesmo que estar preso. Não podíamos escapar de nenhuma forma... e queria fazê-lo desesperadamente.

—Não se preocupe. —acrescentou ele. Deixou cair a mão, mas não antes que seus dedos deslizassem ao canto de meus lábios em um ato de consolo— Tudo vai ficar bem. Prometo.

Tola que sou, quis que sua mão retornasse a meu rosto. Seu toque era igual o recordava: quente, áspero, calmante. Além do Erik, nenhum garoto antes havia me tocado assim. Eu gostava, queria mais.

—Lamento tê-lo acusado de vender aos humanos.

Seus olhos se estreitaram e ele apertou a mandíbula.

—Deixaram que escutasse minha conversa com Cara? E acredita em mim?

—Sim. E sim.

—Algumas pessoas diriam que vender Onadyn aos aliens é tão mau quanto vender aos humanos —disse em voz alta e seu tom indicou sem lugar a dúvidas que pensava que essa gente era idiota.

—Por que lhe fazem isto se salvas vistas? —Ninguém merecia morrer como o alien que vi naquela foto.

—Boa pergunta — resmungou ele e logo suspirou.

Reunindo coragem, disse:

—Posso ver por que quis deixar esta linha de trabalho —gritei em benefício de nossa audiência, assim para aliviar o escuro humor do Erik.

—Sim, e isso por que?

—Não só as condições são uma merda, mas também suas antigas colegas de trabalho são imbecis. —Isso era! Tomem isso, senhoras! O A.I.R. não me derrotaria. E não me encolheria de medo. Já não.

*Quem é? Exigiu minha mente. Foi abduzida por um Outro?*

Erik sorriu lentamente.

—Cada vez eu gosto mais de você, Camille Robins. É uma bom juíza de caráter.

Devolvi-lhe o sorriso. Eu também gostava dele cada vez mais.

—Lamento sobre o guardanapo — disse ele — Não deveria ter lhe dado.

Talvez fosse imaginação, mas enquanto sorriamos um ao outro, algum tipo de tensão surgiu entre os dois. Não do tipo mau, mas sim de necessidade. Queria um beijo, necessitava um beijo. E ele? Os batimento de meu coração se aceleraram e o fogo se estendeu por minhas veias. As pessoas nos olham, recordei-me.

Limpei a garganta.



—Como agente, alguma vez matou a alguém? —Um tema, que estava segura, o A.I.R. conhecia bem.

—Sim. —Os olhos ficaram vidrados e escuras lembranças o arrastaram profundamente em seu interior, afundando-o em uma terrível espiral— Fui recrutado em meu décimo oitavo aniversário.

—Não tem que me contar isso se não quiser.

Continuou como se eu não tivesse falado.

—Estava fora celebrando-o e tinha bebido muito. Tornei-me arrogante. Grosso. Insultei a outro e lutamos. Não foi uma pequena rixa, mas sim uma luta sangrenta e violenta que me quebrou várias costelas, cortou meu estômago e fraturou meu pulso.

—Uau.

—Um agente viu tudo. Veja, meu oponente era um Arcadian, um que podia mover-se mais rápido que a piscada de um olho. Consegui me sustentar em pé e inclusive infligir algum dano, algo que a maioria dos humanos não são capazes de fazer. —deu de ombros de novo, e não de forma casual desta vez— O A.I.R. tirou-me do hospital no dia seguinte, enfaixou-me e começou a me treinar para me converter em um agente. Em um assassino.

Afastei-lhe o cabelo da testa e, compreendendo o que tinha feito, apressei-me a voltar a colocar a mão em meu colo.

—Aqueles garotas...

Assentiu rigidamente e ficou de pé. Notei que também lhe tinham tirado as botas, deixando seus pés nus.

—Sim. Moças retiradas do instituto e entregues para converter-se em agentes do A.I.R. Treinamos juntos.

Quis estar de pé também. Possivelmente pôr minha cabeça sobre seu ombro e envolvê-lo com meus braços. Parecia tão triste. Mas permaneci sentada. Quanto mais o tocasse, elas pensariam que realmente éramos namorados. Já pensavam que era uma mentirosa e isso só acrescentaria mais combustível ao fogo.

—Por que você partiu? —perguntei.

Ele massageou a nuca.

—Já sabe. Fui pego com o Onadyn.

—Sim, mas parece que há mais que isso. Parece, pois... —vacilei— Sinto dizer isto, mas parecem te odiar. Ser pego com o Onadyn é um crime, sim, mas não acredito que seja digno de tal ódio.

Seu olhar foi agudo enquanto se inclinava sobre mim.

—Você me odiou quando soube. Não tente negá-lo.

—Negarei-o se quiser. —teimosamente, elevei o queixo— Não te odiei. Estava decepcionada e impressionada. Mas inclusive então me resultou difícil conciliar o que me disse com o garoto que tinha idolatrado em minha cabeça. Quero dizer, olha o modo em que cuidou de mim.



Seus olhos se arregalaram com surpresa e sacudiu a cabeça como se não pudesse acreditar que eu houvesse dito isso em voz alta.

—Realmente me assombra Camille Robins.

E o pensava a sério; podia ouvir a verdade em seu tom. Nenhum garoto nunca havia me dito algo assim. Alguns com os que tinha saído haviam me dito que era bonita... para meter-se em minhas calcinhas. Mas dizer alguém que o assombrava? E dito em um tom que destilava reverência e temor, e não com a intenção de meter-se em minhas calcinhas? Nunca.

—Obrigada.

—De nada.

Afastou-se uns passos, girou e descansou as mãos contra a parede. A camisa de suas costas estava rasgada e pude ver grossos vergões vermelhos mostrando-se por debaixo do despedaçado material.

—O açoitaram? —disse entrecortadamente.

Não me olhou, nem me respondeu. Simplesmente continuou sua história como se nunca tivéssemos abandonado o assunto.

—Conheci Cara aproximadamente um mês depois de ser aceito no acampamento. Combinamos em seguida e começamos a sair.

Não era o que tinha perguntado, mas queria sabê-lo. Muitíssimo. Assim que lhe permiti que ignorasse minha pergunta sem protestar.

—Tivemos uma relação bastante intensa durante um ano e passamos cada minuto que podíamos juntos. E quando não o estávamos, pensávamos um no outro.

Deu a volta e observou fixamente a parede frente a ele, como se não me falasse, mas sim a quem quer que escutava nossa conversa.

—Amava-a.

—Tinham dezoito anos? —Minha idade agora.

Erik cabeceou.

—Sim.

Meu pai diria que uns garotos tão jovens possivelmente não poderiam amar com tanta paixão, que os adolescentes não tinham nenhum conceito de devoção “verdadeira”. Um amor, diria. Uma teimosia passageira. Uma manhã despertará, e compreenderá que realmente nunca se importou com essa pessoa, disse meu pai quando me pegou suspirando com a foto do Erik.

Meu pai se equivocava.

Eu não tinha deixado de me sentir louca pelo Erik. Meus sentimentos por ele era tão intensos agora como o eram antes. Meu pai não entendia – ou talvez não queria admitir – que os adolescentes experimentam emoções tão intensamente como os adultos. Possivelmente inclusive mais, já que os sentimentos são novos para nós e ainda não aprendemos como lidar com eles.

Quando Erik disse que tinha amado a Cara, acreditei. A verdade estava em sua expressão, intensamente entusiasta. Tinha-a amado, provavelmente tinha querido passar o resto de sua vida



com ela. Provavelmente teria morrido por ela.

Que um rapaz te amasse tanto, pois, tinha que ser estimulante. Estava ciumenta, admito-o. Eu não gostava de Cara, e pensava que não o merecia.

—O que aconteceu? —perguntei baixinho.

Ele soltou uma amarga gargalhada.

—O dia que fui surpreendido com o Onadyn. Isso é o que aconteceu. Aparentemente o A.I.R. tinha suspeitado de minha participação com a droga. Enviaram Cara para procurá-lo. Ela o encontrou e nem me perguntou por ele. Merda, simplesmente me entregou! Fui golpeado e entregue a Mia, onde me interrogaram e declararam culpado.

—Sinto muito.

—Cara também me interrogou. Traiu-me mais rápido do que pude tomar fôlego, assegurando que também o tinha suspeitado desde fazia tempo e que ficou comigo para conseguir provas.

Sofri por ele, pela amargura que ainda abraçava. Tal traição teve que tê-lo destruído, destroçá-lo por dentro.

—Fui encarcerado. Cara veio me visitar, chorando. Mas era muito tarde. Roubei sua insígnia e consegui escapar. Ocultei-me um tempo, inclusive clareei o cabelo e troquei permanentemente a cor de meus olhos. Mas não estava fazendo nenhum bem a ninguém. Então mudei o sobrenome e entrei na sua escola. Sabia que o A.I.R. terminaria me encontrando, mas não me importava. Havia algo que tinha que fazer, apesar de ser condenado.

Ficou calado me deixando – e a nossa audiência – me perguntando que é o que tinha que fazer.

—E foi capaz de fazê-lo? —perguntei.

—Ainda não. Mas o farei. —Houve determinação em seu tom— Viu que dependem disso. Muitas vidas.

De quem? Dela? Ou de alguém que amava? Provavelmente este último. Vendia Onadyn — um crime que tinha destruído a vida que tinha construído — para salvar aliens. Não muitas pessoas fariam o mesmo.

Eu provavelmente não o faria, envergonhei-me de admitir.

—Não temos muito tempo —disse ele com um suspiro— Se cansarão de nossa conversa logo.

E quando o fizessem, iriam me matar.

Como podia ter esquecido nem que fosse só um momento? Pareceu que a cela ia derrubar-se a meu redor. *Permanece tranquila.*

—Como está seu braço? —perguntou Erik.

—Dói um pouco. —Não havia razão para negá-lo. Estava seguro que minha habitualmente bronzada pele estava pálida. Que tinha os olhos avermelhados. Precisava dormir. Dormir de verdade, a salvo-em-minha-cama. Necessitava mais dessa pasta entorpecedora. Sobretudo,



necessitava que me assegurassem que encontraríamos uma saída para tudo isto.

Erik se aproximou de mim e se ajoelhou entre minhas pernas. Envolveu minhas bochechas, obrigando-me a olhá-lo. Contemplei-o, me concentrando nele antes que na realidade. Seus escuros olhos, com seus longos cílios, hipnotizaram-me. Seus cheios e rosados lábios — lábios que teriam sido bonitos em uma garota, mas que de algum modo o faziam parecer ainda mais masculino — cativaram-me. A largura de seus ombros me envolveu.

A preocupação cobriu seus traços quando me estudou.

—Estarei bem. —Esperava.

—Estou orgulhoso de você —disse ele— Está ferida, mas não veio abaixo. Poderia ter fugido, mas não o fez. Jamais experimentou nada como isto, mas se sustenta por si mesma.

—Obr-obrigada. —Sentia-me como um elo frágil e aqui estava ele, elogiando-me ainda mais.

—Imagino que foi interrogada

Assenti com a cabeça, a culpa colorindo minhas bochechas. Afastei os olhos dos seus e olhei fixamente seu ombro. Depois de tudo o que me disse, envergonhava-me admitir que havia contado ao A.I.R. um pouco do que havia me dito no carro.

A sua maneira, tinha-o traído igual a Cara o fez.

—Como foi? —perguntou.

Suspirando, deixe que o episódio completo fluísse de mim, sem excluir nenhum detalhe. Ele não ficou rígido como esperava, nem me amaldiçoou nem me repreendeu.

—Fez bem, Camille —disse ele, me surpreendendo— Um agente treinado não podia tê-lo feito melhor.

—Mas... mas...

—Muitas vezes, as pessoas inventam histórias, dizendo a seus atormentadores o que eles acreditam que querem ouvir. Mete-os em mais problemas porque não podem recordar os pequenos detalhes e terminam por trocar a história, o que os faz parecer ainda mais culpados. Você se ateu à verdade, não se estendeu e não deixou que suas ameaças influíssem em você.

Mais louvor. Uau.

Ele passou seu polegar pelo conto de meus lábios, exatamente igual o tinha feito antes. Só que desta vez, entreteve-se. Seus olhos se escureceram, acalorados. Experimentei outro daqueles tremores deliciosos.

Não me comparava a Cara em beleza, sabia. Inclusive aquela mulher, Mia, sabia. Mas Erik me observava tão atentamente como se fosse deliciosa. Provavelmente estava suja, e definitivamente tinha a roupa amassada e manchada de sangue, mas a ele não parecia importar.

—Sinto o modo em que a tratei na escola —disse— Sinto não tê-la notado.

Mordisquei o lábio inferior, umedecendo o rastro de fogo que seu polegar tinha deixado.

—Está bem.

—Não, não o está. —Ele deu uma leve sacudida de cabeça e suas mãos envolveram minha mandíbula— Você merece algo melhor que isto.



Meu coração martelou dentro de meu peito. Não de dor. Já não. Nem de medo, que é o que deveria estar sentindo enquanto o tempo continuava se arrastando. Sentia-me selvagem, excitada e impaciente.

*Beija-o*, disse uma parte de mim.

*Poderia me rechaçar*, respondeu a outra.

*Ei, olá! Olhamos ao mesmo garoto? Não rechaçará você. E o que se o fizer? Não se arrisca, nada ganha. Agora é valente, lembra?*

*O A.I.R. pensará que menti.*

*Eles já o pensam.* Bem, decisão tomada.

Sem pedir permissão, inclinei-me para frente e com suavidade pressionei meus lábios com os de Erik, cuidadosa de não machuca-lo. Não me importava quem olhava, quem escutava, ou o que eles pensassem de minhas ações. Só existia o aqui e agora. Só Erik. Só um beijo...

Maravilhosamente, sua cabeça se inclinou a um lado, procurando um melhor ângulo. Sua língua se deslizou em minha boca, quente, tocando a minha, me saboreando. Um comichão percorreu minha pele, ardente e aditivo. Uma de suas mãos se enredou em meu cabelo e o impulso de nossas línguas se tornou mais duro, mais rápido.

Seu picante aroma masculino me envolveu, me afogando em tudo o que Erik era. O sangue se precipitou através de minhas veias, despertando sentimentos que jamais tinha experimentado antes. A necessidade ia a mais, procurando a maneira de alcançar o final. Não queria morrer sem experimentar o sexo. Sem conhecer tudo dele.

Delicioso, pensei. Maravilhoso.

Mais.

Entretanto, lentamente, ele se afastou. Sua respiração era ofegante igual à minha. Esperei que o A.I.R entrasse precipitadamente no quarto com as armas preparadas, mas passou um momento e não o fizeram.

—Machuquei você? —perguntei brandamente, olhando o corte em seu lábio. Deslizei minha língua sobre meus próprios lábios, recolhendo a umidade que ele tinha deixado.

—Valeu a pena —disse, sua voz baixa e rouca. Suas pálpebras estavam meio fechadas e me deu um doce, suave e muito rápido beijo— Quis fazer isto a primeira vez que te vi.

Minha cara se franziu com confusão.

—No clube?

—Não. —Sacudiu a cabeça— Na escola.

Sorri, surpreendida de que fosse capaz.

—Nem sequer sabia que existia até hoje.

—Já discutimos isso. De verdade que reparava em você.

Assim era. O fazia. Lentamente, perdi meu sorriso.

—Por que me ignorava então?

—Meu primeiro dia na escola, mostraram-me o edifício. Lembra?



— Isso não responde...

— Me escute até o final.

— Muito bem. Sim. Recordo. — Eu tinha estado em meu armário, falando com Shanel, e ele tinha passado por mim. Primeiro, peguei um vislumbre de seu loiro cabelo e logo meu olhar caiu a seu traseiro coberto pelos jeans. Como se ele houvesse sentido meu escrutínio, deu a volta e nossos olhos se encontraram. Senti o ar prender-se em meus pulmões.

— Estava com sua amiga e você ria de algo — disse ele — Uma risada sem inibições e completamente livre. Isso me fez girar. E quando a olhei, suas bochechas estavam ruborizadas, como agora, e seu cabelo escapou dos prendedores, emoldurando seu lindo rosto.

Linda? Eu?

Ele riu ironicamente.

— Quis ser o que a fazia rir assim, que pusesse aquela cor em suas bochechas. Mas tinha uma missão e não podia ignorá-la. Você teria sido uma distração que não podia me permitir, assim fingi que não existia.

— Eu... — Não sabia que dizer. Afastei meu olhar do sua, fixando-o em seu peito. Onde sua camisa se abria e podia ver a tatuagem do gato negro. Ele me notou nesse dia. Realmente me notou. Não só ao colar, mas também a mim.

Todo este tempo, tinha pensado que era invisível para ele.

— Não quero morrer — sussurrei. Tinha que experimentar mais de seus beijos.

— Sei. Eu tampouco quero que morra.

— O que vamos fazer?

Um longo suspiro escapou de seus lábios, soprando sobre meu nariz. Inclinou-se para mim e colocou um suave e prolongado beijo em minha bochecha esquerda, logo beijou a direita.

— Vamos escapar. — sussurrou — Vamos escapar.

## CAPÍTULO 9

NÃO havia janelas ou portas que pudesse ver. Nem sequer uma visível fresta na parede por onde os agentes tinham ido e voltado tão livremente. Mas sabia que a porta estava aí. Simplesmente não sabia como íamos abri-la.

Erik leu a confusão em meu rosto porque sorriu e me sussurrou:

— Confia em mim.

O fazia, compreendi. Tinha chegado a confiar nele. Tudo o que havia dito sobre o A.I.R. tinha sido verdade.

— Confio. — Ele trabalhou aqui. Sabia os pormenores, conhecia os jogadores contra os que enfrentávamos. Embora a fuga não seria fácil. Estávamos sob um intenso escrutínio, cada um de nossos movimentos era fiscalizado.



—Obrigado. —Beijou-me outra vez, uma rápida união de nossos lábios que me chegou ao coração. Quando ele se retirou, sorria amplamente e eu estava sem fôlego.

Observei como se endireitava e caminhava frente a mim, da esquerda à direita e da direita para a esquerda. A cela era pequena e não havia nada que pudesse usar como arma. O único móvel era a cadeira em que me sentava e era feita de aço e ancorada ao chão.

Necessitávamos um milagre.

Recordei como Shanel uma vez quis ser um aliem... não, uma vez não. Fazia umas poucas horas. Parecia que tinha passado um ano desde que tínhamos ido ao Ship's e minha vida inteira mudou. Ela tinha desejado superpoderes, a habilidade de controlar a mente, algo, qualquer coisa.

Por uma vez, eu também desejei ser um Outro. A quem preocupava que zombassem deles? A quem lhe preocupava que fossem considerados feios? Enquanto as pessoas pudessem se proteger, assim como aos que tinha a seu redor, nada mais importava.

—Pode andar? —perguntou-me Erik. Ele coçou a orelha e apoiou uma mão contra a parede.

—Acredito que sim. —Doía-me todo o corpo e a debilidade me golpeava com seus pesados punhos. Mas me obrigaria a andar até o final da Terra se fosse necessário. Erik confiava em mim para que fizesse minha parte e já era hora de que demonstrasse que era forte.

—Bem. —Ele caminhou para o outro lado da cela, coçou a outra orelha e de novo apoiou a mão contra a parede— E quanto a correr? Acha que pode correr?

Se ele tivesse me dado tempo para responder, teria perguntado por que falava tão alto se o A.I.R. escutava-nos. Mas não o fez. Mergulhou em cima de mim, me tirando de repente da cadeira e caindo ao frio e duro chão. Perdi o fôlego e lutei por respirar enquanto seu peso me pressionava.

Boom!

Uma estrepitosa explosão balançou o pequeno espaço. Pedacos de metal chamuscado e pedacos de escombros choveram a nosso redor. Inclusive em cima de nós. Um pedaço grande caiu sobre as costas de Erik e gemeu através dos dentes.

Segundos mais tarde, o alarme ganhou vida.

O ar se espessou com negras nuvens de fumaça e tossi.

—Permanece no chão —disse Erik. Rodou em cima de mim, agarrou-me pelo pulso do braço ferido e puxou para que me agachasse.

Estremeci e, instintivamente, tentei me soltar.

Ele me olhou com confusão, compreendeu o que tinha feito, e me dedicou um rápido sorriso de desculpa. Agarrou-me pelo outro braço e me empurrou para frente.

—Por aqui. Não temos muito tempo.

De algum modo, Erik tinha conseguido explodir toda uma parede, nos oferecendo uma ampla abertura. Avançamos lentamente sobre o metal e rocha, e entramos no corredor vazio e cheio de fumaça. De novo, tossi.

Erik ficou de pé e me ajudou a fazer o mesmo. Balancei-me e ele passou um braço ao redor da minha cintura. O chão estava frio contra meus pés nus.



—Deveria haver agentes aqui fora. —murmurou ele.

Caminhamos trabalhosamente para diante e giramos uma esquina.

—Onde conseguiu os explosivos? —perguntei enquanto nos movíamos. Os pedaços de escombros se cravavam em meus calcanhares, mas não permiti que isso me tornasse mais lenta.

—O homem para quem trabalho exige que todos seus empregados usem uma fita explosiva cor carne detrás das orelhas. É virtualmente imperceptível. Até que é muito tarde —acrescentou com um sorriso.

Minha boca caiu aberta com horror.

—E se você mesmo tivesse explodido por levá-la com você? —Se eu transportasse a fita, teria estado aterrorizada de tal possibilidade. E não poderia ter me aproximado dele, nem me colocado em um raio de cem jardas se tivesse sabido que a trazia. Certamente não o teria beijado!

—Eu não podia explodir. A fita é feita de uma substância química que não se ativa até que não entra em contato com certo metal... um metal que o A.I.R compôs.

Bom, uau. Que engenhoso.

—O que quero saber é onde estão todos os agentes. — indicou ele.

Sim. Eu, também. Ele tinha razão. Era estranho que não estivessem aqui. Phoenix, Mia, e Cara não pareciam do tipo que nos deixaria escapar sem mais nem menos sem apresentar batalha.

—Querem que nós escapemos?

Ele franziu o cenho.

—Seriam idiotas se o fizessem, e em todos os anos que os conheço, não deixaram que ninguém saísse pela porta. Algo deve ter acontecido. Algo grande que captou sua atenção longe de nós.

Depois de vários giros e voltas, descemos correndo por outro corredor. Enquanto Erik sabia aonde íamos, para mim era todo um mistério. Todos os corredores pareciam iguais. Prateados, indescritíveis. Sinistros.

—O computador deveria estar clamando nossas identidades e o setor que violamos —disse ele—, mas os exploratórios de Identificação Pessoal estão desconectados. —Parecia confuso— Por que desativariam os exploratórios do IP?

Sabia que não falava comigo, assim nem me incomodei em lhe responder.

Cada vez que víamos uma pequena caixa negra sobre a parede, ele arrebentava a tampa e puxava alguns cabos.

—Isto deveria reter um pouco aos agentes que nos seguem, se é que algum consegue pôr seus traseiros em movimento.

Uma porta se deslizou aberta no outro extremo do corredor e dois agentes apareceram. Suponho que eles tinham posto seus traseiros em movimento. Correram para nós, as armas levantadas. Mas havia surpresa em seus olhos, como se não tivessem esperado nos ver.

Erik me empurrou a um lado e os enfrentou. Tropecei e golpeei a parede com um grito, observando como ele se agachava e lançava uma perna, derrubando aos agentes justo antes que



pudessem disparar um tiro. Um deles caiu a um lado e soltou a arma. O outro caiu também, mas manteve seu agarre firme e finalmente disparou.

Uma corrente de amarelo fogo golpeou a parede, passando justo por cima da orelha de Erik.

Este saltou sobre o homem e os dois rodaram pelo chão, golpeando um ao outro. Só então a arma patinou a uns centímetros de distância. Ambos os homens lutavam fluída e mortalmente, tentando acertar virilhas e a traqueia. Mas os dois eram também muito bons no bloqueio.

Deveria tentar ajudá-lo? Ou o estorvaria?

Não tive tempo de pensar nisso.

Com os olhos bem abertos, observei como o segundo pistoleiro se levantava, sacudia a cabeça para limpá-la e franzia o cenho enquanto procurava sua arma. A adrenalina se precipitou em minhas veias, me dando força e me lancei para frente. Ontem teria corrido em direção contrária ou faria qualquer coisa para evitar o perigo.

Hoje corri para ele, querendo proteger ao Erik da maneira que ele tinha me protegido.

O agente não me disparou com sua arma, mas sim sua atenção se enfocou no Erik enquanto apontava para ele.

—Não! —gritei, atraindo seu olhar.

Ele se girou para mim e me agachei da forma que tinha visto Erik fazer. Estendi a perna e tentei dar-lhe uma rasteira. Infelizmente o tipo não caiu como tinha feito antes. Mas hesitou, e isso me deu a oportunidade de lançar a mim mesma contra ele. Voamos para trás e ele girou no ar para que eu tomasse o impacto da queda. Ao bater, gemi e morri por ar.

O homem se elevou sobre seus joelhos e apontou a arma a meu peito. Minha boca se secou de medo, mas não deixei de lutar. Não tinha escapado de minha cela para morrer aqui. Agindo instintivamente, dei-lhe um murro no nariz e rodei no caso de ele disparar.

Ele gemeu e efetivamente, de verdade, disparou.

O raio quase golpeou meu ombro, mas terminou por chamuscar a ponta de meu cabelo em troca. Um aroma de cinza encheu o ar, deixando-me doente, e lutei por me levantar. Um segundo mais tarde, o cara gritou. Erik estava ali, justo detrás dele, chutando-o no estômago e derrubando-o.

Só quando o tipo se retorcia de dor e segurava o flanco, Erik agarrou a arma e me puxou para me erguer.

—Se nos seguir... —disse.

—Não o fará. Acertei no rim. Isso os detém sempre —me disse. Logo se dirigiu ao homem— Onde estão seus amigos? —e lhe apontou com a arma, o afiado canhão dirigido ao coração.

—Morevvs —respondeu o agente através dos dentes apertados— Atacaram o edifício exterior.

Silver, pensei, com os olhos muito abertos. Como sabia que estávamos aqui? Erik e eu compartilhamos um olhar.

—Dispositivos de rastreamento —disse ele, respondendo a minha pergunta tácita.



Explosivos invisíveis. Dispositivos de rastreamento. Havia um mundo a meu redor que nunca soube que existia. Até hoje, não tinha me importado.

Vários agentes mais apareceram ao final do corredor, mas Erik disparou rapidamente a pyre-arma, provocando que se lançassem para se proteger. Começamos a correr em uma corrida de morte.

Quando alcançamos o final do corredor, ele incapacitou a caixa do IP, torcendo os cabos e juntando-os de novo em posições diferentes.

—A maioria dos criminosos não sabem quão vulnerável é o A.I.R. em sistema do IP — explicou— Esse é um segredo bem guardado e uma das primeiras coisas que aprendemos no acampamento de treinamento, assim estaríamos preparados se alguma vez fôssemos presos por causa disso. —Enquanto falava, deu um salto e esmurrou o teto— Vigia —me disse e me deu a arma— Se alguém vier para nós, primeiro dispara e pergunta depois.

Minha mão tremeu, mas apontei para o vazio corredor. Esperando. Esperando. Graças a Deus, ninguém veio. Mas os escutei golpeando a metálica porta e o motor de algum tipo, como se tentassem abrir caminho.

—Se abrir a porta, nos enfrentaremos com aproximadamente cem agentes armados e irritados —disse Erik. Seguiu golpeando o teto, pedacinhos de gesso caindo a nossos pés— Assim nos moveremos pelos condutos de ventilação.

—Condutos? —Espaços diminutos, limitados, onde nos apanhariam como coelhos? *Não entre em pânico, não entre em pânico.*

—Bom, não são realmente condutos. Foram postos em caso de que os agentes tivessem que evacuar sem sair pelas portas dianteiras ou traseiras.

Depois que abriu um buraco o suficientemente grande para que coubéssemos nele, saltou, agarrou-se pela borda e se elevou até em cima. Pendurou-se de barriga para baixo, agarrou a arma e me ofereceu a mão.

Usando meu braço ileso, levantei-o e meus dedos se entrelaçaram com os seus. Depois ele me elevou até ficar a seu lado.

—Obrigada. — disse e a palavra ressoou. A inquietação me consumiu. O espaço era pequeno, apertado. Escuro — Não saberão eles onde estamos quando virem o buraco?

—Quando chegarem, será muito tarde. Agora me siga, tudo bem? E permaneça tranquila.

Assenti com a cabeça.

Ele avançou lentamente e eu o segui de perto. Meus joelhos estavam em carne viva e desejei estar vestindo calças em vez de saia. Os condutos pareciam tornar-se menores e escuros à medida que subíamos. Ao menos sentia uma fresca brisa, por isso não me senti restringida nem presa. De todos os modos, meus braços e pernas começaram a arder pelo esforço.

Debaixo de mim, podia ouvir passos correndo e aos agentes gritar uns aos outros. O alarme se desligou, graças a Deus, de modo que já não ressoava em minha cabeça.

O que pareceu uma eternidade mais tarde, Erik se deteve. Levantou uma mão para indicar



silêncio – como se eu me atravessasse a falar ou inclusive respirar — e escutou. Meus olhos por fim se ajustaram à escuridão e pude distinguir seu perfil, embora fosse difuso. Seu nariz forte e com firme mandíbula coberta por uma sombra de barba curta enquanto se concentrava.

Eu também aguicei o ouvido, mas não escutei nada.

Erik girou à esquerda e me fez gestos para que o seguisse. O segui e alcançamos um beco sem saída. Não tive tempo de ter medo, ele puxou uma capa na parede e causou uma nova abertura. Sentou-se na borda, agarrando-se para não cair. Mas então, para minha surpresa, deixou-se cair e desapareceu. Escutei um débil ruído quando aterrissou.

—Camille.

Movi-me pouco a pouco para diante e joguei uma olhada pela abertura. Erik estava de pé em um espaçoso e escuro quarto. Sozinho. Havia camas, colocadas umas atrás das outras contra cada lado da parede

—Salta —disse ele, com os braços estendidos e me fazendo gestos com os dedos— Pegarei você.

Sacudi a cabeça. A queda não era alta, mas era ainda uma queda e eu já havia sido golpeada e maltratada suficiente por hoje. Além disso, não queria machuca-lo. Alguns de seus cortes se abriram e o sangue gotejava de seu lábio inferior e queixo.

—Salta.

*De maneira nenhuma, Robins.*

—Salta!

Oh, diabos.

—Me pegará? —Não acreditava que minhas pernas pudessem sustentar meu peso— E se machucá-lo?

—Pegarei você. E não pode me machucar.

Com um suspiro, revolvi-me até ficar sentada com as pernas pendurando através do buraco. Segurando-me na beira, deixei-me cair e meu estômago quase se elevou até minha garganta. Erik me agarrou tal e como prometeu, como se não pesasse mais que uma pluma. Colocou-me sobre meus pés, beijou-me rapidamente, e correu para a janela.

Se não tivesse me segurado a uma das barras da cama, eu teria caído. Como estavam, meus joelhos fraquejaram e lutei por permanecer reta.

—Onde estamos?

—Aqui é onde os agentes dormem quando a noite está tranquila e sem incidentes. E já que há um caos debaixo, sabia que não haveria ninguém. —Ele apontou a pyre-arma e apertou o gatilho. Sem ruídos, só calor. O material parecido a vidro se derreteu, o líquido gotejando a moldura inferior.

Formaram-se nuvens de fumaça, mas o ar do exterior os levou, afastando-os e provocando que meu cabelo voasse ao redor de meu rosto.

Erik tirou o cinturão e assegurou a metade a um grosso cabo justo onde passava a fivela.



—Venha aqui —disse sem olhar para trás.

Movi-me para ele tão rápido como meus pés me permitiram isso... que não era muito.

—Eu não estou gostando disso. —disse, suspeitando o que queria que fizesse.

Ele puxou de cada lado do cinturão, esticando-o.

—Quer viver? —Por fim me olhou, me observando atentamente.

—Sim.

—Então me rodeie com seus braços e aperte forte. E não se solte por nenhuma razão.

Entendido?

—Sim —repeti, o medo me alagando.

Ele deu um passo ao suporte e me uni a ele, tremendo de modo incontrolável. Estávamos mais alto do que tinha pensado. Ou previsto. Debaixo de nós, as luzes zumbiam e piscavam sobre o chão, acentuando uma violenta batalha já em jogo. Os agentes foram de mão em mão com os aliens. Os Morevvs. Uns lutavam com seus punhos, outros com armas. Mas os Morevvs, notei, afastavam-se do edifício.

—Os Morevvs desaparecerão logo, deixando aos agentes livres para vir atrás de nós. —O tom de Erik era tão escuro quanto a noite. — Quanto mais tempo ficarmos aqui, menores serão nossas possibilidades de êxito.

Sem outra palavra de queixa, abriguei meus braços ao redor de seu pescoço como tinha ordenado.

—Não tenho medo — menti — Estarei bem.

—Não grite. — E no próximo instante, Erik saltou.

Mordi-lhe o ombro para impedir de gritar. Ele gemeu em minha orelha, mas não me pediu que parasse. Deslizamos para baixo, baixo, baixo, seu cinturão nossa única âncora. Esperei que se rompesse a qualquer momento. Que caíssemos e nos chocássemos contra o concreto como insetos contra um para-brisa.

Quando aterrissamos, meus ossos vibraram e quase me desabei de cara no chão. Erik me deu um áspero puxão e me manteve toda reta. Alguém nos descobriu e atirou em nós. Um raio azul atordoante passou zumbindo por cima de meu ombro. Finalmente gritei.

Isto, é óbvio, chamou mais a atenção. Várias rondas de fogo foram lançadas contra nós. Amarelas, desta vez, certamente chamou mais a atenção. Fogo.

—Corre! —gritou Erik, me empurrando para uma louca corrida.

Entramos em um escuro beco, onde altos edifícios se elevavam a cada lado. Erik jogou uma olhada sobre seu ombro e franziu o cenho.

—Não nos segue ninguém. Isto é muito fácil.

Muito fácil? Muito fácil! Quase tínhamos morrido. Tínhamos saltado de um edifício sem rede ao chão, sem um paraquedas. Tinham atirado em nós.

Ele lançou outra olhada sobre seu ombro. Alcançamos uma área bem iluminada e a luz da lua iluminou seu rosto, acendendo seus olhos.



—Os encantaria que os conduzisse a meu chefe. Talvez...

—Ainda não vê ninguém?

—Não. Mas isso não significa que não estejam aí. —Ele amaldiçoou baixinho e deu a volta a uma esquina.

Ofeguei, fazendo todo o possível por me manter a seu lado.

—Talvez conduzir ao A.I.R. até seu chefe não seja tão mau, Erik.

—Não sabe do que fala —grunhiu ele— Não tem nem ideia do que aconteceria se esse homem deixasse de fabricar Onadyn.

—Eu só...

—Não. Você não o entende.

—Então, por Deus, explique-me isso.

Ele abriu a boca e logo a fechou. Abriu-a e a fechou. Por último, trocou de assunto.

—Escuta. Ryan Stone lutava contra os Morevvs, e isso é um ponto a nosso favor. Acredite-me quando te digo que ele não é a espécie de homem com o que você gostaria de se encontrar em um escuro beco. Ele nos deixaria feitos uma merda só por sorrir bobamente.

—Por que é um ponto a nosso favor?

—Quando está na cidade, ele e Phoenix são inseparáveis. Ela não nos teria seguido sem ele. Relaxei. Um pouco.

—O que deveríamos fazer? —Agora que estávamos fora daquele edifício, minha adrenalina diminuía. Meu braço doía mais que nunca e a debilidade em meus membros se estendia. Ainda tremia e meus pés palpitavam cada vez que raminhos e rochas golpeavam contra eles.

Não estava acostumada a este tipo de vida e sabia que não podia durar muito mais tempo.

Erik jogou uma terceira olhada sobre seu ombro.

—Merda! Isto não tem sentido. —Ele parou de repente e olhou a seu redor.

Ofegando, apoiei-me contra a parede de tijolo.

—Já que tomamos um descanso, por que não me diz por que seria uma coisa tão má destruir o tráfico ilegal do Onadyn? Sei que quer ajudar aos Outros, mas essa gente certamente usa o Onadyn para vender aos humanos. E se ajudarmos ao A.I.R., provavelmente nos deixariam em paz.

—Não negociarei com eles. Sim, poderiam nos deixar em paz —disse ele, passando uma mão pelo cabelo—, mas outras pessoas morreriam.

—Explique-se.

Durante muito tempo, ele não disse nada. Logo suspirou e assinalou:

—Os aliens que precisam dele deixariam de consegui-lo. — Pausa — Verá, faz tempo, persegui um alien predador em um beco muito similar a este. Era suspeito de golpear a um humano até a morte. O interrogamos, o achamos culpado e o matamos. Então, como fui eu que o peguei, tive que ser eu a pessoa que contou a sua família o que tinha acontecido.

A culpa e a dor se refletiam em sua voz. Uma parte de mim quis lhe dizer que deixasse de falar, que já escutei o suficiente. Mas me finquei de joelho e lhe fiz gestos para que continuasse.



Ele tinha que desabafar e eu tinha que saber a verdade.

—O que aconteceu então?

—Ele tinha uma esposa e dois filhos pequenos e ficaram devastados. Atendo-se ao procedimento, instrui-os para que deixassem o planeta.

—Fizeram-no?

—Não. —Ele riu amargamente— Não podiam voltar, disseram, porque seu planeta estava em ruínas. Não havia nada e ali morreriam. Mas, verás, eles morreriam se ficassem. Não eram tolerantes ao oxigênio e, vinculados a um alien predador como estavam, não podiam conseguir seu fornecimento do Onadyn nem podiam se permitir comprá-lo no mercado negro.

As feições de Erik passaram de ausentes a furiosas, apagando a culpa, mas não a dor.

—Não tinham feito nada errado —disse ele—, mas estavam sendo castigados.

—Não foi sua culpa, Erik. Fazia seu trabalho.

—Meu trabalho poderia tê-los matado. —deu um murro à parede de tijolo— Os visitei uns dias mais tarde e já estavam perto da morte. Duas crianças pequenas, Camille, incapazes de respirar por minha culpa. Minha! Deveria tê-los visto. Encurvando-se. Gemendo. Retorcendo-se.

—Erik.

—Alguma vez viu a alguém morrer por falta do Onadyn?

—Não, mas vi as fotos do resultado final.

—Isso não é nada comparado vendo como acontece. —Franzindo o cenho, golpeou a parede outra vez— Tomei a decisão de salvar àquelas crianças daquele tipo de destino.

Meu respeito por ele se aprofundou.

—Havia investigado um distribuidor do Onadyn do qual ainda não podíamos demonstrar sua culpa e me aproximei dele. Negou-se a vender para mim, acredito que pensando que queria delatá-lo. Eu... o roubei e o levei às crianças.

—Me alegro — disse, e o pensava a sério. É óbvio que tinha levado Onadyn às crianças. Preocupava-se com as pessoas, pelos inocentes. Não os teria deixado morrer, custasse o que custasse.

Requeria-se coragem para fazer o que ele tinha feito. Requeria-se honra. E determinação. Ele sabia que perderia tudo. Mas o fez de todos os modos. Ele disse todo isso.

Erik me olhou com surpresa.

—Fez o correto —disse— Agora o entendo e estou de acordo com você. Aquela família não deveria ter sido castigada pelos pecados de seu pai.

Ele desviou o olhar a seus pés.

—Vim ao Distrito Oito porque sabia que o pai de Silver vendia Onadyn ilegalmente. Tinha ouvido outro agente falar dele, mas jamais o tinha conhecido. Fiz-me espaço em sua vida e lhe comprei a droga até que fiquei sem dinheiro. Não sabia o que fazer, assim comecei a vendê-la para ele para pagar o que necessitava. Não sabia que mais fazer. —repetiu ele.

—Lamento não ter a coragem de fazer algo a metade de valente.



Mais rápido que a piscada de um olho, ele se colocou frente a mim, envolveu minha mandíbula e plantou um fugaz beijo em meus lábios, um beijo que foi duro e suave ao mesmo tempo.

—É mais valente do que acha.

Encontrei seus olhos.

—E você mais honorável do que pensa.

Seu agarre se apertou.

—Jamais vendi a humanos. Tem que acreditar em mim. Só vendi aos aliens que o necessitavam, mas que não podiam consegui-lo por si só. Meu objetivo sempre foi aprender a fabricá-lo eu mesmo e estabelecer meu próprio laboratório.

—Acredito em você. Mas não necessita seu próprio laboratório, Erik, só tem que mudar a lei.

As palavras saíram de minha boca, mas eram palavras de meu pai. Ele amava trabalhar e manipular o sistema legal quase tanto como amava a minha mãe e a mim. Jamais para alienígenas, sempre para humanos.

Isto teria que mudar, decidi.

Erik soprou.

—Digo a sério. Pode fazer-se. —disse.

Ele negou com a cabeça e se afastou um passo.

—Isso levaria tempo e essa gente não o tem. —Levantou a mão para me fazer calar quando abri a boca— O A.I.R. já sabe onde vive Silver, assim não lhes daremos nenhuma informação que já não saibam. Poderá chegar até ali?

Assenti com a cabeça. De maneira nenhuma ia ficar aqui, tão perto do A.I.R.

—Então vamos. Pensaremos em nosso seguinte movimento quando chegarmos lá.

## CAPÍTULO 10

OFEGANDO e suando, corremos durante quase dois quilômetros. Constantemente permanecendo entre as sombras. Sempre meu coração pulsando como um tambor de guerra. Em algum momento do caminho — entre a revisão de meu ombro por milésima vez e a prece a Deus para que me caísse um raio e assim a noite terminaria — tropecei e esfolei o joelho, rasgando minha saia nova de imitação de couro (por não mencionar meu orgulho).

—Já teve o bastante —disse Erik entre pesados ofegos. Observou a rua a esquerda e direita, retirou uma aveludada bolsa negra de seu bolso e se agachou frente a um carro azul de quatro portas— Me avise se aproximar algum carro.

—Certo. —Suponho que o vigiar me converte oficialmente em uma criminosa, pensei, explorando cada sombra, cada espaço, cada edifício— Onde conseguiu isso?



—De um dos agentes. —Desenrolou o veludo e extraiu dois finos objetos parecidos com um bisturi. Cortou a almofadinha de plástico da IP e cavou um profundo buraco, logo uniu de novo vários dos cabos— Aceita a nova voz —disse ele— Arranca.

O carro rugiu à vida.

—Abre.

A porta lateral de condutor se abriu.

Sorrindo amplamente, introduziu-me dentro e logo reclamou o assento do condutor. Teclou o endereço de Silver e nos pusemos em movimento. Todo o momento, ele (e eu) observemos em busca de qualquer sinal do A.I.R. Jamais apareceram, graças a Deus, e logo alcançamos a mansão dos Morevv, situada no topo de uma colina.

Em um arco íris de rosa pálido, amarelo e azul, a casa parecia pulsar com energia. As árvores e as roseiras prosperavam por toda parte sobre a bem cuidada grama. Eram artificiais, aquelas árvores e flores, já que a Mãe Natureza tinha sido dizimada durante a Guerra Humana contra Aliens, fazia muitos anos e ainda tinha que recuperar-se.

E sim, a guerra entre humanos e aliens ainda continuava em privado. Algo que eu desconhecia até esta noite. Tinha assumido que vivíamos em harmonia e paz com nossos visitantes, mas me equivocava. Estremeci. Que idiota tinha sido.

O carro parou em uma muito alta porta de ferro. Erik colocou sua palma esquerda na caixa do IP e uma luz azul brilhou imediatamente, explorando cada um de seus dedos e atrasando-se no polegar.

Finalmente, uma voz automatizada disse:

—Bem-vindo, Erik.

A porta rangeu, abrindo-se lentamente. Obviamente Erik fazia isto antes e era um convidado, dado que lhe davam as boas-vindas. Meu coração, entretanto, galopou com incerteza enquanto o carro se movia pouco a pouco ao longo do sinuoso e longo caminho.

—Agora que me lembrei —disse, me endireitando no assento. Acabava-me de ocorrer—, Shanel e Silver.

—Sim?

—Foram pegos pelo A.I.R.? —Só de pensar fez que a bÍlis queimasse em minha garganta. E sim, a culpa. Não tinha pensado nela ou tinha me preocupado com ela tanto como deveria ter feito.

Erik segurou minha mão e a apertou.

—Sua amiga está bem. Silver teria me chamado se tivessem sido perseguidos.

—A não ser que esteja incapacitado.

—Não está incapacitado. Enviou aqueles Morevvs por nós, recorda?

Assim era. Tinha razão. Relaxe. Ligeiramente.

—Silver poderá estar bem, mas isso não significa que Shanel o esteja. O A.I.R poderia tê-la apanhado em sua casa.



Alcançamos a entrada principal da casa e o carro se deteve. Erik não saiu, mas sim trocou de posição no assento e me olhou. Estudou-me atentamente, em silêncio. Logo disse:

—Depois que você desmaiou em minha casa, liguei para o Silver e disse que mantivesse Shanel a salvo com ele. Ela está bem.

Cada músculo de meu corpo se relaxou.

—Obrigada.

—De nada. —Erik saiu, rodeou o carro, abriu minha porta e me ofereceu a mão.

Tive que usar cada gota de força que possuía para permanecer em pé. Meus joelhos tremiam e quase cederam, mas ele manteve seu braço ao redor de minha cintura e me segurou. A manhã se aproximava rapidamente, pintando o céu com uma neblina de bonitas nuances, e o ar era mais quente, me envolvendo em um quente casulo.

A salvo, pensei. Por fim. Todo meu corpo se preparava para dormir. Minhas pálpebras se entrecerraram pesadamente e o esgotamento me atravessava. Uma fina neblina emaranhava minha mente.

Obviamente tinham sido informados de nossa chegada, Silver abriu as portas vai e vem francesas e saiu com passo irado ao pórtico. Seu cabelo azul voava ao redor de seus ombros enquanto seus olhos tomavam nota de nossa andrajosa e sangrenta aparência.

—Me alegre de vê-lo com vida.

Erik sorriu amplamente.

—Obrigado por enviar as tropas em nosso resgate, cara.

—Um prazer —respondeu Silver— As teria enviado antes, mas não pensei em rastreá-lo até mais tarde.

Os dois homens deram palmadinhas nas costas um do outro, me empurrando.

—Onde está seu pai? —perguntou Erik.

—Não chegou em casa ainda.

Erik me assinalou com uma inclinação de queixo.

—Diga a Camille que sua amiga está bem.

—Ela está bem —me disse Silver— Está lá dentro, dormindo placidamente.

Inclusive embora Erik tivesse me assegurado que Shanel estava bem, sua confirmação foi como se agitassem uma varinha mágica de alívio sobre mim.

—Obrigada. Muito obrigada por mantê-la a salvo.

O braço de Erik se apertou sobre minha cintura enquanto me introduzia na casa. O aroma de terra e vegetação chegou a meu nariz. Não era um mau aroma, mas sim um pouco estranho. Ele não disse nenhuma palavra enquanto me conduzia acima pela escada de mármore, passando móveis de alabastro e colorida arte. Desfilamos por felpudos tapetes vermelhos e televisores holográficos de cristal. Até havia um lustre com centenas de luzes que pareciam estrelas gotejantes.

—Aonde vamos? —perguntei. Foram mal pronunciadas minhas palavras? Inclusive me



soaram longínquas, como se estivesse ao final de um túnel. Queria ver o Shanel e lhe contar o que tinha acontecido com seu carro.

—Se deitar. Mal é capaz de permanecer em pé.

—Mas...

—Nada de *mas*. Pode falar com Shanel pela manhã. Provavelmente se irritará sobre o carro e não quero que trate com isso agora. Já tive suficiente por hoje.

Pensei discutir, logo apertei os lábios juntos. Tinha alcançado meu limite e ambos sabíamos.

—Bem.

—Costumo ficar muito por aqui, por isso me mantêm um quarto preparado. —deteve-se em uma porta azul metálica com um desenho de gravuras que formavam redemoinhos ao redor da moldura. — Este é o meu.

Depois de um rápido exploratório da mão, a porta se deslizou aberta. Demos um passo dentro e ofeguei. Coloridos murais decoravam as paredes. Minha vista estava muito imprecisa para distinguir todos os detalhes, só distinguia um arco íris de sombras. Uma cama grande com negros lençóis de seda consumia o centro do espaço. Havia uma pequena cascata de pedra incrustada na parede do fundo, a correnteza emitindo um som tranquilizador.

Um suave tapete de pele negra – que provavelmente era ilegal possuir — cobria o chão. Não sabia de que espécie de animal. A maior parte dos animais estavam em perigo de extinção; muitos tinham morrido durante a guerra contra os Outros.

—Uau —disse.

—Sei. Eu não o decorei, mas eu gosto.

—Eu também.

Erik me beijou a têmpora.

—Há uma ducha à direita e roupa na penteadeira. Usa o que quiser. Estarei no quarto ao lado se precisar de mim. Grita, e virei correndo.

—Certo —disse com um sorrisinho, olhando fixamente e com ânsia a cama. Dormir. Que maravilhoso seria dormir. Fazia trinta minutos, pensava que não dormiria em uma cama outra vez. Tinha pensado que dormiria o sono eterno dos mortos.

—Não duvide em me chamar —disse Erik firmemente— Falo a sério.

Cabeceei. Erik se entreteve, me olhando com ternura e preocupação em seus olhos, mas por fim partiu. Permaneci no lugar durante muito tempo. Aqui estava, na casa do Silver. Viva. Com o Erik ocupando-se de todas minhas necessidades. Quem teria pensado que me encontraria nesta situação? Sim, as pessoas me perseguiram. Sim, meus pais se horrorizariam se soubessem onde estava. Sim, quase tinha morrido. Mas mal parecia importar nestes momentos.

Com um suspiro, caminhei trabalhosamente para diante. O banheiro era maior que todo o dormitório de minha casa, com um chão de mármore prateado e torneiras de cromo. Detrás, ao lado da toailete, havia uma caixa de comandos. Teclei o botão da ducha e um polvilho de enzimas secas saiu disparado desde vários injetores.



Senti os membros instáveis enquanto me despia e tirava a atadura. A ferida parecia melhor que antes, menos vermelha e inflamada. Menos pungente. Dei um passo ao centro da ducha, deixando que o polvilho me limpasse de fora para dentro. A sujeira, o sangue e suor que me impregnava se dissolveu imediatamente. Hmmm. Uma ducha jamais tinha sido tão deliciosa.

Tinha escutado que, antigamente, as pessoas se banhavam com água quente, cheia de vapor. Acredito que teria preferido um jorro ardente contra meus músculos doloridos, mas, bom, tomaria o que pudesse conseguir.

Por fim limpa, sem pingo de imundície sobre meu corpo, procurei na penteadeira e tirei uma camiseta branca e um par de calças curta de boxeador. Eram muito grandes para mim, mas pareciam cômodas e suaves. Vestia a roupa de Erik Troy. Que alguém me beliscasse. Ou me sacudisse. Ou me batesse com a mão. Soprei. Já tinha passado por isso.

Incapaz de permanecer de pé mais tempo, caí sobre o fresco e suave colchão. O picante aroma de Erik me envolveu, me abrigoando em um casulo de segurança. O sonho me reclamou imediatamente.

Um aditivo calor me rodeava como um manto de segurança, igual ao aroma de Erik. Um calor delicioso, bem-vindo.

—Ummm! —murmurei baixinho, tentando despertar.

Algo pesado pressionava a curva de minha cintura, mas até isso era algo para ser desfrutado. Quis ficar na cama sempre. Mas uma fastidiosa dor em meu braço insistiu em que despertasse.

Dormir um pouco mais. Tão quente. Tão cômoda.

Sim, só um pouco mais. Não, não mais. Ow. Ow, ow, ow. *Tome uma pastilha para a dor, Robins!*

Minhas pálpebras revoaram abertas, me acostumando pouco a pouco à brilhante luz do dormitório. As paredes eram de multidão de cores, não do cinza comum do meu, e imaginava fadas brincalhonas e verdes murais com flores. Onde estava? Por que sentia dor? Franzi o cenho.

Estirei o braço bom sobre a cabeça, arqueei as costas... e bati em algo sólido. Aprofundando o cenho, dei a volta, insegura do que me encontraria. Meu braço ferido gritou em protesto e fechei os olhos com força. Inspirei e expirei profundamente.

Enquanto a dor diminuía, abri os olhos de novo e confrontei o mundo a meu redor.

E cada célula de meu corpo se congelou no momento que vi o que tinha golpeado.

Ali, a meu lado, estava Erik. Profundamente adormecido.

Em segundos, os acontecimentos da noite passada alagaram minha mente. Os disparos, a perseguição de carro... o beijo... o encarceramento... a fuga... o beijo...

Havíamos... não, pensei então. Não fizemos. Estava segura e Erik não teria se aproveitado de mim assim. Era muito honorável. Sentia-o nos ossos. Mas, mais que isso, suspeitava que ele estava desesperado por alguém que confiasse nele, que acreditasse nele, como ninguém no A.I.R. tinha-o feito. Cada vez que eu tinha mencionado que confiava nele, tinha-me observado com completo



assombro. E esperança.

Não, não tinha me traído nisso. Por mais que eu tivesse gostado.

Estendi a mão e acariciei uma loira mecha que lhe caía sobre a testa. Que tranquilo parecia. Que relaxado. Como uma criança e não um homem endurecido. Em certo modo me alegrava de que estivesse dormindo. Jamais tinha despertado ao lado de um garoto antes e não sabia muito bem o que fazer.

—Bom dia —disse ele, sua voz um quente ronrono dormitado.

Gritei de surpresa. Não estava dormindo, depois de tudo.

Rindo entre dentes, abriu os olhos lentamente e sua marrons íris, contornados de cílios negros, olharam-me atentamente. Logo passou uma mão pelo rosto, apagando o sono.

—Como está seu braço?

—Dolorido. —Sua cômoda atitude me tranquilizou e me relaxei contra o colchão.

—Um pouco mais de massa e deve curar-se completamente. Como dormiu?

—Como um morto. —Nem sequer o havia sentido subir à cama— Pensei que dormia em outro quarto. —Não houve zanga em meu tom. Apesar de minha surpresa e leve nervosismo, alegrava-me de que estivesse aqui.

—E dormia. Acho que você teve um pesadelo, porque se remexia e se sacudia e não parava de pedir ajuda a gritos.

Esperava não ter dito nada embaraçoso.

—Sinto muito.

—Estou feliz de ajudar — respondeu com um quente sorriso.

Não pude menos que lhe devolver o sorriso. Ele era simplesmente muito doce. Muito lindo. Muito meu. No momento, de todos os modos. *Beija-o*. Mordi o lábio inferior. Ugh. Não podia beijá-lo com meu hálito matinal.

—Perdoa-me um segundo?

Sua testa se franziu com confusão, mas ele assentiu com a cabeça.

—Não se mova. Em seguida volto. —Saí pesadamente da cama, me cambaleando quando minhas contusões palpitarão. Tropecei no banheiro onde procurei até que encontrei uma escova de dentes. Havia várias novas, de todos os tipos disponíveis, ainda em suas caixas. Escolhi a verde, abri o pacote, e escovei os dentes, todo o tempo verificando meu aspecto no espelho. Meu cabelo estava enredado, selvagem, e tinha sombras sob os olhos.

—Grande visão — resmunguei. Ali, sobre o mármore, estava tudo o que necessitava para curar meu braço. Erik deve tê-los disposto para mim. Apliquei a massa entorpecedora, o pestilento creme, o gel calmante e finalmente as ataduras. Meus lábios se esticaram pouco a pouco em um sorriso.

Oh. Doce alívio. Adeus dores. Agora podia me concentrar totalmente no Erik. E seus beijos. Virtualmente vibrando de entusiasmo, saí e avancei no quarto.

Erik não estava sobre a cama como eu o tinha deixado. Onde tinha ido? Meu entusiasmo se



transformou em decepção. Um segundo mais tarde, entretanto, ele cruzou de um limiar a porta lateral. Perdi meu fôlego. Ele parecia bem. Realmente bem. Asseou-se, igual a mim, e agora usava um par de jeans, os botões desabotoados. E não vestia camiseta.

Sua pele era bronzeada e rígida. Sua tatuagem estirada sobre seu estômago, seu umbigo agindo como um dos olhos do gato. Estava mal que quisesse como mascote a esse gato?

Quando ele me descobriu, parou de repente. Seu olhar se tornou um inferno escuro. Não falei enquanto caminhei para a cama e me deitava de novo. Ele fez o mesmo. Enfrentamo-nos, sem nos tocar. Simplesmente nos conhecendo. Podia sentir o sangue correndo por minhas veias em um rio de necessidade.

Não quis deixar que o medo governasse minha vida nunca mais. Não queria ser uma covarde e não fazer as coisas que mais queria. E agora mesmo queria beijar ao Erik Troy.

Agora mesmo, queria tudo o que ele tinha para dar.

Ainda calada, inclinei-me para ele. E resultou que não tive que dizer nada. Ele me encontrou na metade do caminho. Nossos lábios se juntaram, abrindo-se automaticamente. Nossas línguas dançaram juntas e seu picante sabor se misturou em minhas papilas gustativas.

Uma de suas mãos se enredou em meu cabelo, puxando-me, até que nossos dentes bateram juntos. Sua outra mão se abrigou ao redor de minha cintura, e um calor se arrastou acima e abaixo por minha coluna. Um calor delicioso.

Espalmei minhas mãos sobre seu peito e seus diminutos mamilos se cravaram em minhas palmas. Podia sentir os rápidos batimentos de seu coração. Sua pele estava quente, muito quente. Queimava. Nossos corpos se apertaram juntos — mmm, queria me arquear contra ele e gemer, me arqueei, gemi — e então Erik se esfregou contra mim.

Antes ardia. Agora provocava bolhas.

Ofeguei seu nome.

—Erik. Erik.

—Estou aqui mesmo, meu bem. —envolveu meu seio e o apertou.

Ofeguei ante o surpreendente prazer.

—Quero fazer você se sentir bem —disse ele.

—Você faz Juro. —continuei me arqueando para cima e para baixo, incapaz de me deter. Gemi de novo. Quis desesperadamente colocar a mão entre nossos corpos e tocá-lo, tocar realmente essa parte dele que nos fazia diferentes. Mas não o fiz. Sentia-me muito insegura. Jamais tinha feito isto antes e não sabia se gostaria. Se o fazia bem.

Onde estava a garota valente que o beijou?

—Erik?

Alguém disse seu nome e não fui eu. Apesar de tudo, isso mal se gravou em meu cérebro. Mais beijos. Mais toques. Mais. Simplesmente mais.

—Erik? Está acordado, cara?

Quem...?



—Erik?

Erik ficou rígido e se separou de mim. Sua respiração era desigual. Pressionou um botão de uma caixa negra colocada em cima da mesinha de noite.

—Sim, Silver. Já me levanto.

—O café da manhã estará preparado em quinze minutos.

Meu olhar se fechou sobre o Erik. Sua expressão era tensa e tinha umas finas linhas ao redor da boca.

—Obrigado. —Pressionou o botão outra vez.

Passaram vários minutos e nenhum falou. Usei esse tempo para conseguir me controlar, respirando lentamente. A pele esfriando-se pouco a pouco. A persistente fome, diminuindo.

—Eu, uh, provavelmente deveria ligar para meus pais —disse. Agora que pensava, era uma boa ideia— Tenho que avisá-los de quando voltarei. —E que estou bem, no caso de que o A.I.R. ao final entrem em contato com eles.

Lentamente, Erik franziu o cenho.

—Não sei, Camille. Agora está metida em muitos problemas e seus pais poderiam ser usados em seu contrário. —Ele o considerou durante um momento— O que pensavam eles que fazia ontem à noite?

Sentei-me na cama e sacudi a cabeça, o cabelo caindo por minhas costas, me fazendo cócegas.

—Pensavam que estava passando a noite com minha amiga Tawny.

Ele se relaxou contra o travesseiro.

—Bem. Ligue para eles e lhes diga que quer ficar outra noite com Tawny.

—Mas em realidade não tenho nenhuma amiga chamada Tawny — admiti, mordendo o lábio inferior— Shanel e eu a inventamos para poder passar toda a noite fora. Não me preocupava que eles tentassem ligar para mim de noite, mas poderiam tentar ligar para ela em algum momento ao longo do dia.

Erik me estudou um segundo antes de irromper em gargalhadas.

—Resulta-me difícil imaginá-la mentindo a mamãe e papai.

—Sei —resmunguei— Sou uma ameaça.

—Continue assim e logo se meterá em brigas e criará uma reputação.

Girei os olhos, mas mentiria se assegurava que eu não gostava da ideia. Eu, chutando traseiros. Oh, sim!

O sério Erik logo voltou e disse:

—Ainda não pode ir para casa, Camille. O A.I.R. estará vigiando-a, esperando você.

Suspirando, esfreguei as têmporas para afastar uma dor aguda.

—Já podem ter entrado em contato com meus pais e agora mesmo poderiam estar doentes de preocupação por mim.

Uma vez mais ele passou a mão pelo rosto.



—Tendo trabalhado para o A.I.R., sei como funcionam. Evitarão preocupar a seus pais para que você não tenha medo de voltar para casa. Poderiam tentar lhes surrupiar algo sutilmente, sim, mas não os preocupariam.

—Ainda...

—Se quiser, pode ligar para eles e lhes dizer... não sei, que você fugiu ou que necessita um pouco de tempo para pensar em sua vida. Ou se quer ser fiel à verdade, diga que o A.I.R. a persegue, mas que se esconde e está a salvo e que os chamará de novo em uns dias. Mas seja breve. Está bem para você?

Meu estômago se apertou ante a ideia de lhes confessar o que tinha acontecido. Eles se preocupariam (se não o estavam já), sentiriam-se decepcionados e se irritariam. Exigiriam que voltasse para casa em seguida. Mas talvez...

Pisquei quando uma ideia me golpeou. Talvez meu pai pudesse ajudar ao Erik em sua causa. Talvez meu pai pudesse usar o sistema em seu benefício e ajudar a mudar as leis para que os aliens pudessem receber Onadyn quando o necessitassem, sem importar com quem estivessem relacionados. Papai jamais tinha trabalhado a favor dos Outros, nem por suas necessidades, mas se sua “preciosa-única” filha lhe pedia que o fizesse...

—Ligarei para eles —disse, a determinação percorrendo meu corpo.

Erik alcançou detrás dele e agarrou uma unidade celular da mesinha de noite. Colocou-a em minhas mãos, mas não a soltou. Entreteve-se, arrastando as pontas de meus dedos com os seus.

—Darei a você um pouco de privacidade —disse, e houve um fio melancólico em suas palavras — Comprovarei o café da manhã. Você, eu, Silver, e Shanel conversaremos longamente, certo?

—Certo, ai!!! —gemi quando algo mais me ocorreu— por que o A.I.R. simplesmente não irrompe como um vendaval nesta casa? —perguntei, com os nervos ainda mais a flor de pele.

—Esta casa em realidade pertence a um humano... ou a uma identidade humana, deveria dizer. Os aliens são inteligentes, e aprenderam a conseguir falsificações de Identificação Pessoais iguais às dos humanos. Eles procuram uma criança que morreu, pegam seu nome, legalizam todo tipo de atas forjadas e logo...

Alguma vez aprenderia os pormenores desta vida?

Ele deu de ombros.

—O A.I.R. invadiu este lugar várias vezes antes, mas sempre estava vazio. Agora há um pleito pendente. Eles não podem entrar de novo sem uma prova absoluta de que aqui ocorre algo ilegal. E se o tentasse, avisariam-nos e iríamos embora antes que eles dessem um passo dentro.

Não, não os aprenderia, decidi.

—A cozinha está descendo as escadas, frente à sala de estar. Primeiro cômodo à direita — disse ele, e saiu rodando da cama.

Poderia ficar olhando-o todo o dia. Era tão forte, seguro e capaz! Meus olhos se cravaram sobre os vergões de suas costas. Merda! Tinha-me esquecido deles e antes os tinha esfregado.



Possivelmente até apertado. Ele podia ser forte, mas isso não queria dizer que eu podia abusar dele.

—Machuquei você..., uh,... quando..., uh,... o beijei?

Ele me jogou uma olhada sobre seu ombro e sorriu.

—Valeu completamente a pena.

Um rubor esquentou minhas bochechas.

Erik abandonou o quarto sem outra palavra e a porta se fechou automaticamente atrás dele, tirando-o de minha vista. Um sentimento de vazio me assaltou.

Suspirando, observei o telefone.

—Lá vou —disse com nervosismo e logo disse o nome e o endereço de meu pai ao aparelho. O telefone marcou o número imediatamente e quase vomitei. Quase desliguei, mas ao final, reuni coragem e permaneci na linha.

Minha mãe respondeu por fim, sem fôlego, como se tivesse corrido para o telefone.

—Alguém falou a você sobre mim, mamãe? —foram as primeiras palavras que saíram de minha boca.

—O que? Não. Camille? — perguntou, claramente confusa.

Antes que pudesse me arrepender, contei-lhe como tinha mentido sobre Tawny, o que tinha feito, onde tinha estado e o que tinha passado. Ao princípio ela riu como se eu estivesse brincando.

—Preste atenção e escuta o medo em minha voz. Eu disse a verdade. O A.I.R. me persegue. —depois de tudo o que tinha feito para preservar minha mentira, admitir a verdade foi surpreendentemente um alívio.

Houve uma pausa. Um ofego. Um gemido. Começava a acreditar em mim. Havia terror em sua voz enquanto gritava comigo e a decepção que eu tinha esperado veio depois, quando chorou.

—Sinto — disse, me sentindo mais baixa do que jamais havia me sentido—Eu sinto muito, mas é mais seguro desta forma. Para todos. Agora tenho que ir.

—Camille! —Seu medo deteve minha mão e não desconectei— Não faça isso. Venha para casa. —O desespero se aderiu a cada palavra, ainda mais potente devido ao pânico.

Meu estômago se revolveu. Como podia lhe fazer isto?

—Sentaremos juntos e falaremos disso —disse ela— Encontraremos um modo de tirá-la desta situação. Tudo sairá bem. Já verá. Chamaremos a polícia. Faremos que seu pai chame o promotor. Eles são companheiros no golfe. Não tem que fugir ou se esconder.

—Você não viu a forma em que me tratou o A.I.R. —E agora que tinha fugido, me fazendo parecer ainda mais culpada, eles seriam ainda piores— Se aviso à polícia, me devolverão a eles... Diga a papai que comece a procurar um modo de trocar as leis do Onadyn —disse com um tremendo fôlego— Se o Outro não for um predador, deveriam lhe permitir conseguir a droga sem importar com quem está relacionado. As crianças morrem, mamãe, e temos que fazer algo.

—Camille. Camille, amor, escuta. Preciso que...



—Realmente tenho que ir. Amo você e sinto tudo isto. Estou bem. —Desliguei antes que ela pudesse dizer outra palavra. Antes que pudesse me falar e me esquecesse de tudo o que tinha que ser feito. Um estremecimento me sacudiu da cabeça aos pés.

Não podia acreditar que acabei de confessar tais crimes a minha mãe. As coisas nunca voltariam a ser o mesmo entre nós. Mas estava bem. Eu não era a mesma garota de antes.

Deixando o telefone, saí da cama. Minhas pernas estavam instáveis, mas não tanto como antes. Troquei-me com outras das camisas do Erik, mas em vez de boxers, vesti um par de calças esporte cor cinza e a prendi à cintura. Ele também tinha encontrado para mim um par de botas e as tinha colocado junto à porta. As vesti... mas não antes de cobrir os cortes e as contusões de meus pés com a massa entorpecedora.

Quando terminei, joguei-me uma rápida olhada no espelho e vi que não tinha melhorado com a roupa folgada e que as olheiras de fadiga não se apagaram, mas tampouco parecia pior. Parecia frágil, delicada. E ainda assim, parecia preparada para comer o mundo. Decidida. Tinha as bochechas ruborizadas e os lábios ligeiramente inchados.

Como se tivessem me beijado, pensei.

Sorrindo, saí do quarto e consegui encontrar a escada sem me perder no labirinto que era a casa do Silver. Meu estômago grunhiu em previsão à comida. Lambi os lábios e compreendi então o seca que tinha a boca.

Ao fundo da escada, ouvi risadinhas e vozes conhecidas e segui o som, o sorriso aparecendo de novo ante o pensamento de me reunir com o er... uh, Shanel. Shanel! Acelerei meus passos e evitei a mesma cômoda e luxuosa sala de estar com suas engomadas cadeiras e polidos chãos de (autentica?) madeira. Como Erik prometeu, a cozinha era o primeiro cômodo à direita.

Erik, Silver e Shanel estavam sentados em uma mesa redonda, bebendo suco e mordiscando uns ovos sintéticos. Minha boca se encheu de água. Inalei profundamente, saboreando o apetitoso aroma. Quando tinha sido a última vez que tinha comido?

Uma mulher alienígena —uma bonita e mais velha Morevv — estava esmagando e fritando algo azul, compreendi. Com escamas? Puf. Certo, já não estava tão faminta. Independentemente do que fosse. A mulher em si mesma já tinha uma cor bastante rosada da cabeça aos pés.

Percebendo-me, Erik jogou uma olhada em minha direção e sorriu.

—Tudo bem?

Assenti com a cabeça. Sim, tudo ia bem. Meus pais já sabiam a verdade, mas podia viver com seu desgosto porque tinha feito o correto.

Shanel me olhou, aplaudiu com as mãos e ficou em pé de um salto.

—Camille? Está aqui, realmente está aqui!

Corremos uma para a outra, nos encontrando na metade do caminho e nos abraçamos. Ela ainda cheirava a terra e, naquele momento, era o melhor aroma que tinha cheirado em minha vida. Seus suaves cachos vermelhos fizeram cócegas em minha bochecha.

—Conta-me tudo! —disse ela— Erik é muito reservado.



—Está bem? — primeiro o principal. Meus olhos a percorreram, notando que ela parecia sã e inteira e brilhava com uma atrativa felicidade. Desgraçadamente, tinha aprendido que as aparências frequentemente enganavam.

—Estou melhor que bem. —Um perverso brilho brilhou em seus olhos esmeralda— Quando Silver e eu abandonamos o clube, viemos diretamente aqui. Ele tinha que falar com algumas pessoas para não sei quanto ajudar ao Erik... e falando disso, estava zangada com você por não se despedir de mim no clube, mas a perdoarei porque Silver me contou que ficou doente e ei! Está melhor? —Não esperou minha resposta, mas sim continuou— Silver e eu conversamos, rimos e jogamos às cartas e Rose...—Shanel assinalou a Morevv—. ... a governanta, fez-nos tortinhas, e nós as comemos e estavam muito boas.

—Uh, está tagarelado? —perguntei com um sorriso. Mas o apaguei em seguida e a agarrei pelos braços, sustentando-a estável— Seu carro. —Traguei ar, me fortalecendo mentalmente para a confissão— O A.I...

—A polícia —lançou Erik— A polícia.

Woops.

—A polícia o pegou. Sinto muitíssimo. Perseguiram-nos, apanharam-nos, algemaram-nos e nos levaram a delegacia de polícia.

Ela empalideceu, provocando que suas sardas se destacassem.

—Meu pai vai me matar.

—Erik me contou ontem a noite sobre o carro —disse Silver— Meu pai já trabalha para trazê-lo de volta.

Lentamente, a cor voltou para as bochechas de Shanel.

—Graças a Deus —murmurou.

—Realmente o sinto, Shanel.

—Não tem importância, Camille. Sério. Se for necessário, direi a papai que a puta da Tawny o roubou.

Meu alívio foi tão intenso, que ri. E não soube por que, mas meus olhos procuraram o Erik. Ele me olhava, seus escuros olhos quentes. Tudo dentro de mim se acendeu enquanto mentalmente repassava tudo o que tínhamos feito antes. O beijo, o vagar de suas mãos, nossos corpos esfregando-se.

—Você, pequena vagabunda —sussurrou Shanel, olhando do Erik a mim— Dormiu com ele?

—Sim —respondi no mesmo tom sussurrante, afastando os olhos do Erik.

—Sabia! Como foi? Conta-me tudo. Estou tão ciumenta!

—Dormimos. —Faria algo mais se não tivéssemos sido interrompidos esta manhã? Não sabia. Certo, sabia. Sim. O teria feito. Com impaciência. Com alegria e abandono— Mas te juro que não fizemos nada mais que dormir.

A decepção nublou seus traços.

—Parece ser que não há forma de fazê-lo nesta casa, não importa o muito que o tente.



—Então você e Silver não... já sabe?

Ela negou com a cabeça, seus vermelhos cachos voando.

—Eu bem que teria gostado.

—Sobre o que sussurram vocês duas? —perguntou Silver com sua profunda e retumbante voz.

—Sobre nada —lhe respondeu Shanel, retornando de novo à mesa— Coisas de garotas.

Segui-a e Erik afastou uma cadeira para mim... a seu lado. A governanta dos Morevv, Rose, veio e colocou um prato com aquela escamosa matéria azul sobre a mesa, e logo nos deixou sozinhos.

—O que é isto? —perguntei.

—Brentaes. Parece-se com o pescado, só que não vive na água e vêm de meu planeta — respondeu Silver— Meu pai trouxe o animal com ele quando se instalou na Terra, o pôs para reproduzir e após os cria. —Ele colocou alguns em seu prato e um fino fio baboso se estirou de um prato ao outro— Está bom. Prova-o.

Olhei ao Erik e ele assentiu com a cabeça e articulou, *prove*.

Genial. Nenhuma ajuda de sua parte. Não querendo ofender ao anfitrião, estendi hesitantemente a mão e peguei um beliscão do Brentaes entre os dedos. Duro. Quente. Um pouco granuloso. Lentamente, coloquei o pedacinho em minha boca e mastiguei. Franzi a testa. Não estava mau, compreendi.

—Tem sabor de frango.

Erik riu.

Shanel me puxou um pedaço e deixou um rastro baboso em minha camisa.

Silver rodou os olhos.

Então foi quando o pai do Silver entrou na cozinha, assobiando baixinho. Usava aquela meio máscara; seus penetrantes olhos cinza (não tinham sido cor âmbar a noite passada?) brilhavam intensamente. Eu havia estendido a mão para pegar um pedaço de bacon sintético para lançá-lo a Shanel, mas fiquei imóvel com a mão suspensa no ar.

Descobriu-me e se deteve. Seus olhos registraram logo o resto da cena: como cômodos nos sentíamos entre nós. Como à vontade nos sentíamos nessa casa. Bom, já não tão a vontade. Todos nos sentávamos completamente quietos, em silêncio, esperando sua reação.

—Os guardas me disseram que os quatro estavam aqui, mas assumi que ainda estariam na cama. Ouvei que os defenderam bem ontem à noite. Lamento sobre seu braço —me disse, e pegando uns pedaços de salsicha sintética, partiu.

Bom. Tinha esperado algum tipo de ataque, ou ao menos que me ameaçasse de novo.

Erik terminou o copo de suco, indiferente, como se nunca tivesse havido nada do que preocupar-se.

—Já contei ao Silver tudo o que aconteceu, ele quer proteger a seu pai e a seu... produto. — Jogou uma significativa olhada à esquecida Shanel... que não devia saber nada do Onadyn— O que



significa que tem que nos ajudar.

—Que produto? —perguntou Shanel, amontoando a comida em seu prato. Ops, ela não sabia— E ajuda-los com o que?

Sim. Com o que? Escapando do A.I.R.?

Erik revelou alguns pedaços de informação, omitindo todo o referente ao Onadyn e ao A.I.R., dando a entender que houve um mal-entendido com um grupo de rapazes de nossa escola. Quando terminou, Shanel aplaudiu feliz e proclamou que tudo isto era “uma aventura”.

Alguma vez eu fui tão ingênua?

A reação de Silver foi totalmente oposta. Sua expressão se endurecia a cada segundo que passava. Obviamente um dos motivos de que ele e Erik fossem tão próximos era que ambos sentiam o mesmo para os Outros que necessitavam Onadyn, mas que não podiam consegui-lo através de um meio legal.

—Tenho que ir ao banheiro. —disse Shanel, ficando de pé— Quer vir comigo, Camille?

Sacudi a cabeça, desejava de ficar com o Erik.

Pondo um pouco cara feia, ela disse:

—Não digam nenhuma palavra até que retorne —e saiu furiosamente, em uma chama vermelha.

—Há algo que deveria saber, Camille —disse Erik pouco depois. Fez uma pausa e um estremeamento me percorreu— Silver é um mestiço. Ele vem de duas espécies diferentes de alienígenas: Morevv e Arcadian.

Acredito que minha mandíbula golpeou o chão.

—Isso é... isso é impossível. Verdade?

—Asseguro-lhe isso, é possível. Simplesmente não se fala disso. Os cientistas o negam, os agentes o negam, embora uns poucos o suspeitam. No acampamento, inclusive escutei rumores de que Mia Snow era mestiça, parte humana, parte Arcadian. E sei que alguns de meus instrutores eram aliens de alguma espécie, se não por completo, metade. —deu de ombros.

O rosto de Mia apareceu em minha mente. Pele impecável. Sobrancelhas excepcionalmente arqueadas. Nariz pequeno. O sedoso cabelo negro, e uns olhos tão azuis que eram poços insondáveis. Quase, e não me atrevia a pensá-lo, outro-mundo.

Alien e humano. Uau. Simplesmente uau.

—Necessito Onadyn para viver —disse Silver— Que é por isso que meu pai o fabrica e o vende. Não quer que dependa do governo para sobreviver. Não quando esse apoio pode evaporar-se, deixando-me necessitado.

Erik alcançou minha mão e enlaçou nossos dedos.

—Silver é um dos motivos pelo qual esta missão é tão importante. Silver e outros como ele. Antes de ir mais longe, tenho que saber se chegará até o final. Custe o que custar.

Não tive que pensar. Assenti com a cabeça.

—Certamente que chegarei até o final. —Só esperava que o final chegasse mais tarde que



cedo.

—Bem. —Assentiu— Estive dando voltas e isto é o que acredito que deveríamos fazer...

## CAPÍTULO 11

—ESTÁ seguro de que isto funcionará? E se não funcionar?

As palavras saíram de minha boca enquanto olhava fixamente pela janela os outros carros que passavam zumbindo por diante de nós. Era um brilhante e ensolarado domingo ao meio dia, por isso parecia que todo mundo tinha saído de casa.

Erik me lançou um paciente olhar.

—Funcionará. Não a colocaria em mais perigo do que necessário.

—Não afaste os olhos do caminho! —disse entrecortadamente.

Erik conduzia o Jaguar do Silver de forma manual, o que me assustava como a merda. Quando o computador estava ao comando, os giros e as paradas eram suaves. Quando Erik conduzia, era empurrada para frente e para trás repetidamente.

—Funcionará.

Supunha-se que dividiríamos o A.I.R.: a metade nos seguiria e a outra metade ao Silver e Shanel, já que era mais fácil despistar metade que a todos.

Inconveniente: poderia haver outra perseguição de carros e não pensava que meu coração pudesse suportar outra viagem.

Pontos a favor: Agora mesmo a morte poderia estar bem.

Inconveniente: Passávamos assim meia hora e ainda não tínhamos despistado a nossos perseguidores.

Sim, no momento no que tínhamos saído com o carro do Silver, o A.I.R. fazia sua sábia aparição. Não se tinham precipitado sobre nós como temi, mas sim se mantinham a uma distância prudente, nos avisando de que estavam ali, mas sem invadir nosso espaço.

Perguntei-me se Silver e Shanel tinham tido a mesma sorte.

—Possivelmente seja hora de tentar algo mais — disse.

Eu não gostava de estar perto desses agentes. Profundamente em meu interior sabia que eles esperavam que os conduzíssemos ao Onadyn. De outra forma, teriam irrompido na casa do Silver e nos teriam detido. Ainda assim, podiam mudar de ideia a qualquer momento e nos atacar.

—Possivelmente tenha razão —suspirou Erik— Devo perdê-los porque tenho que ir ao armazém. Deveria ter feito uma entrega do Onadyn esta manhã, mas...

Não teve que terminar. *Mas*. Sim, tínhamos estado nos deparando com muitos *mas* ultimamente.

—Sabe? Se soubesse que o ir ao clube essa noite ia acabar nisto, teria ido de todas as formas —disse para o distrair e me distrair a mim mesma— Acredita?



—Sim, acredito em você. Acredito que é uma viciada no perigo reprimida —aumentou a velocidade, voamos pela estrada e tomamos uma via de acesso. Vários carros tocaram a buzina. O nosso saltou acima e abaixo e virou bruscamente— Embora lamento que a noite não tenha terminado de uma maneira diferente para você.

—Ei!, consegui meu objetivo, assim suponho que em realidade não posso me queixar. Obtive que me notasse.

—Infernos, sim eu notei! Eu a senti no momento em que pôs um pé no chão. Tem as pernas mais bonitas que jamais vi e me custou afastar o olhar delas para fazer meu trabalho. Inclusive quando olhava para Cara, só podia pensar em você.

O prazer floresceu em meu interior.

—Sério?

—Sério.

Sorri amplamente; não pude impedir.

—Prepare-se para um passeio agitado — girou o volante para a direita e giramos bruscamente.

Perdi o sorriso, agarrei-me na beira do assento e o suor umedeceu toda minha pele. Permaneci quieta. Não pense nisso. Logo a estrada se tornou cascalho, e depois, o cascalho desapareceu por completo, deixando só terra.

Uma cerca apareceu vários metros além de nós.

—Uh... Erik —não reduziu a velocidade, mas sim acelerou— Vai se chocar com...

Chocamo-nos contra a cerca, fazendo-a saltar por cima do veículo. Gritei. As árvores apareceram por todos os lados, altas e verdes, e seus ramos arranharam as metálicas portas do carro. Eu tinha conduzido frente a este lugar várias vezes e sabia que era um bosque protegido pelo governo, um lugar onde os carvalhos estavam sendo reflorestados.

—Desabote o cinto de segurança. —ordenou Erik.

Desabotoá-lo? Ah, não. Nem por um milhão de dólares.

—Desabotoa-o.

—Voarei através do para-brisa se batermos.

—Desabotoa-o —repetiu, com severidade desta vez— Vamos parar, saltar e correr como o inferno. E nem sequer pense em discutir de novo. Nossa outra opção é saltar do carro enquanto ainda está em movimento.

Querido Deus. As árvores se espessaram enquanto ele manobrava para esquerda e direita. Minha boca secou.

—Entendo —consegui lhe dizer.

Minha mão tremia enquanto desabotoava a única coisa que me salvaria de me chocar contra o para-brisa se batêssemos.

Como prometeu, o carro chiou quando paramos sem bater em nada. Imediatamente, Erik abriu a porta, sem esperar lhe ordenar que se abrisse, mas sim empurrando-a com a mão. Eu fui



um pouco mais lenta, mas logo estive a seu lado. Agarrou-me pela mão e corremos pelo denso bosque.

Acreditei escutar o chiado de outro carro e o fechar de portas. Então minha ofegante respiração alagou meus ouvidos e foi tudo do que me inteirei. Muito altos ramos e folhas passavam açoitando contra nós. A espessa folhagem no alto nos manteve nas bem-vindas sombras e o aroma de terra e orvalho saturou o ar.

Esperava que Erik soubesse o que se fazia.

—Não se preocupe —ofegou, como se tivesse lido meu pensamento, e me lançou um malicioso sorriso. Aparentemente, o cara adorava o perigo— Sei exatamente aonde vou.

Dez minutos correndo e meus pulmões começaram a arder. Quinze, e minhas pernas começaram a tremer.

—Não posso ir muito mais longe —ofeguei.

—Já quase estamos —disse ele entre ofegos— Vai indo bem. Estou muito orgulhoso de você. Pode conseguir.

As palavras de ânimo me ajudaram. Sim, podia fazê-lo. Fá-lo-ia. Balancei os braços mais rápido, me empurrando para frente.

Chegamos a uma cerca elétrica e me encurvei para inalar uma grande baforada de ar, observando como Erik tirava uma unidade celular de seu bolso. Enganchou a fina carcaça negra na cerca, cuidando de que sua pele não tocasse os cabos. Houve uma faísca, logo outra. Segundos mais tarde, disse:

—Já podemos passar.

Uh... o que?

—Como?

—A unidade celular está desenhada para absorver e incapacitar qualquer saída elétrica.

Ele já subia enquanto me explicava isso. Deteve-se, estendeu a mão e me ofereceu.

Agarrei-a, permitindo que me levantasse.

Uma vez que pisamos em terra firme, aproximou-se através dos buracos da cerca e tirou o telefone. Manobramos através de becos traseiros e edifícios em ruínas. Passou uma eternidade. Logo encontramos gente vestida com farrapos vagando pelas calçadas, outros apoiados contra as paredes e bebendo álcool.

Segui lançando olhadas detrás de mim para me assegurar de que não nos descobriram. Até agora não tinha visto ninguém suspeito nem nenhum rosto familiar.

Por fim Erik se deteve frente a uma descascada porta azul. Houve uma exploração de mão e logo escutei um pop. Ele empurrou a porta de madeira —e não de metal, como pensava que parecia— e me arrastou dentro. Clonc. Clonc. Podia escutar a lenta destilação de água que caía de algum lugar do edifício enquanto Erik usava um pedaço de madeira para trancar a porta.

—Sei que os perdemos no bosque —disse— Estamos a salvo. Ficaremos aqui até que caia a noite e logo nos dirigiremos ao armazém.



—Ligue para o Silver e se assegure de que ele e Shanel estão bem —coloquei uma mão sobre o coração, esperando reduzir a frenética marcha de seu batimento.

Ele sacudiu a cabeça e avançou com passo decidido para uma pequena cozinha bem abastecida.

—Ainda não. Não quero distraí-lo se... —apertou os lábios e se negou a continuar.

Se estão sendo perseguidos, terminei eu mentalmente. Não o estão, assegurei a mim mesma. Estão a salvo.

Como distração — e parecia necessitar disso muito ultimamente —, joguei uma olhada a meu redor.

—O que é este lugar?

Havia um sofá escuro, duas cadeiras, uma TV, uma mesa e um balcão americano de madeira. E ainda assim parecia esquecida. Desabitada. A poeira cobria todas as superfícies de cor cinza e almíscar. As bolinhas até cintilavam no ar.

—É uma de minhas casas seguras —foi sua resposta.

Pegou duas garrafas de água da geladeira e me lançou uma.

Agarrei-a e bebi rapidamente o conteúdo, me transportando ao céu quando o frio líquido desceu por minha garganta, me refrescando. Uma, havia dito ele. Senhor, quantas tinha?

—Espero seriamente que suas antigas companheiras não saibam desta.

Erik deu a volta e apoiou as costas contra a porta do refrigerador.

—Não sabem. Assegurei-me disso.

Bebendo, cruzou o cômodo até chegar à parede do fundo e colocou a palma sobre o canto esquerdo. Outra exploração de mão — que me assombrou já que não podia ver nenhuma caixa do IP sobre a parede — e outro pop. Apareceu uma fenda no centro da parede e se deslizou aberta.

—Doce Jesus Bendito.

Uma tela grande de computador, vários teclados e muitas outras coisas que não reconheci, apareceram à vista, tudo pulsando com diferentes luz de cores.

—Todo o edifício está monitorado as vinte e quatro horas do dia, os sete dias da semana.

Um montão de jornais atraiu minha atenção e ele se inclinou e os recolheu. Endireitou-se franzindo o cenho.

—O que é isso?

—Guardo isto aqui como aviso. Veja bem, cheguei tarde uma noite —disse ele, como em transe— E uma mulher morreu.

Podia ouvir a dor e o autodesprezo em seu tom.

—Lamento.

—Isso é o que acontece quando falha.

Minha garganta se apertou.

—Posso vê-los?

Ele me jogou uma olhada.



—Tem certeza que quer fazê-lo?

Assenti com a cabeça e estendi a mão. Lentamente, ele estirou o braço e eu soltei um suspiro e os peguei. Depois lancei outro suspiro e fechei os olhos. *Pode fazê-lo*, disse a mim mesma.

Finalmente, olhei-os.

A imagem era tão horrorosa como as fotos que tinha visto no escritório de meu pai. Uma fêmea Arcadian estava dobrada, sua expressão em uma congelada agonia. Seus dedos estavam retorcidos de uma maneira pouco natural e a inclinação do cotovelo em um ângulo estranho. Tinha a pele manchada de vermelho, com as veias arrebitadas sob a superfície.

—Há centenas deles que necessitam a droga —disse Erik— Talvez milhares.

—Não pode salvar a todos —a culpa me alagou. Eu nunca tinha tentado salvar a um sequer.

—Mas posso tentar. —respondeu ele brandamente.

Arrastou uma das cadeiras ao teclado e teclou uma série de números.

A meu lado, escutei outro pop. Deixei as fotos e girei a tempo de ver outra fenda abrir-se na parede, esta exibindo três fileiras de armas, facas e outros dispositivos para matar que não quis contemplar.

Minha boca caiu aberta.

—No acampamento de treinamento do A.I.R., aprendemos a estar preparados para qualquer coisa. —explicou ele.

—Isso parece, sobretudo para a guerra.

Erik riu entre dentes.

—Definitivamente, para a guerra —houve uma tensa pausa e ele perdeu seu ar de diversão— Não fique histérica, mas vamos ter que mudar de aspecto. Tenho todo o necessário no banheiro —me lançou uma olhada— Parecerá uma gótica espetacular. Prometo-lhe isso.

Quase me sufoquei. Eu? Gótica?

—Isso não me fará destacar mais?

—Sim, mas as pessoas olharão rapidamente para outro lado.

—Tem certeza?

—Tenho. O A.I.R. não procura góticos. Procura um tipo comum de cabelo escuro e a uma linda morena.

Minha boca caiu aberta ante suas palavras. Erik seguia me dizendo coisas assim, me chamando primeiro bonita e agora “linda”. Não era assombroso que estivesse tão quente por ele.

Como se não acabasse de balançar meu mundo, teclou uns botões mais no teclado.

—Alguma vez utilizou uma pyre-armas antes? E não me refiro a segurar uma ou pegá-la de um atacante... ou amigo —acrescentou ele com um cenho, claramente pensando em quando lhe tinha tirado a sua e tinha apontado a Cara— mas sim para disparar realmente.

—Hã..., não.

—Quer uma?



—Claro.

Poderia ser divertido. Não?

—Pegue-a.

Espera. O que?

—O que? Quer que pratiquemos agora?

—Sim —assentiu com a cabeça— Não há um momento melhor.

—Eu... eu... bom.

*Por favor, não deixe que me mate ou ao Erik, rezei mentalmente.*

Ele se levantou e fechou a distância entre nós. Com as mãos sobre meus ombros, fez-me girar até confrontar as armas. Ele cheirava familiar, bem, a pinheiro e luz do sol, e a esse picante aroma que era tão próprio seu.

O calor de seu corpo me envolveu, me fazendo recordar esta manhã, nosso beijo, embora não me permiti me estremecer. Ele o notaria, provavelmente me perguntaria por isso e teria que admitir que não podia tirar seus beijos da cabeça.

Permanecendo detrás de mim, estendeu a mão sobre meu ombro e agarrou uma arma prateada. O cristal situado acima, entre o canhão e o cabo, cintilou à luz. Com sua mão livre, colocou meus dedos em ângulo reto, mas não deixou a arma perto de mim. Ainda.

—Tome cuidado com meu braço —disse, porque estava nervosa e não sabia que mais dizer.

—Sempre —respondeu ele, e logo o frio aço se apertou contra minha pele.

Dei um salto. Não sei por que.

—Calma —disse Erik, apertando minha mão e a arma juntas e mantendo suas mãos sobre a minha— Muito bem.

—É mais leve do que esperava.

De fato, se fechasse os olhos podia fingir que minha mão estava vazia.

—O metal é especial, mas todas as arma estão fabricadas de modo que não se derretam ao lançar fogo.

Não teria que me preocupar de queimar os dedos quando apertasse o gatilho.

—Aponta.

Estirei os braços, apontando tal e como tinha ordenado.

Erik me corrigiu de modo que apontasse a uma parede e não às suas outras armas. Podia sentir os músculos de seus braços e peito esticando-se a cada movimento.

—Dispara —disse ele.

—Não, de maneira nenhuma —sacudi a cabeça com ênfase.

Queimaria o edifício inteiro até os alicerces.

—Dispara —repetiu ele com firmeza.

—Mas...

Ele fechou o dedo ao redor do meu e apertou o gatilho. Um raio amarelo saiu da ponta da arma, propulsando-se para frente e chocando-se na parede mais afastada. Quase gritei e tive que



morder a língua para conter o som em meu interior. Não houve nenhum retrocesso, simplesmente macia e suave calma, tão fácil como respirar.

Não importa. Que alucinante!

—Acabo de disparar uma arma.

—A metade inferior do edifício foi feita com o mesmo material que a arma, igual ao edifício do A.I.R. Nada o derreterá.

—Mas a porta da rua parece de madeira.

—Está pintada assim para que ninguém suspeite a verdade.

Joguei uma olhada da arma à intacta parede e de novo à arma. Ele tinha razão. Não havia nem um indício de fumaça ou cinza.

—Disse que o A.I.R. está construído também com este material. Como então queimou aquela janela?

—As janelas são diferentes. É por isso que as tirei na parte baixa do edifício.

Odiava não conhecer já tudo isto. Cara sabia. Ela era forte e confiante. *Assim é você. Agora. Ainda.* Erik nos comparava?

Ele não disse nada enquanto tirava a arma de meu apertado agarre e a colocava sobre sua capa de veludo. Não disse nada enquanto me fazia girar para confrontá-lo. Nem quando envolveu meu queixo em suas mãos e me obrigou a encontrar seu olhar.

—Ficou rígida. O que acontece?

Soltei um suspiro.

—Não sou uma boa guerreira. Geralmente, sou a maior covarde das redondezas. Os passados dois dias, fui mais forte e mais valente que em toda minha vida, mas ainda não sou comparável às suas amigas.

—Ex-amigas —suas mãos se apertaram sobre minha mandíbula— Já disse quão bem acredito que lidou com toda esta provação e isso que não teve nem um só dia de treinamento. Por não mencionar o fato de que está ferida. Pode não saber de armas, mas isso não a faz menos guerreira. Passou por isso como uma campeã. Já disse isso antes e é hora de que comece a acreditar em mim.

Lamento admitir isto, e o odiei... mas meu lábio inferior tremeu e as lágrimas queimaram em meus olhos. Deus, o que estava errado comigo? Erik dizia coisas agradáveis. Não havia razão para chorar.

—Olhe para mim —disse, limpando as lágrimas com o dorso dos pulsos e fungando— Ajo como um bebê.

—É porque está esgotada, com a adrenalina e a ousadia avivadas. Isso derrubaria a qualquer um, incluindo a mim.

—Não acredito que nada possa lhe derrubar —o olhei através do aquoso escudo de meus cílios.

Ele sorriu amplamente.



—Uma vez, atribuíram-me para caçar a um grupo de Mecs predadores. Eles controlavam o tempo, assim era quente e seco. Tive que suportar aquele calor durante seis dias enquanto os rastreava, sem parar para descansar realmente por temor a perdê-los. Quando voltei para a base, era uma ruína.

—Chorou? —perguntei, incapaz de dissimular a esperança em minha voz.

Não é que quisesse que ele tivesse chorado, só que não queria ser a única.

—Pior —seu sorriso se tornou sardônico enquanto passava o polegar sobre o canto de meus lábios— Desmaiei diante do chefe.

Ri ante a imagem deste rapaz grande e forte derrubando-se.

Ele passou brandamente a ponta de seus dedos sob meus olhos, seguindo a linha de minhas olheiras.

—Meus companheiros de equipe me fizeram brincadeiras durante meses.

Como eu gostava de sentir suas mãos sobre mim. E enquanto estava ali de pé, minha diversão se desvaneceu, abrindo um amplo cataclismo de consciência. Olhei-o fixamente, necessitando algo. Outro beijo?

Sua diversão também se apagou, como se ele tivesse lido meus pensamentos, e todo seu corpo ficou tenso.

—Vou beijá-la —disse aproximando-se.

Lambi os lábios em um convite.

—Sim.

Seus negros olhos se acenderam mais e mais.

—Não deveria. É muito jovem para mim.

—Tenho dezoito anos. Sou uma adulta.

—As coisas que vi, as coisas que fiz, as coisas que farei. Por isso não deveria fazer isto —mas uniu seus lábios aos meus, sua língua empurrando por diante de meus dentes e começando uma dança selvagem com a minha.

Tinha sabor de calor e hortelã, tal e como recordava. Enrolei meu braço ileso ao redor de sua cintura, empurrando-o mais perto.

Erik inclinou a cabeça para um lado enquanto reivindicava e conquistava minha boca. O calor se estendeu a cada parte de meu corpo. Um invasor e aditivo calor. Melhor que o desta manhã.

Uma de suas mãos acariciou minhas costas e se deteve na curva de meu traseiro. A outra se enredou em meu cabelo. O beijo seguiu, igualmente decadente. Tão maravilhosamente selvagem e perverso. Gemi de entusiasmo.

Mas quando sua mão começou a mover-se pouco a pouco por debaixo de minha camiseta, pele contra pele, e minha mão começou a mover-se pouco a pouco por debaixo da sua, ele ficou quieto, fechou o punho sobre o material durante vários segundos e logo afastou a boca.

Ele ofegava; eu ofegava.

—Sinto muito — disse rigidamente.



Olhava-me com desejo... um olhar, estou segura, idêntico ao meu.

—Ainda não está preparada para isto.

—Estou. Juro por Deus que estou. Quero ir mais longe —admiti.

E realmente queria. Estava preparada, realmente preparada para dar o seguinte passo. Amava-o. Ele era mais que simplesmente Erik Troy para mim. Era meu salvador, meu amigo. Ele era absoluta valentia, pura excitação.

—Eu também quero ir mais longe. Desesperadamente —acrescentou Erik, seus olhos vagando por meu corpo— Mas quero que esteja segura. Alguma vez fez...?

Ruborizei-me.

—Não.

—Não é algo do que envergonhar-se. É algo do que se orgulhar. —se inclinou e colocou um suave beijo sobre meus ainda palpitações lábios, atrasando-se, respirando de mim como eu respirava dele.

—Você já fez? —perguntei, mesmo que já soubesse a resposta.

Houve uma pausa, logo:

—Sim. Durante anos, Cara foi a única garota com a que o fiz. Depois de nos separar... bom, envergonha-me admitir que fui um pouco amalucado e me deitei com qualquer garota que me quisesse. Detive-me por completo quando me matriculei no instituto.

Outros meninos não teriam se detido, suspeitei.

—Não quero morrer sem nunca ter feito —eu disse— Mas não quero estar com qualquer um, a não ser com você.

Erik deu um passo para frente, mais perto, me obrigando a retroceder.

—O que... onde?

Meus joelhos se chocaram contra a borda de algo e caí, aterrissando sobre suaves almofadas. O sofá.

Erik se deitou sobre mim e depois trocou seu peso de modo que nossos flancos se apertaram juntos.

Beijou-me uma vez, duas vezes. Beijos doces, inocentes e logo aprofundou o contato, acariciando e separando meus lábios com sua língua. Gemi em sua boca e ele engoliu o som, me alimentando do sabor licencioso da paixão.

—Poderia te beijar durante horas — disse.

—Demonstre. —respondi, e ele riu brandamente.

Nossas línguas se entrelaçaram juntas, dançando e acariciando-se. Durante muito tempo, ele não fez nada com suas mãos exceto me abraçar. Mas quando as minhas vagaram por debaixo de sua camiseta, sobre a cálida pele de suas costas, entraram em ação. A ponta de seus dedos percorreram meu estômago, formando redemoinhos em meu umbigo, e tremi.

—É tão bom. —ofeguei.

—É assombrosamente boa —moveu pouco a pouco aqueles travessos dedos mais acima, até



que alcançaram meu seio. Eu não usava sutiã e quando o cobriu, apertou e beliscou meu mamilo, gritei— Quer que pare?

—Não. Não pare.

—Mais?

Inclusive enquanto falava, de novo brincou com meu mamilo.

—Mais — disse com um gemido.

Ele rodou ligeiramente, colocando-se entre minhas pernas. A parte inferior de seu corpo impulsionou-se para frente e para trás, roçando meu centro. Ofeguei ante a vertigem e o encontrei na metade do caminho, necessitando a dura pressão.

Ele gemeu e seus movimentos se tornaram mais frenéticos, mais poderosos.

Algo crescia em meu interior. Uma pressão. Uma necessidade. Um atordoamento. As três coisas se misturavam, me consumindo. Minha mente se enfocou no Erik, em suas mãos, em seu corpo.

Quis que nossa roupa desaparecesse, que não houvesse barreiras entre nós.

—Mais — disse.

Ele baixou o braço e colocou a mão sob a cintura de minhas calças. Estiquei-me ante a previsão do que faria depois. Desceu mais abaixo. Tocar-me onde doía. Por favor. Inclusive embora o pensasse, a súplica saltou de meus lábios.

—Por favor.

O ar se prendeu em minha garganta quando Erik afundou de verdade a mão mais abaixo. E mais abaixo ainda. Logo seus dedos estiveram onde queria que estivessem, me tocando, movendo-se de uma forma que lançava sensação detrás sensação através de mim. Minhas pernas se abriram mais e agarrei os seus ombros, me ondulando contra ele. Gemendo, quase soluçando.

*Deveria se envergonhar. Parece ridícula.* Pressionei meus lábios juntos, tentando cortar os ruídos que fazia. Eu só... era tão bom. Tão perto de algo bom, correto e maravilhoso.

—Deixe-me ouvi-la. —disse— Quero ouvir como você gosta.

Outro gemido escapou de meus lábios, e já não pude me conter mais. Suas palavras e ações se combinavam para destruir todas minhas inibições, deixando só as reações.

—Erik —ofeguei.

—Quase está lá. Tão, tão perto.

Sua voz parecia forçada. Obriguei a meus olhos a abrir-se — quando os tinha fechado? — e vi que seu rosto estava tenso. O suor banhava sua testa e linhas de tensão rodeavam seus olhos. Mas havia tal calor, tal necessidade, tal prazer em seus olhos enquanto ele baixava a vista, me observando. Então moveu seus dedos habilmente, um simples giro, mas foi suficiente. As estrelas explodiram em minha cabeça. Gritei, convulsionei-me e gritei ainda mais. Embora sempre seu nome. Sempre seu nome.

Ele me abraçou todo o tempo, me acariciando, me dizendo quão bonita era. Passou um momento antes que estivesse o suficientemente tranquila para me derreter contra ele. Meu



coração ainda tinha que reduzir sua velocidade.

—Tenho que me levantar —disse ele, com voz tensa.

—O que? Não.

Sacudi a cabeça, fechando meus braços ao redor dele para mantê-lo no lugar. Não queria deixa-lo ir jamais.

—Sim. Tenho que fazê-lo.

—Por que? —perguntei, tentando não mostrar minha decepção. Não tínhamos feito sexo. Queria ir mais longe. Queria mais. Queria tudo dele.

—Quanto mais tempo abraçá-la, mais difícil se tornará —se deteve e riu ironicamente— Mais duro se tornará me afastar sem fazer amor com você de verdade.

Beijei seu pescoço, lambendo o gosto salgado de sua pele.

—Então me ame. Desejo você.

Um tremor o percorreu e vibrou através de mim.

—Antes te prometi que a faria se sentir bem, e o fiz. Não quero que sua primeira vez seja depressa e correndo.

—Mas... e quanto a você? Também quero te fazer se sentir bem.

Se me ensinava como... seria uma estudante aplicada e disposta a fazer o que fosse por uma aprovação.

Ele negou com a cabeça.

—Esperaremos até que estejamos fora de perigo e nos asseguraremos de que sua primeira vez seja especial.

Pus cara feia e mordi o lábio inferior.

—Isso me faz desejar estar fora de perigo agora mesmo.

—A mim também —disse, inclinando-se depressa para outro beijo antes de saltar do sofá— A mim também.

Eu sabia que os meninos frequentemente usavam sexualmente às garotas e logo fingiam não as conhecer. Ou pior, riam delas e lhes colocavam apelidos depois. Tinha visto o que ocorria a muitas garotas do instituto. Mas não acreditava que Erik fosse assim. Era tão diferente dos outros rapazes que conhecia! E o fato quisesse que minha primeira vez fosse especial... bom, fazia que eu caísse um pouco mais apaixonada por ele a cada momento.

A quem queria enganar? Tinha caído completamente apaixonada por ele ontem, quando tinha feito tudo o que estava em seu poder para me proteger.

Minha determinação a sobreviver a esta provação se dobrou. Triplicou-se. Faria o que fosse para ganhar e estar com o Erik. Saltar através do fogo... nenhum problema. Nem as chuvas de granizo, nem a chuva ácida, nem o fogo, nem as inundações importavam.

Deveria saber que pensar isso me traria problemas. Grandes problemas.



## CAPÍTULO 12

ENQUANTO esperávamos que caísse a noite, e para manter nossas mentes fora do sexo, Erik me ensinou a me defender. Ensinou-me a melhor maneira de usar os punhos. Os melhores lugares onde dar chutes a um agente para derrubá-lo. Não na virilha, como tinha suposto, mas sim na traqueia ou órgãos vitais: pulmões, estômago, coração e rins.

—Isto os derrubará sempre —me tinha instruído—, e os conterà, o fator mais importante. Porque uma vez que entre em batalha e infrinja dor, se esqueceram dos interrogatórios, se esqueceram de te manter com vida e irão matar. Você os quer no chão tão rapidamente como é possível, incapazes de se levantar.

Isso assustava. Mas eu adorava.

O melhor de tudo, treinou-me para brigar protegendo meu braço ferido. Tinha que manter aquele lado de meu corpo em ângulo contrário ao de meu oponente e repartir golpes a torto e a direito com o outro, obrigando-o a tentar me deter por esse lado.

De novo, assustava-me pensar em entrar em qualquer tipo de luta real, mas estava feliz de aprender e me preparar para o caso.

Finalmente, a escuridão chegou e nosso indulto terminou.

Erik comprovou os monitores para assegurar-se de que não havia nenhum agente na área. Não os havia. Até ligou para Silver e se assegurou de que tudo estava bem. Graças a Deus, estava. Silver e Shanel estavam de retorno à casa do Silver, rodeados pelos guardas de seu pai. Tinham levado ao A.I.R pelos arredores da cidade a maior parte do dia, mantendo a vários agentes longe de nós.

Apesar de tudo, senti-me nervosa quando demos um passo fora. O ar da noite não era fresco, mas sim quente e pesado. A prateada luz da lua alagava a noite, iluminando os edifícios circundantes, os humanos, os Outros que caminhavam a passos largos pelas calçadas e aos carros que se apressam ao longo das ruas.

Erik manteve um passo estável, me segurando pela mão, e fizemos todo o possível por aparentar ser um comum e simples casal dando um passeio noturno. Para ser franca, sentia-me exposta, como se todos me observassem fixamente, me marcando para a morte.

—Possivelmente não deveria ter tingido o cabelo de azul —disse nervosamente.

—Está linda.

Sorri amplamente e lhe apertei a mão.

—Está oculta a plena vista, não se preocupe. Já o verá.

Ao menos, eu não era a única que se ocultava a plena vista. Seu cabelo estava colorido de branco com mechas de um vermelho vivo. Pintou até uma tatuagem de uma cobra sobre o pescoço. O corpo da serpente se estirava até a bochecha esquerda e se enroscava ao redor de sua orelha. Magnéticos piercings perfuravam sua sobrelha e lábio.

—Possivelmente estejamos um pouco muito “a plena vista”.



—De maneira nenhuma —se inclinou e me beijou a orelha.

Um estremeamento me percorreu.

Para ir a conjunto com nosso novo cabelo, também vestíamos roupa nova. Erik tinha todo um contrabando de diferentes tipos e tamanhos em sua casa segura. Tinha escolhido um casaco e umas calças negras de imitação de couro, que mostrava os duros contornos de seu corpo.

Parecia um agente.

Eu vestia um vestido vermelho sangue e um colar de pontas agudas. Um par de botas altas abraçavam minhas pernas e ocultavam várias facas. Erik queria que estivesse preparada para qualquer coisa.

—Vê —murmurou, chamando minha atenção para sua boca— Ninguém quer nos olhar. De fato, fazem tudo o que podem para evitar nos ver.

Estudei os rostos dos humanos com os que cruzávamos. Estava claro que nos jogavam uma olhada e rapidamente afastavam o olhar, como se fôssemos um veneno visual. E mais, os Outros davam um amplo rodeio ao Erik, como se temessem que os parassem.

Comecei a relaxar. Dirigíamo-nos para algum armazém para conseguir o fornecimento do Onadyn que Erik necessitava. Logo o distribuiríamos entre os aliens aos que ele o tinha prometido. Aliens que poderiam morrer, inclusive agora.

Tinha-me contado o plano e me deu a oportunidade de ir embora. Eu a tinha rechaçado. Já não podia ignorar mais o fato de que gente inocente morria.

Caminhamos vários quilômetros. Uma eternidade. Não mais carros roubados para nós. Se avisavam ao A.I.R., saberiam que veículo procurar e nos pegariam em um estalar de dedos. Embora subimos em vários ônibus, às vezes só dando voltas para nos assegurar de que não nos seguiam.

Durante o percurso, a parte pobre da cidade deu lugar à classe média e quando descemos do último ônibus, estávamos no Distrito Norte, a parte rica da cidade. Aqui, as casas pareciam esticar-se até o céu. Todas eram brancas e cromadas, provavelmente com os últimos sistemas de segurança automatizados.

—O laboratório está aqui? Nesta vizinhança? —perguntei incrédula.

—Sim.

—Mas este lugar é... —não soube como terminar a frase.

—Perfeito para um laboratório ilegal —disse Erik— A polícia, e inclusive o A.I.R., geralmente dão um tratamento preferencial às pessoas ricas. Não irrompem nestas casas sem a papelada administrativa apropriada, o que leva tempo conseguir. Tempo para que certos indivíduos maus pagos alertem ao proprietário. Como acha que o pai do Silver sobreviveu tanto tempo no negócio?

—Ahhh.

—O Onadyn e a equipe que o fabrica podem ser transferidos da casa em minutos, e os agentes saíam com as mãos vazias quando finalmente lhes permitisse vir. Aconteceu-me muitas vezes quando trabalhava para o A.I.R. Sabia além de toda dúvida que as drogas estavam dentro de



uma casa, mas quando conseguia a autorização, o dono tinha limpado o lugar a fundo.

Permanecendo nas sombras, caminhamos em fila pelo bordo de uma casa particular. Um cão-robô ladrou ao longe. Uma ampla cerca de ferro se estirava do centro de cada lado e se dirigia para trás, bloqueando os jardins. Duas muito altas colunas brancas abriam um atalho, delineado por falsas árvores e que conduzia a uma entrada arqueada.

Dou-lhes as boas-vindas, parecia dizer o lugar. Aqui não acontece nada errado. Nada ilegal.

Silver tinha dado ao Erik o código de segurança antes de deixar a casa segura. Obrigado a que as operações do Onadyn tinham sido canceladas temporalmente devido ao interesse do A.I.R., não tínhamos que nos preocupar de tropeçar com outros empregados enquanto “trabalhávamos”.

Agora sou uma ladra, pensei.

Quanto mais nos aproximávamos da porta principal, mais iluminava a luz nossos movimentos, afastando as consoladoras sombras. Isso não nos fez ir mais lento enquanto subíamos os degraus.

—Fique aqui —disse Erik, me depositando sobre uma cadeira de balanço e cruzando de um salto as duas portas vai e vem francesas. Teclou uma série de números na caixa de Identificação Pessoal e a porta se abriu com impaciência, como se tivesse estado nos esperando todo o dia. Erik desapareceu dentro.

Fiquei sozinha.

Passaram vários minutos. Minutos longos. Dolorosos. O que ocorria lá dentro? O cão-robô ladrou de novo e contive o fôlego. Uma parte de mim temia que os agentes do A.I.R. aparecessem a qualquer momento.

—Erik! —sussurrei com ferocidade.

Nada.

—Erik!

Com mão instável, retirei uma faca de minha bota. O punho estava frio e a sentia pesada. Ameaçadora. Ao menos, a vizinhança era tranquila e...

Uns faróis apareceram na distância e me levantei de um salto, correndo ao interior da casa. Fechei a porta detrás de mim e pressionei as costas contra o umbral, tentando sem êxito controlar minha irregular respiração. Meu coração galopava a toda velocidade. Logicamente, sabia que o A.I.R. não anunciaria sua presença com deslumbrantes focos — ou o fariam? —, teriam se jogado sobre mim para que não pudesse advertir ao Erik. (Não é verdade?)

Oh Deus. Não estava segura.

Dei uma volta e inspecionei a casa. O vestíbulo estava vazio, desprovido de móveis, e havia um completo silêncio.

—Erik! —sussurrei.

Minha voz retumbou.

Onde estava?

Segurei a faca frente a mim e me movi pouco a pouco para diante. Tinha deixado a casa?



Não, ele não teria me abandonado. Verdade? Verdade. Estava ferido? Inconsciente? Completamente bem e simplesmente atendo-se a seu plano sem ter nem ideia do fato de que eu estava a ponto de vomitar?

Ou, e se a gente deste lugar o tinha apanhado?

Um medo atroz me alagou. Paranoia. Terror. Obriguei-me a endireitar as costas e a erguer os ombros. Bem. Isto é o que vai fazer, Robins. Vai procurar pela casa e incapacitar a tudo o que se mova. Sim. Isso é o que faria.

—Ia te buscar —disse uma suave e familiar voz.

Ofeguei, meu olhar selvagem procurando na escuridão. Erik estava de pé a meu lado, mas eu não o tinha visto ou ouvido aproximar-se. Franzindo o cenho, dei-lhe um tapa no seu ombro.

—Estava justo a ponto de ir te buscar e te resgatar. Não tem nem ideia do perto que esteve de sentir a picada de minha faca.

Em seu favor, ele não riu.

Bati no seu ombro uma segunda vez.

—Estava preocupada com você. Não me disse quanto tempo demoraria antes de entrar na casa. Não me disse o que fazer se descobria a alguém.

Ele confiscou a faca e a deslizou de retorno em minha bota. Acredito que vi o vislumbre de um sorriso.

—Está nervosa, não?

—Vi um carro —eu disse.

—Camille, querida, as pessoas costumam conduzir pelas vizinhanças.

Querida. Esfreguei os braços com as mãos.

—De todos os modos, por que me deixou aí fora? —queixei-me.

Sua mão se enredou em meu cabelo, puxando-me para frente para um rápido beijo.

—Quis me assegurar primeiro de que a casa era segura.

Hmmm. Esquecia-me de tudo, exceto de Erik, quando ele me beijava assim.

—E está?

Assentiu com a cabeça.

—Estamos somente você e eu, meu bem.

—Encontrou o material?

A menção do Onadyn fez que seus olhos se entrecerrassem um pouco.

—Sim. Mas quero que espere aqui enquanto o reúno.

De maneira nenhuma.

—Ajudarei você.

—Não —sacudiu a cabeça e várias mechas de cabelo branco caíram sobre sua testa— Já está envolvida nesta confusão, assim não posso fazer nada a respeito, mas posso me assegurar de que não dirija realmente o material.

Apoiei as mãos sobre meus quadris e o olhei. Não faria isto sem mim. Não tomaria a



responsabilidade e a culpa como próprias. Tinha razão, agora eu estava implicada. E faria minha parte; estava completamente equivocado se pensava que não dirigiria o material.

—Vou ajudar.

—Não —repetiu— Sinto muito.

Meus olhos se estreitaram até formar diminutas fatias. Ele odiava ter que violar a lei, compreendi. E não queria que eu também tivesse que odiar. Quanto mais tempo passava com o Erik, mais capas caíam e descobria ao homem honorável que havia debaixo. Mas não ia deixar que fizesse isto sozinho.

—Quero ajudar aos Outros, Erik, e estou disposta a violar a lei para fazê-lo. Deixe-me ajudar. Por favor. Deixe-me que faça a diferença. O que fazemos não é algo pelo qual devamos nos envergonhar. É necessário que se faça.

Uma pausa. Pesada, vacilante. Melancólica.

Então seus comuns olhos escuros começaram a acender-se com um brilhante dourado.

—Não acredito que nunca tenha encontrado com uma garota como você, Camille —me beijou outra vez, tomando seu tempo desta vez. Saboreando-o.

—Ignorei aos aliens a maior parte de minha vida, sem ajudá-los quando debochavam ou riam deles. Acredito que já é hora de sair de debaixo de minha pedra e ver o mundo tal e como é: um lugar às vezes violento que precisa mudar e a mais pessoas dispostas a sair e fazer o correto — e talvez algum dia, pensei, seria capaz de fazer inclusive mais. Possivelmente fosse capaz de mudar realmente a lei.

Esperava que meu pai já tivesse começado...

A esperança se precipitou através de mim. Por agora, minha mãe devia ter-lhe contado o que eu havia dito. Meu pai deve ter prestado atenção e nestes momentos estaria fazendo o que pudesse pela causa.

A causa. Minha causa. Nossa causa. Tolerância. Aceitação das diferenças.

—Suponho que o tempo é nosso inimigo —disse, com tom de negócios—, assim me mostre onde está o Onadyn.

Sem mais vacilação, Erik me tirou do vestíbulo e entramos em uma sala no alto das escadas. Não, uma sala não. Um laboratório. O ar cheirava a esterilidade, com uma leve capa a substâncias químicas. Em todo o lugar havia longas mesas, cada uma repleta de frascos e recipientes. Jalecos de laboratório penduravam sobre uns ganchos ao lado da porta, assim como caixas de luvas. Havia até uma cozinha... ou essa era o que parecia ser quatro enegrecidos fogões.

—É realmente assombroso —disse Erik— Esta substância pode matar aos humanos em uma piscada, mas também pode salvar a certos Outros igualmente rápido. Tome cuidado. Não toque nada que contenha líquido dentro —avançou, mas fez uma pausa na metade de um passo— Não quero que se asfixie.

Eu tampouco.

—Isto é uma morte horrorosa. A pele se torna azul, flácida e escamosa. Os olhos saltam. As



pernas e braços convulsionam enquanto seu corpo luta por respirar um somente pingo de ar.

Imaginei e me estremeci ante o horror disso.

—A maioria dos humanos aceitaram a nossos visitantes. Mas ainda há quem os teme. Entendo o medo, realmente o faço, porque alguns aliens são capazes de andar sobre as paredes ou simplesmente desaparecer. Outros podem controlar nossas ações com suas mentes. Mas como os humanos, há aliens bons e maus.

Eu mesma sou culpada de sentir esse medo, pensei, com um pouco de tristeza. Nunca mais, jurei a mim mesma.

Erik passou a mão pelo cabelo.

—Nunca me permitiram vir aqui, embora lutei e lutei por ganhar um convite. É engraçado que fosse necessário uma detenção do A.I.R. para me consegui-lo. — deu-me outro daqueles beijos rápidos. Por obrigação? Era quase como se não pudesse deter-se, como se tivesse que me beijar. Como obrigado por uma força maior.

Esperava que jamais parasse de fazê-lo.

—Olhe ao redor. Vou verificar o Onadyn e me assegurar de que os frascos estão selados corretamente antes que os toque.

—Ok.

Caminhou para um armário às suas costas, abriu as portas, cortou os cabos do IP e os enganchou de novo. As caixas do IP eram supostamente a prova de ladrões, mas pelo que tinha visto, eram muito fáceis de evitar.

Andei até a mesa mais próxima e levantei um dos frascos vazios. Havia uma casca azul sobre o fio. Cuidadosa de não tocá-la, cheirei-a. Notei um sutil aroma a... jasmim? Orquídea? Algum tipo de flor, definitivamente.

—Alguma vez provou o Onadyn? —perguntei, deixando a garrafa.

—Não —respondeu Erik— Nunca.

—Alguma vez pensou em prová-lo?

Passaram vários segundos em silêncio e lhe joguei uma olhada. Ele me dava as costas e revolia através de uma caixa metálica.

—Sim —disse por fim— Algumas vezes, depois que me jogaram a chutes do A.I.R. e me confrontei com uma vida de encarceramento. Não estava seguro de se poderia continuar. Não estava seguro de se queria continuar.

Levantei outro frasco, um com restos rosados no fundo. O interior parecia brilhar, como as bolas de neve.

—O que o freou?

Encolheu os ombros.

—A ideia de morrer. O vício. Sobretudo, a ideia de me tornar descuidado e esquecer quem sou, preocupado só por minha seguinte dose.

Antes que pudesse responder, uma tábua rangeu. O som me assustou e fiquei quieta, meu



coração retumbando. Erik não pareceu notar ou preocupar-se com nada, assim que me obriguei a me relaxar.

—Não entendo por que roubamos ao pai do Silver. Poderíamos ter pedido e nos economizar o problema de entrar pela força.

—Jamais me teria dado o que necessitamos e agora que o A.I.R. encontrou-me, estou seguro que congelaram minhas contas. Teria sido incapaz de comprá-lo.

—Mas pensei que o pai do Silver está comprometido com a causa.

—Está, mas só para sua família. Todos os outros têm que pagar. Suponho que se acostumou a seu modo de vida.

Soltei um suspiro.

—Então, o pai do Silver faz armadilhas. Podemos confiar em que não mude de ideia e o dedure?

—Sim. Esta, bom, esta não é a primeira vez que teve que ir tão longe —uma pausa, logo um exclamação de alegria— O encontrei! —meteu nos bolsos vários frascos de líquido transparente. Eu jamais tinha consumido Onadyn, tampouco, e não queria fazê-lo nunca... por todos os motivos que ele havia dito.

—Algum dia poderiam nos outorgar a medalha de honra por isso — eu disse.

Acreditava? Não. Mas era um pensamento agradável.

Lançou-me um sorriso, sua expressão de algum modo triste.

—Bom, é possível — disse, rechaçando voltar atrás.

Vários frascos mais encontraram o caminho a seus bolsos.

—Então esta é a coisa mais selvagem que fez alguma vez? —perguntou-me ele, trocando de assunto.

—Sim. Sem lugar a dúvidas. E você?

—Não. A volta ao instituto encabeça minha lista. Aqueles primeiros dias, estava convencido de que alguém compreenderia que não era quem dizia ser e que não pertencia àquele lugar.

Aproximando-me dele, passei a ponta do dedo sobre o tabuleiro.

—Mas ninguém o fez.

—Às vezes a gente só vê o que quer ver — fez uma pausa um momento para me examinar.

—Certamente o faz —sorrindo amplamente, fechei o resto da distância até que estive de pé a seu lado— Já que está enchendo os bolsos, assumirei que os frascos estão selados corretamente.

—Estão, mas ainda não quero que os toque —fechou o armário com um suave click e girou para mim— Pronta?

Obviamente, ainda queria levar a maior parte da responsabilidade sobre seus próprios ombros. Eu, entretanto, não queria nada disso.

—Não — disse — Não exatamente — me elevando nas pontas dos pés, plantei um breve beijo sobre os lábios do Erik, tal e como ele me tinha dado várias vezes. Mas não o abracei.



Introduzi uma mão em seu bolso e retirei um punhado de frascos. Empurrei-os em meus bolsos, olhando-o atentamente e em silêncio, desafiando-o a dizer algo— Agora estou preparada. Você vão fará isto sozinho.

Ele sacudiu a cabeça, mas a admiração brilhou em seus olhos.

—Assombra-me constantemente —disse, sem me tentar tirar os frascos.

—Obrigada —disse melindrosamente.

—De nada —respondeu, imitando meu tom.

Compartilhamos um sorriso.

Deixamos o laboratório então e descemos pela escada.

Eu podia ouvir os frascos chocar continuamente sempre que Erik se movia. Meu vestido era tão apertado, que os frascos não tinham espaço para mover-se e permaneceram quietos.

—Não posso acreditar que faça isto —disse quando alcançamos a porta principal— De todos os modos, onde estão os Outros que necessitam o Onadyn?

—No Distrito Sul do Main. Nos Apartamentos outros-mundos que deveriam ter sido derrubados faz anos. Sinto muito, mas temos uma longa excursão pela frente.

—Sobreviverei.

Bisbilhotou pelas separadas portas vai e vem, antes de envolver-se com a caixa do IP e restaurar o código de novo.

—Estamos...

—Presos —disse uma mulher frente a nós.

Phoenix. As mechas de cabelo castanho voavam ao redor de seu satisfeito rosto. Apontava com uma pyre-arma ao peito de Erik.

—Estão presos.

## CAPÍTULO 13

NOS segundos seguintes, que pareceram uma eternidade, o caos explodiu. Erik teve sua arma apontada a Phoenix antes que eu pudesse soltar um suspiro de pânico. Outros agentes do A.I.R. rodeavam-nos, uns mil aparentemente, com as armas preparadas e a ponto de disparar.

A morte jamais me tinha parecido tão próxima.

—Não podemos te agradecer o suficiente que nos tenha mostrado a posição do laboratório —disse Cara, dando um passo para frente até que ficou ao lado de Phoenix. Parecia tão satisfeita quanto sua companheira.

Apertei os dentes.

—Não nos seguiram até aqui —disse Erik rigidamente. Segurava a arma estável, aparentemente sem estar impressionado pelos agentes e as armas que apontavam para ele— Como nos encontraram?



Havia um homem de pé ao outro lado de Phoenix e riu, chamando a atenção sobre ele.

—Acabo de chegar à cidade e não fui informado porque estive muito ocupado lutando contra os Morevvs, mas até eu posso responder a essa pergunta.

—Ryan —disse Erik, seus ombros esticando-se. Cuspiu o nome, como se fosse uma sombria maldição. Moveu-se pouco a pouco para diante, me ocultando detrás dele como melhor podia para que eu não estivesse na linha de fogo.

Ryan era obviamente uns anos mais velho que Erik. Tinha o cabelo negro e os olhos tão azuis que brilhavam. Era bonito e musculoso e se vestia todo de negro. Sorria tão amplamente como se fosse Natal e tivesse exatamente o que tinha pedido a Papai Noel.

—Se conhecer minha garota, ela colocou um chip GPS em você.

Erik grunhiu baixinho.

—Sim, isso foi exatamente o que fiz. —Tão indiferente como Erik tinha parecido primeiro, Phoenix desembainhou uma faca, alcançou detrás de Erik e cravou a prateada ponta em um dos vergões da parte superior de suas costas.

Ele não se moveu, nem mostrou nenhuma reação, embora tivesse que ter doído.

Quando ela se afastou, tinha sangue na mão e a faca e um diminuto e negro ponto sobre a ponta de seu indicador.

—Foi por isso que o açoitamos. Isso, e porque você merece um pouco de castigo pelo que nos obrigou a passar. Havia um sedativo na vara. Você ficou inconsciente e fomos capazes de injetar o chip sem que soubesse. E nunca se inteirou, porque simplesmente assumiu que a dor em suas costas era pelos açoites.

—Você...você...

—Enganei-o —lançou Phoenix.

Minhas mãos se apertaram em punhos, mas me obriguei a me relaxar e a tocar suas costas em consolo. Ele, também, relaxou.

—Desta vez não há escapatória —disse Phoenix, franzindo o cenho. Suponho que ela não tinha conseguido a reação que pretendia— E sabe o que? Tampouco receberão ajuda de seus comparsas Morevv. Também os temos cercados. E vão pagar. Feriram o Bradley.

Shanel, pensei. Silver. Não, não, não. Estavam bem?

—Agora, por que não deixa cair a arma? —disse Ryan, perdendo seu sorriso— Não quero te matar, mas ambos sabemos que o farei em um segundo. Não segurará uma arma contra Phoenix. Nunca.

Erik não deixou cair a arma, mas realmente levantou sua mão livre como se pensasse render-se. Sabia que tinha uma faca presa a seu pulso, por isso a ação o armaria ainda mais e não o deixaria vulnerável. Ainda. A derrota começou a afundar meus ombros.

Derrota? Isso era para a velha Camille. A nova e melhorada Camille não se rendia, não voltava atrás. Tinha chegado muito longe para ser capturada agora. *Você também tem armas, recorda? Não está desamparada.*



—Você também, Camille —disse Phoenix, possivelmente pressentindo o que pensava fazer— Mãos para cima.

Não me movi. Ainda não, mas sim... Oh Deus. Oh Deus. Não podia acreditar que fizesse isto, não podia acreditar que nem sequer o pensasse.

Começa a acreditá-lo, pensei, entrecerrado os olhos enquanto a determinação se precipitava através de mim, me reforçando.

—Arrastando a garotas inocentes com você? —Ryan estalou a língua— Cada dia se afunda mais. Troy, não é mesmo? É o novo sobrenome que se colocou? Engraçado. Troy<sup>1</sup> também foi derrotada.

—Como se atreve a falar de arrastar a garotas inocentes pela lama? —grunhiu Erik. Seu dedo esticando-se sobre o gatilho— Você começou a sair com Phoenix quando ela era sua aluna. Quanto depravado é isso?

A cólera obscureceu os traços de Ryan, não o suficientemente acalorada para ser considerada como raiva, mas ardente em todo caso.

—Não coloque Phoenix nisto.

—Não coloque a Camille tampouco. Ela não fez nada errado.

—Então por que há frascos do Onadyn se sobressaindo dos bolsos de seu vestido? — exigiu Cara, sem conter-se em permanecer mais em um segundo plano.

A agente que se chamava Kitten deu um passo e a recebi pela extremidade do olho. Pude ver que ela programava sua arma e apontava ao Erik.

*Age agora, Robins. Não terá outra oportunidade.*

Antes que pudesse discutir comigo mesma, elevei uma perna e minha bota se chocou com o pulso de Phoenix. A ação a assustou e lhe escapou a arma da mão. Com apenas uma pausa, agarrei fortemente ao Erik e o fiz girar.

Tudo o que seguiu pareceu passar a câmara lenta, mas logicamente sabia que era mentira... que tudo passava com rapidez. Empurrei ao Erik através da porta da rua. Seus reflexos eram estelares e ele sabia exatamente o que eu queria que fizesse sem que o pedisse. Fechou de repente a porta.

Pum. Zumbido.

Pum. Zumbido.

Crepitar. Crepitar.

Os agentes disparavam, alguns usavam armam, outros balas. As balas faziam buracos e o

---

<sup>1</sup> Refere-se a Guerra de Troia - A Guerra de Troia pode ter sido um grande conflito bélico entre gregos e troianos, possivelmente ocorrido entre 1300 a.C. e 1200 a.C. (fim da Idade do Bronze no Mediterrâneo). Segundo o poeta-épico, Homero, a guerra foi motivada pelo rapto de Helena, rainha de Esparta, por Páris, príncipe de Troia.



fogo derretia pedaços de metal.

—Corre, Camille —gritou Erik. Esperei que me agarrasse e saltássemos à carreira. Não o fez. Caminhou para trás, sua arma apontando à porta enquanto esperava que o A.I.R. irrompesse através dela. Uma faca descansava em sua outra mão, como tinha suspeitado.

Pela primeira vez, notei que não havia janelas.

Permaneci no lugar. Detrás de mim, escutei passos e soube que o A.I.R. aproximava-se, bloqueando todas as vias de fuga possíveis.

—Estão por toda parte! Temos que partir. —O pânico me percorreu, espesso e opressivo. Quase debilitante. Quase — Agora! Vamos!

—Merda, Camille. Escute-me esta vez e foge. Esconda-se. Se agarrarem aos dois, estamos perdidos. A causa estará perdida; os Outros morrerão.

—Não.

—As casas como estas estão preparadas para resistir um ataque, mas não resistirá muito mais tempo. Tem que ir. Agora.

—Não posso. —Sacudi a cabeça— Não posso te abandonar. Não o farei.

—Pegue o Onadyn e corre, maldição. —Ele não me olhou, mas sim seguiu observando a porta. Esperando... — Suplico-lhe! Trabalhei muito duro para que agora essas crianças morram.

Foge.

Fique. Não é uma covarde. Ajude-o!

Não, tem que fugir. Tem que salvar a essas crianças.

Oh, meu Deus, não podia decidir. Não sabia o que fazer. Movi-me, detive-me, movi-me, detive-me de novo. Insegura, tão, tão insegura. Que decisão tão horrível de tomar... e não tinha muito tempo para fazê-lo! Salvar aos Outros ou tentar salvar ao Erik. Se fosse simplesmente eu, partiria. Agora mesmo. Sem vacilar. Mas Erik...

—Ficarei e os reterei enquanto você leva as drogas. —Ele teria melhor sorte em fugir da captura. E eu, pois já tinha sobrevivido ao A.I.R. uma vez. Poderia fazê-lo de novo. E se não o fazia, cairia lutando.

—Camille. —Meu nome foi uma maldição, uma reza, uma dor— Sabe que não funcionará. Eles a derrubarão em minutos e irão atrás de mim imediatamente depois. Eu posso retê-los mais momento, dando a você o tempo necessário. Agora vá!

—Erik. Por favor. Não posso abandoná-lo —sussurrei com voz quebrada.

Grunhindo baixinho, ele se girou para mim e disparou um tiro a meus pés. Saltei. Raios amarelos chispavam no chão onde tinham estado minhas botas.

—Para! O que faz?

—Vá!

De todos os modos me mantive firme.

—Você será capaz de se esconder melhor e...

—Poderiam te matar desta vez, Camille. Entende-o agora? Preferiria que morressem os



Outros antes que você. Não o vê? —Ele disparou de novo, este mais perto— Parte! Ajuda-os e fica escondida.

—Erik.

—Vá! —Outro tiro.

Não saltei desta vez nem afastei o olhar do seu. Passou uma eternidade enquanto observava fixamente aqueles escuros olhos deles. Um mero segundo.

—Vá.

—Está bem —disse.

As lágrimas queimaram em meus olhos enquanto retrocedia pouco a pouco. Eram diferentes a todas as que tinha derramado antes. Eram nascidas do medo, não do tumulto. Eram nascidas da esperança e do desespero. De acordo. Vai deixá-lo? Covarde!

Não, covarde não. Deixava a alguém que amava para salvar a outros. Deixá-lo era a opção correta... não o melhor, não o que eu queria. Isto me destroçava por dentro, mas salvaria àqueles aliens. Apesar disso, as lágrimas caíram profusamente por minhas bochechas.

Nesse mesmo instante, a porta explodiu, igual o fizeram várias janelas de cima. Erik arrancou sua atenção de mim e disparou aos agentes que tentavam irromper dentro. Não, ele não lhes apontava, compreendi, me apertando contra a parede, tremendo, chorando mais forte. Erik não queria realmente feri-los ou matá-los. Ele apontava além deles, tentando mantê-los fora e me proporcionando o tempo que me tinha prometido.

Mais passos se repetiram detrás de mim.

Usando as sombras em minha vantagem, engatinhei para a parte traseira da casa. Os agentes pareciam estar por toda parte, correndo e precipitando-se em todas as direções. Eram negras navalhadas de mortal poder. Ameaçadores portadores de morte.

Como ia sair sem ser detectada?

Uns segundos mais tarde, vários dos agentes me descobriram e se precipitaram para mim. Permaneci quieta, insegura do que fazer. Eles tinham uma arma... e eu tinha outra, verdade? Acabava de colocar a mão em minha bota e curvar os dedos ao redor do punho de uma adaga, quando o primeiro agente me alcançou. Deu-me um soco no rosto e gritei. Saí voando, a faca esquecida e com o sangue gotejando de minha boca.

Ainda em sua linha de visão, Erik foi testemunha de tudo. Soltou um enorme rugido, agudo, profundo, como o de um animal e um raio âmbar explodiu.

O homem que tinha me golpeado caiu ao chão a meu lado, com um enegrecido buraco perfurando seu peito. Não se moveu. Estava morto. Morto. Joguei uma olhada sobre meu ombro, com os olhos bem abertos, e vi que a arma do Erik fumegava. Ele o tinha matado. Por mim. Não tinha matado ninguém por ele, mas tinha matado por mim.

Ele disparou aos outros que se lançavam para frente por mim, esquecendo-se dos outros que queriam detê-lo. Quando estes o alcançaram, saltaram sobre ele, derrubando-o, dando-lhe chutes e murros.



—Não —gritei, me levantando de repente. Não!  
Boom!

Uma explosão balançou toda a casa, me lançando para trás. Nuvens de fumaça encheram o ar, mais espessos que antes. Choveram pedaços de pedra e madeira. Erik, suspeitei, tinha criado de algum modo uma distração para mim. Mas eu não podia partir. Não antes que me assegurasse que estava bem.

Levantei-me de novo com pernas instáveis e joguei uma olhada a meu redor, com os olhos ardendo e chorosos. As janelas de meu nariz picavam. As pessoas estavam estendidas no chão, gemendo. Outros estavam em silêncio, inconscientes ou mortos.

—Erik? —Tossi— Erik?  
Nenhuma resposta.

—Erik! —Um puro terror me encheu. Não o via. Onde estava? Meu olhar se dirigiu para fora, além da entrada que tinha sido destruída pela rajada. Ofeguei, tanto aliviada como horrorizada. Phoenix, Ryan, Cara, e Kitten tinham ao Erik preso ao chão. Mas ele ainda lutava. Com todas suas forças, ainda lutava, seu corpo corcoveando. Seus membros sacudindo-se.

Quis desesperadamente ir para ele. Ajudá-lo. Fazer algo, qualquer coisa, para salvá-lo. Hoje ele tinha me ensinado o básico, mas, profundamente em meu interior, sabia que esses movimentos não eram suficientes para derrotar a esta gente. Se o tentava, também seria capturada. Sabia. Ele sabia, e por isso me havia dito que corresse. Não havia forma de negá-lo, de enganar a mim mesma. Estes agentes estavam extremamente treinados e seu número era tão superior que logo conseguiriam submeter ao Erik completamente.

Não podia ajudar a ele e aos Outros que necessitavam o Onadyn que levava.

De novo confrontei a uma decisão. Tinha pensado que já tinha escolhido, que estava preparada para correr, mas a visão de Erik tão necessitado...

Podia deixar aos aliens morrer ou tentar libertar o Erik sem garantias de ter êxito, possivelmente até destruindo esta oportunidade que ele me tinha brindado. *Evita a captura agora e poderá lutar por liberá-lo mais tarde.*

Mas não podia deixá-lo. Não desta forma.

Tem que fazê-lo. Tem que permanecer livre e assim poderá resgatá-lo, ao Silver e a Shanel. Ele sabia que isto aconteceria.

Vacilante, mordi o lábio inferior.

Erik quer que você parta. Pensa em tudo o que ele fez por você. Agora você deve fazer isto por ele.

Isso finalmente me convenceu. Mais que tudo, Erik queria que aqueles Outros se salvassem. Tinha deixado sua vida e sua carreira por eles. E agora, eu renunciaria a meus próprios desejos por eles. Não, por ele. Pelo Erik.

Piscando, engoli minhas lágrimas, girei sobre meus calcanhares e corri. Simplesmente corri.

Quando cheguei a uma rua pública, fiz gestos a um táxi, disse ao condutor que me levasse a



Distrito Sul, e sua cara cor moca empalideceu.

—Tem certeza que quer ir ali? —perguntou, seu desgosto manifesto.

Assenti com a cabeça. O suor cobria minha pele. Minha respiração saía baixa e rápida. Constantemente jogava olhadas sobre a janela traseira, esperando ver os agentes conduzindo a toda velocidade pelo caminho. Graças a Deus, não o faziam. Esfreguei mil vezes a nuca, os ombros, me assegurando que não tinha ali nenhuma ferida. Se tinham me implantado um chip GPS...

Tratei de não pensar nisso. Tratei de não pensar no Erik, no que lhe ocorria. Eles não o matariam. Haviam-no dito muitas vezes. Ou estiveram mentindo em uma tentativa de fazê-lo cooperar? Agora tinham o que queriam. O laboratório. As drogas.

Por favor, mantenham Erik a salvo, rezei.

Alcançamos o Distrito Sul vinte minutos mais tarde e paguei ao condutor com o dinheiro em efetivo que Erik meteu na minha bota antes. No caso de precisar, havia dito.

Estremecendo-me, dei um passo fora, e explorei o edifício de apartamentos que Erik tinha mencionado. O ar da noite ainda era fresco, mas isso fez pouco para acalmar o ardor de meu medo e meu esgotamento. O táxi se afastou a grande velocidade, chiando os pneus.

Observei o edifício frente a mim e meu estômago tocou fundo. Os Apartamentos Outros-mundos.

Arruinados, tal e como Erik havia dito. Havia buracos aos lados e a metade do terraço faltava. Aproximei-me hesitantemente. Um MEC nu e bêbado estava deitado diante dos degraus, roncando. Estava atirado sobre suas próprias pernas e tinha partes secas em sua branca pele.

Envergonhada, saltei sobre ele. Procurei em meu cérebro, mas não podia recordar que Erik me houvesse dito um número de apartamento específico. Maldição! Se fosse necessário, chamaria porta por porta.

Não havia ninguém nos apartamentos do nível inferior, assim subi as escadas até o segundo piso. Vários degraus faltavam e os outros eram simples lajes quebradas de concreto. Cair para um escuro abismo era uma autêntica possibilidade. A sujeira e a imundície cobriam cada centímetro do lugar, e o aroma de urina, suor e mantimentos podres impregnava o ar. Quanto mais alto subia, mais náuseia sentia.

Comprovei cada apartamento daquele piso, e logo do terceiro. Encontrei algum Outro zangado que agitou o punho em minha cara e me separou de sua porta. Até encontrei a um humano que quis me vender seus “serviços”.

Senti-me orgulhosa de mim mesma. Não saí correndo.

No quarto andar, encontrei-me com várias espécies diferentes de aliens, mas todos usavam a mesma roupa andrajosa e estavam magros como varas. Uma alma valente, um adolescente masculino que protegia seu território, agitou uma faca frente a mim. Mostre-lhe a minha, que era maior, e ele se afastou para trás.

Não queria feri-lo; queria chorar.

Jamais tinha visto tal pobreza em minha vida e tudo dentro de mim se derrubava igual a este



edifício. Ninguém abriu a porta no seguinte apartamento, que estava entreaberta, assim lentamente a empurrei e entrei. A morte fluuava no ar, espessa, negra. Ofegantes gemidos se repetiram em meus ouvidos. Nesse momento soube, soube, que estava no lugar correto.

Uma Zi Kara com a pele pálida estava tombada sobre seu estômago, com uma taça a seu lado, o líquido ainda molhando o sujo tapete. Parecia como se ela tivesse estado andando para a cozinha e simplesmente se derrubou. Sua cabeça estava inclinada a um lado e pude ver que tinha os olhos abertos, frágeis, e fixos à frente.

Os Zi Karas eram altos e fracos, com a pele cinza e lisa, quase como os de uma foca. Agora mesmo, sua pele mostrava-se manchada de amarelo. Por favor, que esteja viva, rezei.

Agachando-me a seu lado, virei-a de barriga para cima com cuidado. Seus lábios também estavam amarelos, e sua respiração era áspera e tênue, superficial. Estava viva! Lentamente seus negros olhos se dirigiram para mim, suplicantes, mendigando silenciosamente ajuda. Suas bochechas, que deveriam ter sido arredondadas, quase gordas, estavam afundadas.

—Erik me enviou—disse, agarrando-a pelo pescoço e levantando-a. Meu coração se quebrava por ela. Tão necessitada. Tão perto da morte. Isto não tinha que acontecer. Isto não deveria acontecer.

Ela abriu a boca para dizer algo, mas não surgiu nenhum som.

Procure em meu bolso e retirei um frasco. Desarrolei-o com os dentes e um pouco de líquido salpicou minha língua. Era insípido, refleti, enquanto um enjoo me golpeava. Por uma fração de segundo, meus pulmões se congelaram, rechaçando encher-se de ar.

O pânico não teve tempo de jogar raízes. Um segundo mais tarde, respirava com normalidade. Deus querido. Isso era o que os viciados experimentavam? Como podiam suportá-lo?

Sacudindo a cabeça para recuperar a atenção, verti o conteúdo pela garganta da mulher. Ela engoliu com gula. Ao princípio, não aconteceu nada. Mas devagar, muito devagar, a cor amarela de sua pele cedeu lugar à cor cinza. Seus frágeis olhos se limpavam, fazendo-os parecer a ônix polido.

—As crianças —ofegou, sua voz profundamente acentuada— Meus filhos.

Levantei-me e me apressei a procurar pelo apartamento. Um menino, um varão, estava deitado meio fora do chão do banheiro. O outro, uma menina adolescente, estava apoiada na cama, com o olhar perdido em outro silencioso mundo.

Dei um frasco do Onadyn a cada um

Foram mais lentos em recuperar-se que sua mãe. E durante muito tempo, não pensei que o menino o obteria. Inclusive com a droga, estava fraco e necessitado. Mais lágrimas queimaram minhas pálpebras.

Não era assombroso que Erik lutasse tão ferozmente por esta gente.

Isto era terrível. Terrível e cruel.

Estes alienígenas eram inocentes. Como podia o A.I.R. lhes negar o Onadyn? Como?



Uma família como esta não deveria ser castigada pelos pecados de outro. Inocentes. Inocentes. A palavra se repetia continuamente em minha mente. Durante muitos anos tinha ignorado tudo isto. Talvez o desconhecesse porque não tinha querido sabê-lo. Talvez a informação simplesmente não fosse acessível ao cidadão comum.

Já não importava.

Tinha que fazer-se algo.

Fiquei no apartamento durante mais de duas horas, me assegurando que a família ia estar bem. Deixei à mãe - -seu nome era Norenne — em posse de todos os frascos. Ela levou quatro a seu vizinho, que estavam em tão má forma como ela o tinha estado.

Embora as crianças do vizinho nunca despertaram.

Quando parti, tinha o coração quebrado, mas estava mais decidida do que estive em minha vida. Ia salvar ao Erik e ia salvar a estes Outros. Fugir do conflito? Nunca mais!

## CAPÍTULO 14

Depois de comprar uma câmara holográfica descartável e — engoli ao recordá-lo — ter tirado umas fotos das crianças alienígenas mortas (certamente a coisa mais difícil que alguma vez fiz), caminhei para uma cabine pública e marquei o número de Shanel. Esperava deixar uma mensagem, mas ela respondeu sobre o quarto toque.

—Sim? —perguntou, sua áspera voz soava... rasgada. Sonolenta?

—Deus, estou tão contente de que esteja em casa —respirei aliviada. Havia uma estrada perto e queria sair de minha pele sempre que via um carro. Alguns sem teto caminhavam em zigue-zague pela calçada a minha esquerda— Está bem? Fizeram-lhe mal?

—Camille? É você?

—Sou eu.

—Doce Jesus, não sabe quão contente estou de escutar sua voz! As coisas estavam genial e de repente eles nos pegaram! Surpreenderam-nos, e eu não sabia o que fazer. Mas tem que desligar —disse ela urgentemente— Acredito que rastreiam minhas chamadas. Acredito que essa é a única razão pela qual me liberaram. Sério, estou bem. Tive problemas com meu pai, mas eles... —Ela se afogou com um soluço— Têm ao Silver preso. Eles me interrogaram e logo enviaram para casa.

—Me alegro que esteja bem —o disse— Amo você.

—Eu também a amo.

Desliguei. Shanel estava a salvo, assim que uma menos da que me preocupar. Só rezava para que o A.I.R. não rastreasse minha chamada. Nesse caso, caminhei até uma esquina e usei outro telefone público para chamar a meus pais.

—Encontrem-se comigo frente ao Ship's quanto antes —disse e desliguei. Queria dizer mais,



falar com eles, mas não podia me arriscar. Tremendo, peguei um ônibus. Cada ruído inesperado, cada pessoa que me olhava, provocava-me um torvelinho de pânico.

Uma vez ali, esperei entre as sombras, colada à parede do edifício. Meu coração quase saltou um batimento quando vi o carro de meus pais. Dirigiram-se para o estacionamento. Olhei ao redor, procurando a qualquer que os seguisse.

Ninguém o fazia. Que eu pudesse ver. Realmente vai fazer isto?

Oh sim. Suando, tentada a ficar nas sombras, caminhei lentamente para seu carro. Tinham estacionado e estavam a ponto de descer. Precipitei-me para eles, abri a porta de atrás, e me lancei dentro, ficando tão abaixo como era possível. Tinha metido a câmara no bolso e esta me arranhou o estômago.

Quando me viram, os dois ofegaram.

—Arranca, papai.

—O que...?

—Arranca!

Ele saiu do estacionamento, com os pneus chiando.

Minha mãe se retorceu no assento e me olhou fixamente.

—Camille, nem sequer sei o que te dizer. —O medo e o alívio se mesclaram na voz de minha mãe.

—Não me olhe. O rosto para frente. E vigia se nos seguem.

Ela obedeceu, chorando:

—Oh, minha menina. Oh minha menina, minha menina. Estive tão preocupada.

Quis abraçá-la desesperadamente, mas sabia que não podia. Meus olhos procuraram a meu pai. Inclusive de perfil, pude ver que sua expressão era severa e zangada. Parecia ter uns poucos fios brancos mais em seu cabelo e mais rugas no rosto.

—Senhorita —foram as primeiras palavras que saíram de sua boca— Tem muitas coisas que explicar. Por que seu cabelo é azul? Por que leva um vestido? O que ocorre? Nunca tive que me preocupar com você antes e, de repente, isso é tudo o que posso fazer. O A.I.R.? Onadyn?

Minha mãe jogou a mão para trás e agarrou a minha, apertando-a. Com a outra, limpou as lágrimas que escorregavam por suas bochechas. Tinha o rosto vermelho e manchado de chorar. Sua camisa estava enrugada em um lado, como se tivesse retorcido o material muitas vezes.

Permanece forte.

—Examinou as leis do Onadyn? —perguntei. Sentia as pernas fracas, teria caído se estivesse de pé.

—Não. Não há necessidade. Não vamos nos envolver.

—Tenho fotos —disse, tirando a fina câmara de dentro de meu bolso— Estes Zi Karas estão relacionados com um alien que cometeu um crime. Não podem conseguir o fornecimento do Onadyn que necessitam. Morrem. Estão...

—Destroí as fotos —grunhiu meu pai antes que pudesse explicar algo mais— Não podemos



ter nenhuma prova que se relacione com criminosos outros-mundos.

—Papai. Por favor. Só as olhe. —Segurei a câmara e pressionei um botão que provocava que uma das fotos se cristalizasse, formando um holograma.

Sem afastar os olhos do caminho, ele sacudiu a cabeça.

—Não quero vê-las. Não deve fazer nem dizer nada que a incrimine de algum modo.

A derrota pareceu me rodear, mas continuei.

—Os aliens morreram, papai. Tentei salvá-los lhes levando Onadyn. Violei a lei. Faz-me isso uma má pessoa a seus olhos? Uma que merece ir à prisão?

Seus severos traços se derrubaram, algo que quase fez derrubar a mim.

—Pensei que a tinha educado melhor —sussurrou com a voz quebrada— Pensei que te ensinei que a família era o principal. Possivelmente seja um pai terrível. Possivelmente...

—É um pai maravilhoso —disse, interrompendo-o—, e a amo. Mas abri os olhos. Não posso ignorar que há gente que sofre. Não posso fingir que não há nada que possa fazer para ajudá-los.

—Não quero ouvir isto. É minha única filha. Quero você a salvo. Sempre.

—Só me escute até o final. Por favor. —Quando ele permaneceu calado, deixei que toda a história fluísse de mim. Cada detalhe. Não deixei nada fora. Enquanto falava, eles empalideceram. Choraram.

—Oh, Camille. —Minha mãe deixou cair a cabeça em suas mãos abertas— Isso muito bem poderia ter lhe custado uma prisão perpétua.

Empurrei a câmara para eles de novo, passando as tristes imagens uma por uma.

—Morrem —disse— As crianças morrem porque não podem conseguir o Onadyn que necessitam.

Meu pai passou a mão pelo rosto, uma ação que recordou ao Erik. Erik. Pensar nele fez que meu estômago se apertasse. O que lhe faria o A.I.R.?

Estaria bem?

—Não posso deixar que se envolva mais nisto, Camille —disse meu pai, negando com a cabeça. Já não estava zangado, estava triste— Poderiam te matar. E colocou sua vida em perigo. E seu futuro... — Ele pressionou os lábios e sacudiu a cabeça— Não. Sinto muito.

Olhei-o atentamente, resolvida.

—Esta noite salvei vidas. Fiz uma diferença. Juntos podemos fazer mais.

Ele agitou uma mão no ar, a ação cortada, zangada.

—Não me importam os Outros. Importa-me você.

A voz de minha mãe tremeu quando disse:

—Não posso te perder, querida. É tudo o que tenho.

—Não me perderá —prometi, mas ambas sabíamos que não era uma promessa que pudesse cumprir— Se sobrevivi a esta noite, posso sobreviver a qualquer coisa.

—Não —disse ela.

—Não —reiterou meu pai— Sabe o que me aconteceria se tentasse mudar as leis do



Onadyn? Seria despedido. Nenhuma outra firma me contrataria. Perderíamos meu salário, a casa, os carros, nosso alimento. —Seus traços se endureceram— A levaremos ao escritório central do A.I.R. e lhes diremos que a obrigaram. Eles deixarão de caçá-la e poderemos fingir que esta noite nunca aconteceu.

Erik tinha perdido tudo por essa gente e meu pai queria piorar sua situação dizendo que ele me obrigou. De nenhuma maldita forma. Tinha que fazer algo! Encontrar a alguém que pudesse me ajudar. Mas quem?

—Está sangrando —ofegou de repente minha mãe.

Olhei a atadura que cobria meu braço. Umas diminutas gotas de sangue se secaram sobre a borda. Recordei como aquela mulher, Mia, tinha-me apertado a ferida, tentando me machucar para que lhe dissesse o que ela queria saber. Meus olhos se aumentaram enquanto uma ideia surgia em minha mente...

Mia tinha sido dura, severa. Mas tinha procurado a verdade. Erik acreditava que era meio humana, meio alien. Se fosse assim, ela poderia entendê-lo. Poderia compadecer-se.

Embora, ajudaria-me? Acreditava que eu era culpada de vender drogas aos humanos. Não tem a ninguém mais agora mesmo.

Valia a pena tentá-lo.

O mais que Mia podia fazer era me matar e fui ameaçada tantas vezes com isso que já não me importava. O qual era tão triste quanto poderoso.

—Leva-me ao A.I.R.? —perguntei a meu pai.

—Sim. E não quero que fale com eles. Eu me ocuparei de tudo. Farei o que seja necessário para limpar seu nome.

Não o contradisse. De fato, sentei-me ereta no assento e esperei.

## CAPÍTULO 15

COM a cabeça bem alta, dei um passo no A.I.R., com meus pais aos lados. As portas de vidro se fecharam detrás de nós e estudei meu entorno com nervosismo. Não é tarde. Ainda pode fugir. Segui caminhando para frente. Os agentes abarrotavam o vestibulo, alguns foram daqui para lá com pastas nas mãos, outros arrastando a vociferantes Outros para... Deus sabia onde. As celas?

Provavelmente, averiguá-lo-ia pessoalmente.

Enquanto nos aproximávamos do balcão principal, mantive os ombros retos e a expressão em branco. É óbvio, fomos parados antes de alcançar meu destino.

Uma voz mecanizada anunciou minha entrada e os alarmes explodiram.

—Esperem um minuto —gritou meu pai— Ela é inocente.

O agente masculino detrás do balcão retirou sua pyre-arma e a apontou a meu coração.



Franzindo o cenho para mim, gritou:

—Alto! Permaneça onde está. Mãos para cima.

Obedeci sem protestar.

—Estou desarmada —lhe respondi, me negando a mostrar medo. Tinha deixado minhas facas no carro.

—Está desarmada —gritou meu pai— Guarde em seu lugar a arma.

Minha mãe ficou frente a mim, mas eu a empurrei fora de meu caminho. Segundos mais tarde, um grupo de agentes correram para mim. Atiraram-me ao chão, tirando o ar de meus pulmões. Aturdida, não disse nenhuma palavra enquanto me atavam os pulsos e me colocavam de pé de um puxão.

—Deixem-na —ordenou com severidade meu pai— Viemos limpar seu nome.

—Fique aqui, velho —ordenou um dos agentes.

Poderiam ter me matado e meio esperava isso, mas não o fizeram. Em troca, arrastaram-me enquanto meu pai gritava e minha mãe chorava. Fui escoltada até uma cela e presa a uma cadeira, igual a antes. A maior parte dos escombros anteriores tinham sido limpos.

—Eu gostaria de falar com a Mia —disse, com tanta segurança como pude— Tenho a informação que busca.

Ele soprou e o grupo saiu do quarto, me deixando sozinha.

Quanto tempo passou, não sabia. A cada poucas horas, era desatada da cadeira e acompanhada a um banheiro onde um guarda feminino me vigiava enquanto usava as instalações. Jamais passei tanta vergonha em minha vida.

Uma vez, alguém limpou minha ferida e a enfaixou de novo. Mas por fim, graças a Deus, Mia entrou na cela. Por desgraça, Phoenix e Cara estavam com ela. As três mulheres traziam expressões furiosas, atrevi-me a pensar, reticentes?

—Tem alguma informação para mim? —disse Mia.

Parou justo diante de mim.

Olhando-a, levantei meu queixo e disparei todas as perguntas que havia estado guardando em meu interior.

—Como estão meus pais? Onde está Erik? Está bem?

—Você não faz as perguntas —grunhiu Cara— É tão culpada quanto ele e merece o mesmo castigo.

—Disse-nos que era inocente em tudo isto —me disse Mia.

—Antes o era — elevei o queixo e fiz uma careta.

Não voltaria atrás.

Cara arqueou uma escura sobrancelha.

—Antes do que? Antes de começar a se deitar com o Erik?

Se minhas mãos estivessem livres, poderia tê-la esbofeteado.

—Cara —disse Mia— Se tiver que te jogar da cela de novo, ficará atrás de uma escrivaninha



no próximo mês.

Cara apertou os lábios.

Mia cabeceou para mim, em uma ordem silenciosa para que continuasse.

—Me diga o que queria me contar.

—Erik não esteve vendendo Onadyn aos humanos. Virtualmente esteve o dando de presente aos Outros por uma fração muito pequena do preço pelo que os compra. Disse-me que os dava em troca de nada durante muito tempo, mas que quando perdeu tudo, teve que começar a vendê-lo. Eu... — vamos, acaba com isto! — tirei fotos para demonstrar como morrem, como sofrem.

Os olhos de Mia se estreitaram, ocultando o azul claro de sua íris e deixando só o negro.

—Onde estão essas fotos agora?

—Meu pai está com elas. Podem estar em seu carro —se as tinha destruído em uma tentativa por me proteger... não sabia o que faria— Aliens inocentes morrem, e a esses é aos que Erik quer salvar. Eles são aos que eu quero salvar.

—Não importa —disse Mia, sem mostrar nenhuma piedade— Os dois violaram a lei.

Olhei-a fixamente, e uma ideia se formou em minha cabeça.

—Notei que uma de suas próprias agentes, sua própria amiga, é uma alien. Uma Teran, acredito. Vi-a na primeira noite, depois da perseguição de carro, e outras vezes depois.

—É Kitten —disse Phoenix, dando um passo para mim e irradiando um ar de desafio.

—E se ela fosse uma dos que o necessitassem? E se ela não pudesse consegui-lo? Fariam o que fosse para ajudá-la, verdade? —necessitada como estava, continuei— Erik esteve ajudando a uma família a sobreviver, uma família a que ama. Que crime há nisso?

—Não sabe do que fala —disse Cara, mas tinha perdido todo o calor de sua fúria. Olhava-me franzindo o cenho.

—Escuta —Phoenix inclinou a cabeça a um lado, me estudando— Eu era uma viciada — confessou, e as palavras me surpreenderam— Sei o que o Onadyn pode fazer a uma pessoa quando abusa dele. O regulamos para impedir que os humanos o experimentem. O regulamos para impedir aos aliens predadores ficar aqui.

—Um drogado será um drogado, não importa quantas drogas regule —indiquei— E só porque em uma família alien haja um depredador não significa que o resto também o seja.

Ninguém teve uma resposta para isso.

—Consigam essas fotos de meu pai —suplicuei— Ele pode tentar lhes dizer que Erik me obrigou a ajudá-lo, mas é mentira. Eu não sabia o que passava a última vez que falamos, mas agora eu sei. Agora ajudo ao Erik. De boa vontade

Um silêncio absoluto reclamou toda a cela. Minha respiração me soou irregular em meus ouvidos. O suor cobriu minha pele. Dependia tanto do que viesse depois! Tanto!

Cara passou uma mão por seu rabo-de-cavalo.

—Pode ter adulterado essas fotos. Vê-las não mudará nenhuma maldita coisa.

De novo, olhei-a atentamente, lutando contra a decepção.



—Você saiu com o Erik, assim sabe que tipo de pessoa é e o muito que se preocupa com outros. Como pode pensar, nem sequer por um instante, que ele faria isto sem uma boa razão? Ou entendo que pensou mais tarde e por isso está tão amargurada?

Antes que pudesse responder, acrescentei:

—Quantas vezes tenho que dizer? Ele protegia vidas inocentes. Não é isso o que se supõe que faz o A.I.R.? Proteger?

—Vidas humanas —disse Mia e logo franziu o cenho.

—Vidas inocentes —repeti.

Se ela era metade alien, tinha que compreender isso. Tinha que aceitá-lo.

Com um grito, Cara tirou uma arma e a apontou para mim.

Phoenix se dirigiu para ela.

—Guarde essa arma em seu lugar, Cara. Agora!

Permaneci exatamente como estava, sem me mover. Meu coração galopava em meu peito.

—Deixa que me acerte um tiro —disse corajosamente, despreocupada— Obviamente sou uma humana má. Fui, sou obviamente, uma humana perversa. Fui, ops, pega com drogas.

—Cara —Mia falou baixinho, em silêncio, mas houve uma ordem absoluta em seu tom.

A mão de Cara tremeu.

—Não. Não baixarei a arma. Quero que ela admita que fez algo errado. Olha-a, como satisfeita e superior se sente.

—Quer que admita que me equivoco? Por que? Para que assim possa continuar acreditando que traiu ao Erik e lhe deu as costas por uma boa razão? —ri, mas foi um som temeroso. Não só desprovido de humor como antes, mas também histérico, selvagem. — Profundamente em seu interior sabe que a que se equivoca é você, não eu.

—Phoenix, vá em busca do pai de Camille e se assegure que tem essas malditas fotos —grunhiu Mia.

Phoenix girou sobre seus calcanhares e saiu sem uma palavra.

Cara manteve a arma apontando para mim.

Comecei a suar. Mia estudou as unhas, mas podia sentir a tensão irradiando dela. Talvez minhas palavras a fizeram pensar. Ou, ao menos, isso esperava.

Uma eternidade mais tarde, Ryan e Phoenix entraram na cela. Suas expressões eram severas e vinham com as mãos vazias.

—Onde estão? —exigiu Mia.

—Venha conosco —disse Ryan, e passou preocupado dois dedos pela boca.

Os olhos de Mia se estreitaram, de novo ocultando o magnético azul e deixando só aquelas afiadas pupilas negras.

—Por que?

—Erik por fim falou —respondeu Phoenix— Está disposto a negociar.

—O que? —ofeguemos Cara e eu de uma vez.



Mia me desatou e cada um deles abandonou a cela – inclusive Cara e sua arma – me deixando sozinha. Erik negociava? Tinha jurado que nunca o faria. Que nunca cederia. A preocupação me invadiu enquanto massageava os pulsos. Por que faria tal coisa? Tinham-no torturado tão horrivelmente que agora não tinha nenhuma outra opção?

Maldição! Queria respostas e as queria já.

—Mostrem-me isso naquela tela —gritei.

Mas passou um minuto, e logo outro, e a tela nunca apareceu.

Levantei-me e comecei a passear pela cela, amaldiçoando todo o momento. Este era meu castigo? A tortura do não saber? De não parar de me fazer perguntas? O que lhes está contando, Erik? Finalmente, umas horas mais tarde, a equipe inteira retornou. Pareciam cansados, aliviados e zangados de uma vez.

—O que ocorre? —exigi— O que lhes disse?

—É livre para ir —me disse Mia.

—O que? Por que? O que mudou?

Cara apareceu a seu lado. Não encontrou meu olhar, mas sim olhou por cima de meu ombro.

—Ele fez um trato. Por você. —disse, cuspindo as últimas palavras.

Por mim? Naquele momento, não sabia o que pensar, sentir ou dizer.

—Temos sua confissão completa —disse Mia— Nos ajudará a nos infiltrar no grupo.

—Não —bati o pé— Não! As pessoas morrerão.

—Não, porque vamos fazer tudo o que pudermos para ajudá-los.

Meus olhos se abriram como pratos e meu coração reduziu a velocidade de seu errático e furioso batimento.

—De verdade?

—Seu pai nos deu as fotos. Aquela menina... —a voz da Mia se acalmou— O que você e Erik fizeram, bom, estava errado. A forma em que o fizeram está mau. Mas o fim era —encolheu os ombros—, bom. E não seria justo te castigar por salvar às pessoas de uma morte certa —fez uma pausa e me olhou atentamente—. Seus pais estão aqui e estão impacientes para vê-la.

Tínhamos ganhado, pensei. Realmente tínhamos ganhado! Uma pequena vitória, mas uma vitória ao fim e ao cabo. Não pude me conter; gritei e a abracei. Não me devolveu o abraço, mas deu palmadinhas no meu ombro. Seu cabelo, suave como o de minha mãe e igualmente escuro, roçou minha bochecha.

—O Onadyn não será legalizado em um futuro próximo —me disse—, mas conseguiu chamar nossa atenção sobre a necessidade de uma distribuição correta.

Não podia deixar de sorrir enquanto me conduzia por um corredor longo e tortuoso para um vestíbulo do A.I.R. Meus pais estavam sentados sobre um sofá e se levantaram quando me viram. Corri para minha mãe e ela me abraçou forte, chorando.

—Estou tão orgulhosa de você.

Retirei-me e elevei a vista para meu pai. Seus traços eram severos.



—Eu também estou orgulhoso —admitiu ele— O que fez... bom, tinha razão. Antes, falava minha preocupação por você. Simplesmente não volte a me assustar assim de novo, querida. Amo muito você para perdê-la.

Empurrou-me a seus braços. Eu lhe devolvi o abraço com todas minhas forças e não me retirei até que meu braço ferido gritou em protesto.

—Camille?

Ouvi a voz do Erik e me virei, suspirando de prazer quando o vi. Estava machucado e cheio de cortes, muitos mais que antes, e vestia o simples uniforme branco da prisão. Tinha um braço na tipóia, mas estava vivo. A alegria me alagou como nunca o havia sentido. Corri e me lancei a seus braços.

Ele me agarrou e me fez girar, me levantando com um braço e me beijando profundamente.

—Está bem? —demandou um momento mais tarde, me deixando no chão e cobrindo minha mandíbula.

Meu pai limpou a garganta e Erik e eu nos separamos a contra gosto. Fiz as apresentações.

—Só um minuto mais, papai —disse, sem esperar sua resposta enquanto puxava Erik para um escuro canto.

—Está bem? —repetiu Erik quando estivemos sozinhos.

—Estou bem —disse— E você? —meu olhar vagou por seu rosto, recolhendo cada detalhe— Como está? Como se sente?

—Bem, agora que está aqui. Deus, senti sua falta! —beijou-me outra vez, uma união rápida de lábios que me esquentou por dentro.

Quando nos separarmos, olhamo-nos fixamente um ao outro, sorrindo amplamente.

—Fizemos —lhe disse— Aquelas famílias serão atendidas a partir de agora.

—Você o fez —replicou ele e me beijou outra vez— Você, a garota mais valente e doce que jamais conheci.

—Não. Negociou por mim. Não posso acreditar que fizesse isso.

—Disse a você. Se tinha que escolher entre você ou os Outros, escolheria a você sempre. As boas notícias são que eles me concederam uma consideração especial agora.

Beijei-o outra vez, só por ser tão doce.

—Sabe o que decidi? Vou à universidade e me tornarei uma advogada de direitos alienígenas. Vou mudar as leis, de uma vez por todas.

Seu sorriso se alargou.

—Se alguém pode fazê-lo, essa é você.

Naquele momento me senti capaz de tudo. O futuro era brilhante e promissor, e planejava vivê-lo ao máximo, fazendo o que pudesse para ajudar àqueles que o necessitavam. Tinha passado de ser uma covarde a uma lutadora.

—Possivelmente eu também vá por fim à universidade —disse ele— Possivelmente possamos trabalhar em equipe, lutando pelos Outros.



—Trema, mundo —murmurei e ele riu.

Sim, trema mundo. Por fim tinha encontrado a mim mesma e não havia nada que pudesse me parar agora.

Fim



**\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros da Tiamat.**

*Muita gente está querendo ganhar fama e seguidores usando os livros feitos por nós.*

*Não retirem os créditos do livro ou do arquivo.*

*Respeite o grupo e as revisoras.*